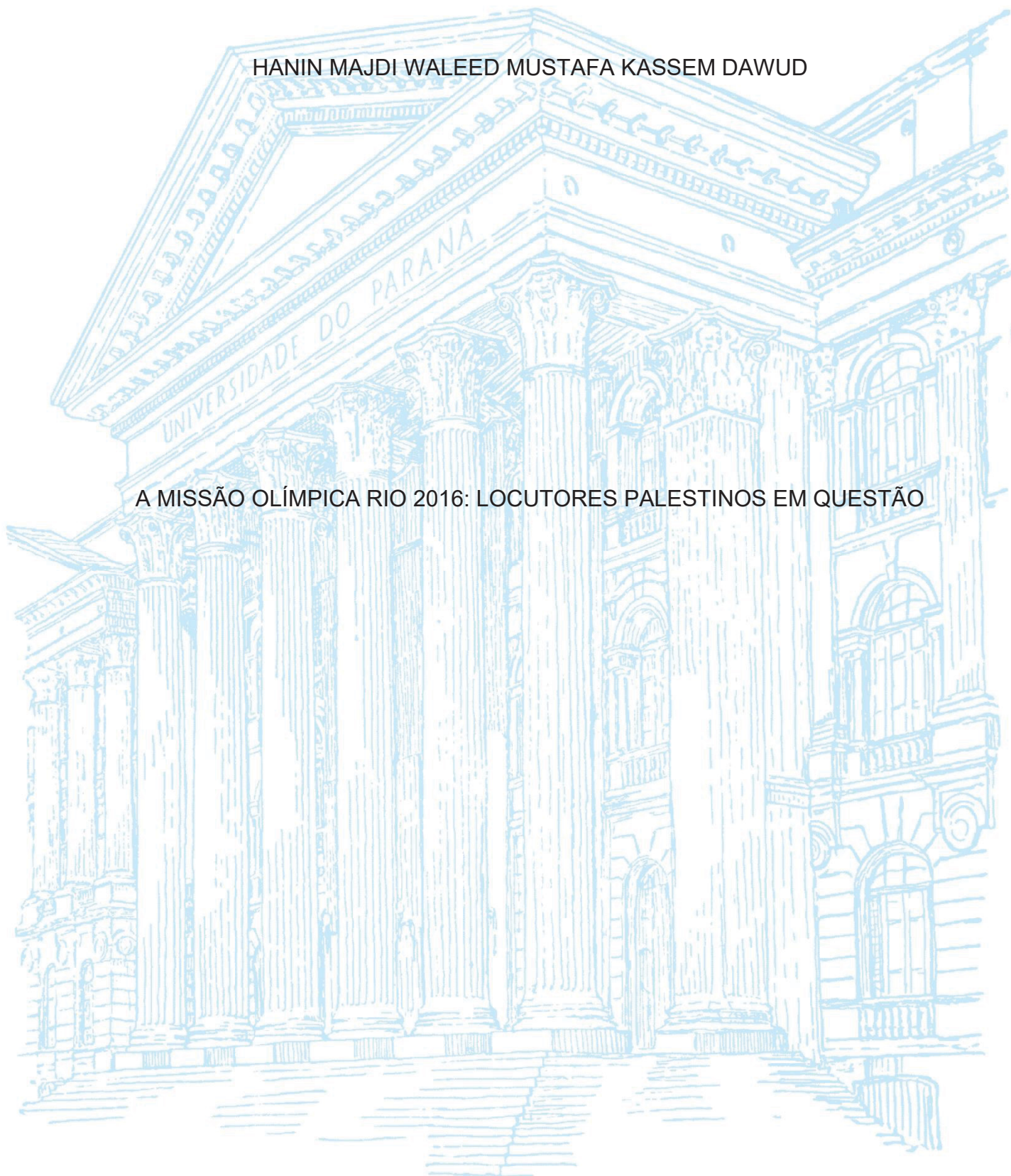


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HANIN MAJDI WALEED MUSTAFA KASSEM DAWUD

A MISSÃO OLÍMPICA RIO 2016: LOCUTORES PALESTINOS EM QUESTÃO



CURITIBA

2020

HANIN MAJDI WALEED MUSTAFA KASSEM DAWUD

A MISSÃO OLÍMPICA RIO 2016: LOCUTORES PALESTINOS EM QUESTÃO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva

CURITIBA

2020

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Dawud, Hanin Majdi Waleed Mustafa Kassem

A missão olímpica Rio 2016 : locutores palestinos em questão /  
Hanin Majdi Waleed Mustafa Kassem Dawud. – Curitiba, 2020.  
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor  
de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Educação  
Física.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva.

1. Olimpíadas. 2. Esportes. 3. Rio de Janeiro (RJ). 4. Palestina. I.  
Moraes e Silva, Marcelo, 1975-. II. Universidade Federal do Paraná.  
Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em  
Educação Física. III. Título.

Bibliotecária: Giana Mara Seniski Silva. CRB-9/1406



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA -  
40001016047P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **HANIN MAJDI WALEED MUSTAFA KASSEM DAWUD** intitulada: "**A MISSÃO OLÍMPICA RIO 2016: LOCUTORES PALESTINOS EM QUESTÃO**", sob orientação do Prof. Dr. MARCELO MORAES E SILVA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 29 de Abril de 2020.

Assinatura Eletrônica  
30/04/2020 08:41:52.0  
MARCELO MORAES E SILVA  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica  
29/04/2020 17:13:41.0  
ALEXANDRO DANTAS TRINDADE  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ )

Assinatura Eletrônica  
14/05/2020 12:54:53.0  
GILMAR FRANCISCO AFONSO  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO  
PARANÁ)

Assinatura Eletrônica  
04/05/2020 16:11:10.0  
JOSÉ ANTÔNIO PERES GEDIEL  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

---

Novo Edifício do Departamento de Educação Física - Campus Centro Politécnico - Curitiba - Paraná - Brasil  
CEP 81531-980 - Tel: (41) 3361-3072 - E-mail: pgedf@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.  
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 40362

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>  
e insira o código 40362

## RESUMO

A presente dissertação de mestrado teve como objetivo principal analisar como as demandas palestinas se inserem no diálogo olímpico, oportunizado pela realização do Rio 2016. A amplitude do evento permite observar, a partir de um espaço oficial, os efeitos de similaridades e/ou divergências das ações esportivas para os palestinos, suas interpretações da Carta Olímpica e da abordagem do Jogos Olímpicos como ferramenta política. O acesso à esfera esportiva global permite elaborar discursos que tencionam aspectos políticos. A instabilidade da Palestina, própria da ocupação e deslocamento forçado, dispôs de transformações e adaptações que ecoam até o presente momento. Nesse sentido, pensar o palestino diante dessa crise junto à busca por autodeterminação nacional implica compreender também a categorização dos seus órgãos representativos, premissa que recai em suas ações esportivas. Tais características foram estruturadas primeiramente com foco na questão do esporte moderno constituído em meio à trajetória da Palestina entre a atuação britânica e a criação do Estado de Israel. A análise se baseou em narrativas produzidas pelo jornal Al-Quds, e nas quase “silenciosas” manifestações do israelense Hareetz. Desse modo, na perspectiva do diálogo olímpico estabeleceu-se ambos os discursos ao tratamento, visando delinear o peso do conflito, seus desafios e dinâmicas atribuídas ao interesse em habitar o mapa olímpico com soberania. A pesquisa revelou locuções significativas atreladas a essa arena de negociações, apropriações sobre a noção de paz, através de expressões de referenciais simbólicos, mobilizações e apelos políticos contextualizados em meio a uma transição de grupos políticos palestinos. A título de conclusão o artigo aponta que a participação da delegação palestina foi tratada com narrativas heroicas de um renascimento do esporte moderno local e autodeterminação como um estado soberano, aspecto que foi contrariado nas narrativas israelenses aos quais estava sendo atribuída a segurança nos Jogos Olímpicos Rio2016.

**Palavras-chave: Jogos Olímpicos. Palestina. Rio de Janeiro. Esporte Moderno.**

## **ABSTRACT**

The present master's dissertation aims to analyze how Palestinian demands are part of the Olympic dialogue allowed by Rio 2016. The amplitude of the event allows the observation of how similarities and/or differences of sporting actions affect Palestinians from an official point of view, their interpretation of the Olympic Charter, and how they approach the Olympic Games as a political tool. The access to the global sporting arena allows the elaboration of discourses that intentionally stress political aspects. Palestine's instability, resulting from its forced occupation and displacement, have generated transformations and adaptations that still echoes. In this sense, thinking the Palestinian in the face of this crisis for national self-determination also involves comprehending how their representative bodies are categorized, and their effects on sporting actions. These structures were created when Palestine was halfway between British actions and the creation of the State of Israel. The analysis is based on the narratives published by newspaper Al Quds and the almost "silent" Israeli newspaper Haaretz manifestations. In this sense, both discourses establish an Olympic dialogue perspective, aiming to outline the importance of the conflict, its challenges, and dynamics attributed to the interest in sovereign participation in the Olympic realm. The research revealed significant statements linked to this arena of negotiations and appropriations of the notions of peace through the expression of symbolic references, mobilizations, and political appeals in the context of the transition of Palestinian political groups. In conclusion, this paper indicates how the Palestinian delegation was portrayed in heroic narratives of a rebirth of local modern sport and a sovereign state's self-determination. On the other hand, Israeli narratives focused on security issues regarding the Rio 2016 Olympics.

**Key words: Olympic Games. Palestine. Rio de Janeiro. Modern Sport.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1.1 Descrição das fontes.....</b>	<b>11</b>
<b>2 CAPÍTULO I: RETRATANDO O ESPORTE NA CAUSA PALESTINA.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Cerimônia de abertura.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 O Orientalismo sobre as narrativas esportivas palestinas.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 Refutando a invisibilidade: os Jogos Olímpicos como arena de negociação.....</b>	<b>26</b>
<b>2.4 O espaço olímpico como local de confronto político esportivo entre palestinos e israelenses.....</b>	<b>30</b>
<b>3 CAPÍTULO II: RIO 16 - O “RENASCIMENTO” DO ESPORTE OLÍMPICO NA PALESTINA.....</b>	<b>37</b>
<b>3.1 Esporte e política: em busca da legitimidade palestina.....</b>	<b>37</b>
<b>3.2 De Gaza ao Rio de Janeiro: O anfitrião camuflado.....</b>	<b>46</b>
<b>3.3 Que comecem os jogos.....</b>	<b>62</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Eu estou orgulhoso de hastear alto a bandeira palestina durante a cerimônia, isto é uma afirmação de que nós palestinos existimos e esperamos que nosso Estado seja um dia tão soberano quanto outros Estados ao redor do mundo<sup>1</sup>. (KHALIDI, 2017, p. 1403- tradução livre).

A Palestina que Edward Said (2009) descreveu em sua obra contextualizou uma sociedade local organizada sob o pleito da independência. O autor revelou um cenário onde a articulação política culminou em um despertar árabe no fim do século XIX, um levante gradual que foi sendo caracterizado entre o legado otomano, o colonialismo sionista e a autoridade britânica do século XX.

Devido ao contexto colonial, o sentimento de resistência foi o que para Said (2009) permeou a coragem e coesão da história palestina. Para o autor, esse envolvimento foi canalizado criando uma identidade adversária à sua fragmentação e que estabeleceu um senso de pertencimento e de comunidade bastante específicos. Nesse sentido, a identidade palestina é muito atribuída aos efeitos dos seus conflitos, a qual Schiocchet (2011; 2017) compreende como critério de negociação voltado a uma determinada concepção de Estado.

A causa palestina (*al-qadyia al-filastinya*) é definida pela busca da constituição de um Estado, aparecendo como elemento de grande influência entre os palestinos. Marcados pela experiência de refúgio e necessidade de resistência, seu sentido histórico e político é tão atual que é naturalmente imbricado com a retórica política dos discursos globais. Nesse sentido, quase tudo relacionado à Palestina aparece retratada muitas vezes, conforme aponta Schiocchet (2017), de forma bastante generalista. Said (2012) argumenta que esse quadro atua como um catalisador do senso de consciência nacional, memória política e busca por soberania.

As implicações da experiência de exílio compartilhadas durante a *Nakba*<sup>2</sup> liderada pela criação do Estado de Israel em 1948, condicionaram fatores que

---

<sup>1</sup> Maher Abu Remeleh, judoca que fez história como primeiro atleta palestino a se qualificar para os jogos olímpicos por critérios técnicos, sendo que anteriormente os atletas participavam como delegação convidada. Essa primeira participação ocorreu por ocasião dos Jogos Olímpicos de Londres em 2012 (KHALIDI, 2017), no idioma original: I am proud to fly high the Palestinian flag during the ceremony, this is an affirmation that we Palestinians exist and hope our state will be one day as other sovereign states around the world.

<sup>2</sup> Palavra árabe que significa –catástrofe- também um conceito palestino referente à criação de Israel e consequentemente a expropriação e exílio forçado da comunidade palestina.

refletem as atitudes dos palestinos entre o território ocupado e seu refúgio até os dias atuais (ABU LUGHOUD; SA'DI, 2007; SCHIOCCHET, 2015). Esse legado estabeleceu o que Said (2009) denominou em suas análises de um aprofundamento considerável do sentimento dedicado a noção de Estado-nação.

Estas condições também repercutem no cenário esportivo, movimento que Kummels (2013) descreve como uma transposição esportiva no Oriente Médio, por ser uma dinâmica administrada como parte de um processo em que condições de poder desiguais impulsionaram e regularam a adoção dos códigos esportivos em uma perspectiva europeia. Craig (2002) salienta que mesmo presente na cultura árabe antes do colonialismo as tendências esportivas readequaram-se diante das relações políticas árabes. Sendo assim, Kummels (2013) propõe uma leitura ampliada desse processo de presente transculturação onde torna-se viável repensar a categoria “esporte”.

Aqui se torna de primordial o conceito de transculturação sugerido por Hall (2011). Definição que não se refere a ausência de uma manifestação cultural distinta, no entanto permite traduzir processos opostos e compreender como não são meramente transferidos e reproduzidos. Dessa forma, o esporte moderno acabou se inserindo no Oriente Médio, tornando-se uma alternativa para o fomento das novas identidades arquitetadas ao longo da esteira colonial, bem como um veículo promocional das novas fronteiras, da legitimação de partidos, das identidades territoriais à mobilização de círculos específicos de questionamento (AMARA, 2011; 2012; 2017; DORSEY, 2016; KHALIDI; RAAB, 2017; DART, 2017; 2019).

Diversos autores como Guttman (2002), Brohm (2006), Duret (2019) e Terret (2019), ao analisarem o esporte moderno, argumentam que poucos fenômenos culturais atraem tanta atenção quanto os Jogos Olímpicos. Amara (2011; 2012; 2017) Khalidi e Raab (2017) e Dart (2017; 2019), argumentam que a expansão esportiva em um contexto colonial adquiriu uma condição um tanto que paradoxal, visto que foi tanto uma ferramenta opressiva por parte dos colonizadores como um instrumento libertador, servindo inclusive em países do médio oriente como elemento presente nas campanhas de independência. O boicote olímpico estabelecido em 1956 nos Jogos Olímpicos de Melbourne pelo

Iraque, Líbano e Egito contra a invasão de britânicos, franceses e tropas de Israel é um exemplo dessa ação.

Notadamente o movimento olímpico palestino ampliou aspectos de mobilização e enfrentamento de questões locais. O jornal *Al Quds*<sup>3</sup> destaca esse potencial ao declarar que a criação dos fóruns olímpicos habita um domínio político que acomoda a documentação dos crimes exercidos pela ocupação do Estado de Israel. Em argumento sobre o espectro da ocupação, o presidente do Comitê Olímpico Palestino denunciou violações à sede do comitê, caso que o periódico descreve da seguinte maneira:

O exército da ocupação imoral e irresponsável invadiu a sede do Comitê Olímpico, um ataque bárbaro e vergonhoso. O que significa que o ataque foi deliberado e planejado, constituindo um insulto proposital sobre todas as convenções e normas da Carta Olímpica, requerendo nossa ação imediata em contatar o Departamento Jurídico do Comitê Olímpico Internacional, o oficial responsável pelo apoio olímpico asiático, o Presidente do Conselho de Esportes Árabes e o Presidente da União dos Comitês Olímpicos Nacionais Árabes a fim de que obtenham conhecimento sobre o ocorrido, não apenas isso, mas também para que o Comitê Olímpico Palestino e a família esportiva em conjunto continue expondo esses ataques israelenses para obter uma resolução clara. A condenação não é suficiente apesar da sua importância, é preciso chegar em uma punição rigorosa que impeça de vez a continuidade da ocupação com esses crimes, abusos e violações que eles andam praticando não apenas contra o povo palestino, mas também contra a família internacional esportiva, garantindo que essa decisão consiga obrigar a ocupação a seguir as normas olímpicas internacionais (AL QUDS, 06.01.2019, s.p. – tradução livre)<sup>4</sup>.

A matéria supracitada interpreta o esporte olímpico como “(...) parte do movimento nacional e avanço da pátria Palestina em oposição a ocupação” (AL QUDS, 06.01.2019, sp – tradução livre). Esta ambição olímpica, segundo argumentos apontados por Guttman (2006), oferece efeitos de visibilidade internacional, sobretudo, num mundo bastante globalizado, pois possibilita

<sup>3</sup> Jornal palestino circulante de modo impresso e eletrônico. Uma descrição mais detalhada sobre o periódico é realizada na metodologia da presente dissertação.

<sup>4</sup> وتابع: "للمرة الثانية في ظرف اقل من شهر، يقتحم جيش الاحتلال، اللاأخلاقي وغير المسؤول، مقر اللجنة الأولمبية بصورة همجية وسافرة، ما يعني أن عملية الاقتحام باتت مقصودة ومُدبرة، وهو ما يُشكل انتهاكاً صارخاً، واهانة متعمدة ومقصودة لكافة المواثيق والأعراف، وفي مقدمتها الميثاق الأولمبي، ما استدعى مسارعتنا الفورية للتواصل مع رئيس الدائرة القانونية في اللجنة الأولمبية الدولية، ومع مسؤول التضامن الآسيوي الأولمبي، ومع رئيس المجلس الرياضي العربي، رئيس اتحاد اللجان الأولمبية الوطنية العربية، ووضعهم بصورة ما حدث، ليس هذا فحسب بل سنقوم اللجنة الأولمبية الفلسطينية، والأسرة الرياضية، مجتمعة، بمتابعة هذا العدوان الإسرائيلي، من أجل الحصول على قرار صريح وواضح لا يكتفي بالإدانة، فقط، على أهميتها، وإنما الوصول إلى قرار عقابي رادع وزاجر، يحول دون استمرار الاحتلال بالمضي، قديماً، بهذه التجاوزات والانتهاكات والجرائم، التي يرتكبها، ليس بحق الشعب الفلسطيني، فحسب، وإنما بحق الأسرة الرياضية الدولية كي يضمن هذا القرار إلزام الاحتلال بكافة مواثيق اللجنة الأولمبية الدولية". Fragmento disponível em: <http://www.alquds.com/articles/1546787239827258300/>.

examinar uma nação politicamente, além de encorajar a locução própria do senso de sua identidade nacional.

Nesse sentido, a atuação da Palestina nos Jogos Olímpicos de 2016 constitui um potencial de afirmação em um evento esportivo de impacto global (AMARA, 2017; KHALIDI; RAAB, 2017). A visibilidade concedida diante da comunidade internacional, vai ao encontro com a demanda por reconhecimento desde sua expropriação e deslocamento iniciada em 1948 (FELDMAN, 2011). Said (1984) atenta ao fato de que não foi dado aos palestinos a possibilidade de narrar e nem de contar sua história nos meios de comunicação de massa, de forma que, face à sua dispersão existe um esforço em inserir suas demandas no discurso dominante, ferramenta fundamental para sua visibilidade e reconhecimento.

A presença numérica da delegação palestina em 2016 foi a mais expressiva desde seu reconhecimento como membro do Comitê Olímpico em 1995, seguido de sua estreia em 1996 em Atlanta, constituída por apenas dois atletas. A presença palestina nos jogos chama atenção pelo fato de que dos seis competidores convocados, apenas dois nasceram e treinaram nos territórios palestinos, Cisjordânia e Faixa de Gaza (PALESTINE UNBOUND, 2014; DESAI; SYKES, 2019).

Entre os atletas, um é egípcio e representou a Palestina pela segunda vez na competição, sendo os outros três de ascendência palestina, visto que são nascidos e criados na Alemanha. Elemento este que estende a discussão à ideia de desenvolvimento de uma nação na ausência de um Estado territorial, fator empregado em discursos de políticas contrárias ao estabelecimento do estado palestino com intuito de desqualificar sua atuação enquanto nação soberana (PALESTINE UNBOUND, 2014).

A convocação dos atletas pode representar internacionalmente sua identificação nacional atrelada à concepção de Estado e demanda por independência e desse modo torna-se inevitável a comparação com o conceito de “palestinidade” levantado por Schiocchet (2017). A definição aparece como tradição, identificação, pertencimento social e resistência atrelada à ausência de um Estado autônomo. Este senso de “palestinidade” que surgiu pós-ocupação, reorganizou a história e a identidade palestina, tendo tido conforme aponta

Schiocchet (2017), grande influência sobre as formas pelas quais os palestinos se definem, organizam e agem sobre o mundo no início do século XXI.

Nesse contexto, de acordo com Amara (2017), Dart (2017), Khalidi e Raab (2017), a participação da Palestina nos Jogos Olímpicos de 2016 pode ser um ponto de acesso à demanda por reconhecimento da sua nação, questionamento amparado diante da história e política do seu conflito. A amplitude do evento olímpico de 2016 permite observar a partir de um espaço oficial de princípios democráticos, os efeitos de similaridades e diferenciações das ações esportivas em terras palestinas, sua interpretação da Carta Olímpica e da abordagem dos Jogos Olímpicos como ferramenta política.

Contudo, a instabilidade da Palestina, própria da ocupação e deslocamento forçado, dispõe de transformações e adaptações que ecoam até o presente momento. Nesse sentido, pensar o palestino a partir da sua fragmentação e crise junto a busca do reconhecimento pela autodeterminação nacional, implica compreender também a categorização dos seus órgãos representativos, premissa que também recai em suas ações e aspirações esportivas.

Ao apresentar ao leitor qual é a narrativa palestina estabelecida diante da participação nos Jogos Olímpicos de 2016, pode-se formular uma posição amplamente representativa dos palestinos, dessa forma, permite-se compreender suas demandas articuladas no diálogo olímpico. Tendo em vista o ponto de interesse, a presente dissertação de mestrado elencou como objetos dignos de atenção: o engajamento dos palestinos no movimento esportivo internacional e o desempenho de uma espécie de negociação por soberania. Ainda também, os efeitos da ocupação e dispersão na formatação da missão olímpica, bem como a posição narrada diante do seu papel na competição ocorrida em terras brasileiras em relação à questão Palestina.

Diante do exposto, a presente pesquisa de mestrado se propõe a responder a seguinte problemática de pesquisa: Como as demandas palestinas se inserem no diálogo olímpico oportunizado pelos Jogos Olímpicos, realizadas na cidade brasileira do Rio de Janeiro no ano de 2016? Para tanto, elencou-se como objetivo geral do trabalho; analisar como as demandas palestinas se inserem no diálogo olímpico, oportunizado pela realização do Rio 2016.

Por sua vez, os objetivos específicos se organizaram da seguinte forma: a) descrever as mudanças no movimento esportivo advindo da ocupação britânica, pontuando particularidades desempenhadas pelos palestinos em apelo à independência; b) comparar as narrativas olímpicas encontradas nas fontes com demandas próprias da questão palestina; c) demonstrar perspectivas e desafios verificados no interesse de uma comunidade diaspórica em habitar o mapa olímpico.

### **1.1 Descrição das Fontes**

De acordo com Said (2008), é notável que ao representar uma nação oriental, atribuem-se diversas generalidades deixando de assumir a distância necessária do objeto de estudo. Essa condição, segundo aponta o autor, caracteriza uma tendência designativa no discurso, tradição e pensamento. Torna-se pertinente neste sentido avaliar as narrativas produzidas pelos palestinos em relação ao fenômeno esportivo e, dessa forma, entender a experiência segundo os sentidos e perspectivas dessa comunidade, permitindo que ela seja constituinte da própria história há tanto negada:

A narrativa Palestina nunca foi oficialmente admitida pela história israelense, exceto como aquela dos “não-judeus”, cuja presença inerte na Palestina era um incômodo a ser ignorado ou expulso. [Por isso mesmo] Fatos não falam tudo por si só, mas requerem uma narrativa aceitável socialmente para absorver, sustentar e circulá-los (SAID, 1984, p. 33-34).

A relação levantada pelo importante intelectual palestino é central para analisar a representatividade do evento empreendido como foco desta dissertação, especificamente os Jogos Olímpicos de 2016 e a projeção das demandas de determinada nação segundo ela mesma, ou seja, os locutores em questão são os referidos palestinos.

Para contornar as limitações investigativas próprias do orientalismo levantado por Said (2008), serão avaliadas diante da ótica do debate, fontes selecionadas por sua pertinência com o objeto e aproximação com os interlocutores, são elas:

O jornal “*Al Quds*”, com sede em Jerusalém e publicado em língua árabe que por muito tempo foi o único jornal diário que circulou entre os territórios da

Palestina ocupada, provável motivo de ser o mais tradicional e popular jornal palestino (DAHER, 2008).

Introduzido pelo oficial palestino “Mahmud Abu Zuluf” diante da necessidade de estabelecer uma imprensa propriamente palestina perante o colonialismo que ali se impunha, o pioneiro jornal defendia uma linha fiel a solução política entre dois estados, porém ao longo das mudanças políticas o jornal estabeleceu uma linha favorável à Organização pela Libertação Palestina (OLP), considerado até hoje um meio censurado pelo Estado de Israel, motivo pelo qual consegue manter circulação nos territórios “independentes” (MUSA, 1998; JAMAL, 2000). *Al Quds* é também o primeiro impresso palestino a garantir uma coluna exclusiva para o esporte, o que além de trazer de volta um senso de normalidade aos cidadãos que viviam em um Estado em conflito, impactou no desenvolvimento e importância dada ao esporte na Palestina a partir de 1969 (DAHER, 2008).

A análise versou em meio às narrativas promovidas pela imprensa e publicadas em tópicos, os quais foram levantados mediante as seguintes palavras-chave: a) Comitê Olímpico<sup>5</sup>; b) Comitê Olímpico Palestino<sup>6</sup>; c) Equipe Olímpica Palestina<sup>7</sup>; d) Olimpíadas do Rio de Janeiro<sup>8</sup> e procedentes do seguinte período 17.06.2016 até 25.08.2016. Tal recorte abrange o prelúdio das manifestações sobre os Jogos Olímpicos de 2016 nas fontes analisadas e também o seu encerramento.

Falah, Flint e Mamadouh (2006), descrevem a mídia dos países árabes como parte dos conflitos políticos e não meramente relatos sobre as ocorrências. Além disso, caracterizam a organização das informações veiculadas sempre divididas entre os setores locais e globais. Essa divisão foi encontrada na plataforma de mídia eletrônica *Al Quds*, no que refere aos conteúdos em geral, incluindo os esportivos.

Nesse sentido, coube a presente dissertação de mestrado procurar, catalogar, selecionar e analisar os conteúdos esportivos convergentes com os Jogos Olímpicos de 2016. As fontes, tanto do setor local como no global, irão

---

<sup>5</sup> [اللجنة الأولمبية](#)

<sup>6</sup> [الأولمبي الفلسطيني](#)

<sup>7</sup> [المنتخب الأولمبي الفلسطيني](#)

<sup>8</sup> [أولمبياد ريو دي جانيرو](#)

conduzir o entendimento das informações constituídas localmente e sob maior censura, assim como as informações internacionais que segundo Jamal (2000) são menos subtraídas por serem relatos de jornalistas terceiros, representando menor ameaça aos jornalistas palestinos.

Para complementar o referido período, elencou-se como fontes alguns documentos de agências reguladoras esportivas. Destacam-se as produzidas e veiculadas no *site* oficial do Comitê Olímpico Palestino. Todo esse conteúdo foi publicado em árabe<sup>9</sup> e carrega inúmeras plataformas de interesse desta pesquisa. Destaca-se que o material produzido pela entidade ilustra a visão, metas e objetivos do desenvolvimento da missão olímpica palestina.

Cabe destacar que também foram utilizadas as publicações a respeito da Palestina encontradas na página oficial do Movimento Olímpico Internacional, em seção reservada ao Comitê Olímpico Palestino<sup>10</sup>. Tais fontes podem reforçar e/ou contrariar as perspectivas anteriores, fator que compõem a retórica da expressão política por se tratar de uma entidade de maior reconhecimento e prestígio internacional.

Outra fonte selecionada foi o periódico acadêmico “*Journal of Palestine Studies*”<sup>11</sup> publicado pela “*University of California Press*”, que é especializado no conflito palestino-israelense, onde também foi possível encontrar trabalhos sobre o assunto vinculado ao esporte e as olimpíadas, trazendo importantes referências à presente dissertação.

---

<sup>9</sup> Palestine Olympic Committee. Disponível em: [www.poc.ps](http://www.poc.ps).

<sup>10</sup> Palestine – National Olympic Committee. Acesso em: [www.olympic.org/palestine](http://www.olympic.org/palestine).

<sup>11</sup> <https://jps.ucpress.edu/>

Após a etapa de seleção das fontes, foi escolhida como ferramenta metodológica a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1979). Trata-se de uma técnica aplicada de modo a inferir os discursos, traduzir, analisar e comparar condições, bem como consequências das mensagens das produções. O plano metodológico da análise de conteúdo sob a margem documental, tem como objetivo esclarecer ao observador o campo de ação do texto analisado, auxiliando na interpretação, objetividade e pertinência. Essa abordagem concentra opções adequadas ao refinamento das inferências das fontes utilizadas.

A sistematização foi conduzida primariamente no desenvolvimento da leitura flutuante, ou seja, uma leitura geral das fontes foi realizada para formulação da hipótese com relação ao objeto. Em seguida o material analisado foi tratado interpretativamente, constituindo a categorização qualitativa. Esta é a etapa principal de análise de conteúdo proposta por Bardin (1979). A categorização consiste na caracterização do material e seu contexto para "(...) distinguir, e registrar em recortes de nível semântico" (BARDIN, 1979, 104) do discurso comunicado e sua relação com o objetivo analítico. Em outras palavras, as características particulares dos conteúdos das narrativas encontradas nas fontes foram ordenadas como; "temas" previamente definidos e, a partir deles, foram constituídos os significados do conteúdo.

As categorias propostas compreendem dois desses temas, sendo eles o material relativo às fontes de caráter "favorável" e "desfavorável" aos elementos dispostos sobre o critério da problemática desta pesquisa. As fontes direcionadas à seleção do tema denominado favorável são as correspondentes aos critérios de favorecimento da inserção das demandas palestinas no discurso olímpico veiculado nas fontes. Já as amostras desfavoráveis correspondem aos discursos contrários a esse campo de ação.

Com base nesses indicadores, são obtidos os dados das "representações condensadas" (BARDIN, p.104, 1979), isto é, agrupamentos resultantes organizados como temas relacionados com a análise prévia, das quais, obtidas nas referências utilizadas na presente dissertação. Deste modo foi aferida a decodificação das características narrativas dimensionadas nas fontes analisadas.

Com o objetivo de provocar um refinamento dos resultados, o recorte das fontes se estendeu através do emprego das narrativas israelenses para meio de comparação. Em termos, foi utilizado o jornal denominado *Hareetz*<sup>12</sup>. Segundo Viser (2003), trata-se de uma mídia de circulação diária considerada a mais antiga e respeitada de toda Israel.

O periódico compreende publicações em hebraico que são duplicadas em inglês em versão considerada mais curta que a hebraica, porém nas mesmas tendências iniciais do original. O *Hareetz*, de acordo com Viser (2003), reflete o viés político dos seus leitores, uma cobertura em geral dedicada a visibilidade do lado israelense do conflito. Este jornal é considerado por Korn (2004) como um tabloide influente e de circulação entre as elites políticas, econômicas e militares do território de Israel. Nesse sentido, foram analisadas as versões em inglês publicadas no endereço eletrônico oficial<sup>13</sup>. No entanto, foram utilizadas as mesmas palavras-chave, porém em língua inglesa. A busca baseou-se no seguinte conjunto de palavras: Palestina, Rio de Janeiro e Jogos Olímpicos<sup>14</sup>, das quais resultou em apenas q ocorrência na plataforma eletrônica oficial do periódico israelense, evidenciando um grande “silêncio” em relação a participação palestina.

Os resultados das amostras submetidas sob os critérios temáticos denominados como favoráveis ou desfavoráveis, nesse nível, são melhor compreendidos como; características do diálogo olímpico resultantes nas locuções e suas medidas de transformação política sobre as demandas do Estado palestino.

Contudo, para realizar a análise pretendida, esta dissertação foi pensada e estruturada primeiro com foco no contexto da questão do esporte moderno constituído em meio a trajetória a questão da Palestina. Da atuação britânica à criação do Estado de Israel, apesar da sua origem colonial, notadamente o esporte integra o mundo árabe adentrando significativamente em suas ambições nacionais. As tendências esportivas da região marcam retóricas sobre os tratados políticos, o corpo e as narrativas da nação, essas questões foram exploradas no segundo capítulo.

---

<sup>12</sup> <https://www.haaretz.com>

<sup>13</sup> <http://www.alquds.com/>

<sup>14</sup> Palestine, Olympic Games, Rio de Janeiro

O segundo capítulo também se refere às narrativas e observações das fontes as quais foram problematizadas vislumbrando as demandas históricas da população palestina e suas relações com a instituição olímpica. Por fim, o terceiro capítulo reportou o drama de uma comunidade diaspórica em plena guerra civil a partir da linguagem esportiva narrada pela comunidade autóctone diante da experiência olímpica. Contudo, fica o convite à leitura das consequências do conflito palestino-israelense em uma perspectiva que visa delinear os desafios de habitar o mapa olímpico e mundial com soberania.

## 2 CAPÍTULO I: RETRATANDO O ESPORTE NA CAUSA PALESTINA

### 2.1 Cerimônia de abertura

No dia 5 de agosto de 2016 aconteceu a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos sediados no Brasil, o primeiro realizado num país sul-americano. Marcava-se um momento de relevância, visto que a tendência universalizante do esporte foi vislumbrada por bilhões de indivíduos ao redor do mundo. Segundo dados oficiais<sup>15</sup>, cerca de 206 nacionalidades anunciaram seus nomes, bandeiras e exibiram suas delegações olímpicas, apresentando aos que assistiram ao desfile a diversidade das nações que fazem parte do movimento olímpico.

A nação em seu sentido moderno é associada a uma definição política que o historiador britânico Eric Hobsbawm (2011) aponta nos vínculos coletivos distintamente produzidos no interior dos projetos políticos estatais. Os quais, segundo os argumentos levantados pelo autor, foram desenvolvidos na origem histórica das nações de forma mais contundente a partir do século XIX. Hobsbawm (2011) salienta que é nessa relação entre o Estado e o conceito de nação que se revela uma apropriação simbólica, seja na forma de ritual e/ou propriamente afetiva e também é nela que se constitui o âmago da identidade nacional.

A questão da identidade nacional palestina eclodiu propriamente com o impacto da dissolução do seu Estado. Said (2009) e Schiocchet (2017) descrevem em suas pesquisas que a nação palestina foi uma resposta a perda do seu Estado diante da *Nakba*, onde os palestinos recorreram a memórias anteriores ao deslocamento forçado. O saldo desse episódio foi denominado pelos autores supracitados, como um êxodo em massa que pôs em marcha o projeto do que viria a se tornar o Estado de Israel. Entretanto, sobrevivendo a tal refúgio até os dias atuais, a população autóctone compartilha para além das narrativas de retorno a intensificação de um senso de identidade palestina.

A acentuação desse sentimento tende a cruzar as mais diversas experiências e contextos para precisamente constituir determinadas arenas de

---

<sup>15</sup> Olympic.org

negociação. Esses mecanismos conformaram uma espécie de continuidade espaço-temporal ao rompimento causado pela a destituição do seu território, fator que compreendeu um meio de assegurar sua significação histórica, reparos políticos e desejo de autodeterminação nacional (SCHIOCCHET, 2011).

Por sua vez, os eventos esportivos globais, de acordo com Tomlinson e Young (2006) e Penfold (2019), geram volume e audiência a ponto de evidenciar globalmente o senso de identidade nacional. Para Tomlinson e Young (2006) essa iniciativa pode ser e é tensionada na esfera da denominada “neutralidade” olímpica. Tal característica não equivale necessariamente a um simulacro via Estado até o espectador, mas uma experiência de celebração popular carregada de discursos e narrativas consumidas através de um rito bastante específico.

Ao anúncio da entrada do comitê palestino pelos apresentadores oficiais dos Jogos Olímpicos, adentrou ao rito de celebração olímpica a delegação da Palestina. Sob aplausos, assobios e gritos de torcida da plateia, caminha sua delegação constituída por apenas seis membros, tendo as atletas mulheres a frente hasteando a bandeira. Eram elas a nadadora Mary Al-Atrahs e a corredora Mayada Al-Saiad, ambas vestindo o tradicional *thobe*, um vestido palestino adornado com o bordado regional *tatreez*.

A *thobe* é descrita por Butler e Al-Nammari (2016) como um patrimônio cultural palestino que é popularmente resgatado em eventos simbólicos para converter os mesmos em ritos para reflexão sobre ancestralidade e vínculo com a terra. Tais particularidades exploradas na cerimônia olímpica evidenciam um sincretismo entre os ritos culturais. Essa ação estabelece claramente uma narrativa de identificação e estratégia propriamente palestina. Em termos, Kummels (2013) indica que o desenvolvimento do esporte no médio oriente sublinhou noções que foram além do binarismo construído entre o tradicional e o moderno, enfatizando *performances* reguladas a partir das identidades nacionais construídas na esteira do discurso colonial.

Como se pode perceber com grande facilidade na construção das identidades nacionais do continente africano, entidades nacionais surgidas em um contexto de dominação colonial terminaram por abarcar em uma mesma nação etnias e povos diversos, que puderam encontrar pontos de convergência cultural que lhes permitiram resistir de forma mais ou menos coesa enquanto unidades nacionais. Fenômeno que também pode ser notado, em menor medida

nas nações orientais surgidas a partir das colônias europeias da região (HOURANI, 2006).

No que se refere às circunstâncias do contexto histórico do Oriente Médio, Said (2009) afirma que é um erro discutir a região como distinta do desenvolvimento ocidental. Além disso, o autor aponta que as condições que os diferenciam são justamente as que os conectam. Notadamente o importante intelectual palestino adverte sobre um entrelaçamento cultural alinhado diante da trajetória de disputas.

Portanto, mesmo ao seguir os critérios norteadores universais do esporte moderno, algumas características específicas estarão sujeitas a diferenciações. Esta questão é complexa e amplamente debatida entre as pesquisas arabistas. Afinal, é possível visualizar o esporte sendo estruturado, segundo Amara (2012), em meio a emergência da modernidade árabe e perante sua rivalidade com a colonização manifesta pela chamada “missão civilizadora”<sup>16</sup>.

Esse sentimento nacional e anticolonialista encontrou-se manifestado nas ações dos atletas palestinos quando percorreram, respectivamente, o corredor central da cerimônia olímpica; o velocista Mohammed Abukhousa, o judoca Simon Yacoub, o nadador Ahmed Gebrel e Christian Zimmermann atleta representante do hipismo. Fiéis à sua origem, carregaram nos ombros a tradicional *kufiyah*. Tal objeto trata-se de um lenço símbolo da luta palestina que foi popularizado pelo líder da OLP (Organização pela Libertação Palestina) Yasser Arafat (1929-2004), cuja liderança, segundo aponta Kapeliouk (2004) ocupou a frente da representação política palestina no cenário internacional desde 1969, compondo o centro das decisões e acontecimentos que circundavam a busca pela independência da Palestina até o ano do seu falecimento.

A busca pela autodeterminação do reconhecimento da sua existência e realidade como nação se refletiu nas reivindicações e absorveram as comoções da experiência de ruptura com a terra, propriamente a diáspora ocasionada pela disputa entre árabes e judeus diante do intento do sionismo. O movimento

---

<sup>16</sup> Simulacro de um processo que reestruturou governos e fronteiras a partir de um discurso civilizador (AMARA, 2012).

encabeçado pelo austríaco Theodor Herzl em “*Der Judenstaat*”<sup>17</sup> (O Estado Judeu), sugeriu uma mobilização nacionalista em prol de um lar judeu (SALEM, 1983). Em busca de um Estado a ser colonizado, Herzl utilizou como justificativa para apropriação da Palestina “(...) além da ideia de cunho bíblico do ‘retorno’, assertivas de superioridade civilizacional retiradas do vocabulário do colonialismo” (SAYIGH, 2015, p.55).

O sionismo não é um movimento religioso e sim político-nacionalista que deu origem ao Estado de Israel (SAID, 2009; SCHIOCCHET, 2015). Nas palavras de Schiocchet (2015, p.26) o plano de “(...) um Estado judaico na Palestina então era apenas uma das possibilidades elencadas pelos sionistas, sendo que estes sugeriam parte da Argentina, Uganda, Madagascar, e os EUA”.

O historiador Eric Hobsbawm (1995), ao analisar o processo de formação do Estado de Israel indica que o governo britânico, ansioso por apoio internacional judeu durante a primeira guerra, havia prometido estabelecer um lar exclusivo para judeus:

Após o estabelecimento de Israel ainda outro dos efeitos da guerra cerca de 1,3 milhão de palestinos foram registrados na Agência de Socorro e Trabalho das Nações Unidas (UNRWA); do outro lado, em inícios da década de 1960, 1,2 milhão de judeus haviam migrado para Israel, a maioria deles também refugiados (HOBBSAWN, 1995, p. 58).

Ao divulgar o mito do oriente como uma terra sem povo a ser habitada, os escritos dos fundadores sionistas indicaram o que Clemesha (2009) denominou como uma estratégia que consiste em uma “política de transferência”. Essa postura aos olhos de Pappé (2007) constituiu, após a ocupação da terra palestina, em um nítido procedimento de limpeza étnica. Tal processo é atualmente visualizado na ausência de uma história e nação Palestina reconhecida. Fato que se sucedeu concomitantemente com a formalização do Estado de Israel através do apoio britânico. Segundo Said (2009), essa delicada situação evidenciou uma rota de negação do Estado palestino, pois o simples fato de se referir a Palestina pelo próprio nome já constatava um ato de vontade política e é nessa atuação que consiste no cerne da questão palestina rumo a sua legitimação como um Estado reconhecido.

---

<sup>17</sup> Consultar “O Estado Judeu”, de Theodor Herzl. Versão do livro em inglês (*The Jewish State*) disponível em: <http://www.mideastweb.org/jewishstate.pdf> . Traduzido do alemão por Sylvie D'Avigdor. Adaptado da edição publicada em 1946 pela *American Zionist Emergency Council*.

A busca por arenas de negociação da identidade palestina explora rumos mais neutros que dialogam enfaticamente com as assimetrias provocadas pelo processo sócio-histórico ao qual foram expostos e tais articulações tendem a ressignificar projeções, evocando com isso relações com a “causa palestina” (SCHIOCCHE, 2015).

Sendo assim, ao adotar a perspectiva de Guttman (1988) é impossível ignorar a natureza política dos Jogos Olímpicos e o poder de luta de um Estado membro do Comitê Olímpico Internacional. Khalidi e Raab (2017) salientam que a delegação Palestina, ao adentrar tal cenário, se insere em uma esfera de centralidade esportiva mais global, visto que participar do Movimento Olímpico propicia um *status* de soberania que passa a ser compartilhado pelos demais países.

O consentimento do caminhar diplomático público entre as 206 nações que compõem o Comitê Olímpico Internacional fomenta indicadores da legitimidade palestina, ultrapassando os resultados obtidos na assembleia geral da ONU. Tal negociação obteve 138 votos oficiais declarados como favoráveis a admissão da Palestina como Estado observador não membro<sup>18</sup>. Tal questão mostra que a utilização política do esporte e de seus grandes eventos esportivos continua sendo algo bastante evidente, pois conforme aponta Terret (2019), tal procedimento é presente desde o fim da Primeira Guerra Mundial, quando o esporte passou a ser utilizado como importante ferramenta ideológica e de difusão de nacionalismos de países dos mais diferentes espectros políticos.

Gradualmente incorporado pelos palestinos, o esporte desde sua introdução local se estabeleceu sobre um paradigma político partidário. Embora constituindo, de acordo com Kummels (2013), modelos alternativos para a secularização e a burocratização refletidos no esporte como um todo no Oriente Médio, seu impacto readequou-se. Na Palestina, segundo Amara (2014), esse feito pairou entre transições políticas e vitórias esportivas, iluminando dinâmicas de expressão em tempos de crise.

As referidas dinâmicas constituem-se em parte por políticas de desobstrução do nexos de conhecimento e do poder criado no entorno dos estereótipos culturais. Para Said (2008), o intercâmbio de discursos torna

---

<sup>18</sup> Função jurisdicional em fóruns internacionais

observável o emprego do locutor. O diálogo esportivo é uma plataforma que também pode viabilizar tal composição.

## **2.2 O Orientalismo sobre as narrativas esportivas palestinas**

O orientalismo se refere de forma indiscriminada ao Oriente como o “outro” e tal discurso, segundo Said (2008), sobrevive ao enfatizar um conceito de oriente designado pelo ocidente. Esse pensamento culmina em uma tradição de distinção imposta por afirmações unilaterais sobre ele. Notadamente a tarefa de converter a Palestina em um Estado judeu sem que o mundo viesse a perceber os protestos da comunidade árabe nativa prosperou desde 1948, empreendendo o que Clemesha (2008), chamou de política de transferência. O princípio desta política consistiu na desapropriação dos autóctones e conseguinte substituição por colonos. Os novos residentes, segundo Said (2009), eram imigrantes europeus e norte-americanos adeptos a ideia sionista de remover os palestinos permanentemente da região amparando com isso um lar judeu.

Devido a ampla divulgação própria do orientalismo, o mito do oriente como uma terra sem povo obteve efeitos que, para Said (2008), ultrapassaram os discursos, alcançando então seus códigos e instituições. O orientalismo não consistia em apagar o oriente, mas sim em tornar visível sua imagem a partir das articulações ocidentais e seus devidos propósitos. Pode-se dizer que, de certa forma, a mesma dinâmica ocorre nas instituições esportivas. A história do esporte na Palestina foi descrita sob a mesma lógica do orientalismo. Khalidi e Sorek (2009) indagam que, mesmo com atribuição de peso e importância ao esporte, a história foi apenas escrita e formalmente registrada na época por instituições de base sionista e em prol de seus interesses, negligenciando assim uma abordagem palestina propriamente dita.

O sionismo refletia as políticas de impulsão migratória devido a associação ideológica entre a Palestina e um Estado judeu. A Palestina anterior a essa ocupação foi descrita como um importante centro cultural árabe e contemplava uma classe intelectual e profissional respeitável, sua atividade industrial incipiente refletia uma consciência nacional altamente desenvolvida. Todos falavam árabe e em sua maioria eram muçulmanos sunitas, porém

conviviam com cristãos, drusos e muçulmano xiitas, que também falavam árabe. As principais cidades eram Nablus, Jerusalém, Nazaré, Acre, Jafa, Jericó, Ramalla, Hebron e Haifa (CLEMESH, 2008; SAID, 2009).

O esporte moderno ao ser inserido na Palestina por meio do futebol atravessou rapidamente as escolas missionárias ao final do século XIX. Seguidamente, em 1912, ultrapassou o espaço formativo ganhando as ruas palestinas (KHALIDI, 2014). Esse período conforme Hourani (2006) aponta foi marcado pela primeira guerra, ao qual findou com o Império Otomano. Considerado o de maior prevalência e também de rápida dissolução, o Império marcou de forma intensa a região do Oriente Médio.

Foi nesse fluxo que o Oriente Médio se viu transformado no modelo europeu de Estados nacionais, fatiado basicamente entre as duas principais nações imperialistas do final do século XIX e início do XX: França e a Inglaterra. Nessa divisão, Londres obteve oficialmente o mandato e o controle sobre a Palestina (HOURANI, 2006; SCHIOCCHET; 2011). Foi nesse período que ocorreu a institucionalização do esporte na região com a fundação do primeiro clube esportivo em 1921, atrelado e caracterizado pela colonização europeia a associação foi administrada por escolas do governo britânico na cidade de Jerusalém. Nessa temporalidade ainda se incluíam de forma conjunta árabes e judeus em sua composição, o qual foi denominado como *Palestinian Football Association* (PFA) (SOREK, 2003).

Portanto, quando Stevenson e Alaug (1997), Amara (2012) e Dorsey (2016) indicam a sistematização do esporte no período sobre a qual era conduzida essa “missão civilizadora”, torna-se apropriado evidenciar a ocorrência dos seus princípios e métodos de distinção, basicamente um elemento colonial orientalista. Perante a transição da ocupação britânica para a instituição do Estado de Israel foi impulsionada, a partir de 1920, segundo aponta Schiocchet (2009; 2017) a imigração de um grande contingente de judeus de todo o mundo. Foi na esteira desses acontecimentos que o fenômeno do esporte moderno, segundo indica Khalidi (2014), cresceu na Palestina.

Com a promoção de clubes de futebol, críquete e tênis pelas autoridades britânicas ocorrida na década de 1920, a Palestina testemunhou para além da expansão dos clubes sociais com conotação esportiva, o estabelecimento de comunidades não-árabes em seu território. Logo a população árabe nativa

instrumentalizou esses meios como componentes do desenvolvimento social local. Deste modo, os clubes esportivos começaram a também evidenciar elementos de uma cultura nacionalista (SOREK, 2007; KHALIDI, 2014).

Essa narrativa propiciou uma corrida que sucedeu entre manutenção da independência da Palestina e o pleito do Estado de Israel em uma perspectiva esportiva. Ao desdobrar essa via o esporte readequou-se na região, tornando-se uma alternativa para o fomento da prospecção do novo Estado. Arquetizado ao longo do circuito colonial o esporte integrou um veículo promocional em prol da sua legitimação, bem como mobilizou os círculos de questionamento dos mesmos.

A partir do final da década de 1920 e, sobretudo, no decênio seguinte, a institucionalização do esporte palestino se tornou mais contundente. A primeira associação esportiva sionista formal conhecida como *Maccabi*, foi considerada parte integrante do renascimento judeu em terras palestinas. Sorek (2003; 2007) salienta que, em linhas gerais, tal entidade foi instituída em 1928 como meio de tecer relações internacionais em benefício do projeto de ocupação israelense. Nesse momento, o *Maccabi* ainda era filiado a Associação Palestina de Futebol (PFA), pois apenas Estados reconhecidos poderiam ser aceitos como membros da FIFA e o Estado de Israel ainda não compunha o mapa mundial. Logo, conforme aponta o autor, equipes árabes e palestinas integravam conjuntamente a associação, bem como seus quadros eram compostos por atletas de ambas as origens.

Cohen (2011) salienta que em 1936 eclodiu contra o mandato britânico “a grande revolta árabe”. Essa ocasião ficou conhecida como o ápice do descontentamento dos palestinos com as políticas invasivas das autoridades mandatárias e do sionismo que estava em constante crescimento. O autor indica que o relatório britânico ao conselho da Liga das Nações<sup>19</sup> datado no mesmo ano descreve bárbaros confrontos entre árabes palestinos e judeus imigrantes que pouco a pouco culminaram em uma violência generalizada seguida de uma greve geral.

---

<sup>19</sup> LEAGUE OF NATIONS. Council. Report by His Majesty's Government in the United Kingdom of Great Britain and Northern Ireland to the Council of the League of Nations on the Administration of Palestine and Transjordan for the year 1936. UNISPAL – United Nations Information System on the Question of Palestine. Mandate 1936.

A narrativa sobre a resistência árabe também recai sobre os grupos em constante conflito. Era preservada uma retórica entre os cuidados do corpo social e a necessidade do estabelecimento da nação. Sorek (2007) descreve a intensificação de um ideal de aproximação entre a obediência civil, a submissão as instruções de Deus e a autodisciplina exigida pelo esporte e com isso era incentivada em igualdade a aderência aos esportes, as ciências e a fé.

O esporte já em crescimento recebeu um grande impulso. Porém, como consequência à negação da identidade nacional palestina por meio do plano de substituição da nação nativa, o historiador israelense Tamer Sorek (2003; 2007) estima que o esporte começou a realmente florescer na região nos anos 1940. O autor indica ainda que apesar do investimento das elites locais, o potencial local não teve forças para enfatizar os dramas dos conflitos nacionais.

Sorek (2003) e Dorsey (2015) indicam que, basicamente, após a *Nakba* em conformidade com a supervisão do governo de Israel, a ligação dos palestinos com a própria identidade nacional foi sendo subvertida de forma a operar no esporte local sob o engodo de uma “identidade profissional” correspondente aos clubes sionistas para inibir a ligação entre esporte e consciência nacional.

A organização do sionismo em torno das práticas corporais na Palestina se estabeleceu inspirada primeiramente nos elementos da Ginástica Alemã de Friedrich Ludwig Jahn. Com uma expressão de metas tanto nacionalistas quanto de resistência física, esse método ginástico foi descrito por Gutmann (1994) e Quitzau (2012; 2015; 2016) como determinado em difundir essa cultura associativa entre seus adeptos. O impacto da Ginástica Alemã na região foi descrito por Dorsey (2015) como florescente em um “terreno fértil” dentro do sionismo judeu em plena fase de militarização. O movimento surgiu em meio a uma batalha nacional e serviu ao propósito de apertar laços entre sionistas na Palestina e a diáspora judaica e projetar judeus como uma nação e a Palestina como sua pátria.

Organizado e com jogos de prospecção internacional, o esporte foi incorporado nessa mesma esfera, chamando a atenção dos palestinos que passaram a comparar o desenvolvimento nacional com base no desenvolvimento esportivo e exigir maior investimento em áreas urbanas e

escolares de forma a propagar o espírito esportivo que já consideravam carregado em seu hino nacional (SOREK, 2007; DORSEY, 2015).

A utilização do esporte como importante meio de intermediar a resistência emergiu com as instituições esportivas apontando para a sustentação das relações sionistas com seus aliados britânicos. Tal situação foi descrita por Khalidi (2017) como uma ampliação da esfera de influência e apoio transferido dos ministérios das autoridades britânicas ao chão das cidades palestinas por intermédio do esporte que ali era desenvolvido.

Nas partidas de futebol, por exemplo, foram criadas as condições de apoio mútuo entre o exército da ocupação inglesa e os novos colonos sionistas. As pequenas associações atléticas distribuídas em várias cidades palestinas corroboraram potencialmente com o estabelecimento e organização política dos novos colonos. Com a questão palestina coincide uma outra questão, a esportiva, que emergiu em meio ao controle e expansão sionista e com as facilidades do percurso orientalista. Fator que caracteriza os efeitos que se seguem até a atualidade, sejam eles contínuos e/ou contrários.

### **2.3 Refutando a invisibilidade: os Jogos Olímpicos como arenas de negociação**

Em meio ao conflito precedente, a constatação do domínio gradual iniciado nas plataformas esportivas, o cultivo e a promoção de interesses políticos internos refletiram o início das negociações coloniais integradas ao esporte moderno na Palestina (KHALIDI, 2006, 2010, 2014). Sorek (2007) e Khalidi (2014), argumentam que a Palestina testemunhava nesse momento – ou seja, a partir da década de 1940 - a expansão dos clubes sociais com conotação esportiva, logo interiorizados pelos nativos e instrumentalizados como componente do desenvolvimento social as associações esportivas figuraram elementos de uma cultura nacionalista.

Khalidi (2017) afirma que em setembro de 1944, com a junção de 35 clubes palestinos, foi criada a Federação Palestina de Esportes com o intuito de estabelecer relações amigáveis com os países vizinhos e participar das conferências internacionais. Contudo, o autor salienta que em 1948 muitos atletas acabaram indo a óbito combatendo contra forças coloniais sionistas.

Consideravelmente, conforme indica Sorek (2007), o esporte moderno refletiu desde o início as relações coloniais no interior da Palestina. Foi determinada na mesma perspectiva a instituição de um Comitê Olímpico nacional por parte de Israel em 1936, ainda não reconhecido como Estado que teve sua integração ao Comitê Olímpico Internacional negada até o ano de 1948, quando obteve sua independência diante da *Nakba*, entretanto disputas internas atrasaram sua inclusão, que ocorreu apenas em 1952 (ALPEROVICH, 2007; KHALIDI, 2014, 2017;).

Diante dessa corrida representativa, a Palestina integrou o Comitê Olímpico Internacional em 1933 como Estado autônomo, tendo sido dissolvido em 1951 durante a organização e formação do comitê israelense (MALLON; HEIJMANS, 1996). Desde os primeiros esforços em assumir seu lugar como nação no cenário esportivo internacional, os palestinos enfrentaram diversos obstáculos. Esse longo processo foi rejeitado por muitos anos pelo Comitê Olímpico Internacional (KHALIDI, 2006, 2010; PALESTINE UNBOUND, 2014).

A colocação da Palestina no mapa esportivo internacional sob a bandeira de uma Palestina árabe projetou tardiamente uma linha política e indispensável, porém, “(...) carregando rifles e bombas, não havia ninguém que pudesse carregar as luvas de boxe” (KHALIDI; RAAB, 2017, p. 1409). Khalidi (2017) indica que apenas no ano de 1993 veio o reconhecimento em assembleia organizada em Mônaco a partir da decisão do conselho executivo que concedeu reconhecimento provisório ao Comitê Olímpico Palestino, o qual integrou definitivamente dois anos depois. O autor salienta que desde então a delegação palestina assumiu um espaço em cada torneio olímpico.

Nesta grande arena de negociação existente nas grandes entidades esportivas como o Comitê Olímpico Internacional o conceito de nação, conforme evidencia Terret (2019), torna-se algo bastante presente. A nação moderna foi descrita por Hobsbawm (2011) como uma comunidade que compartilha interpretações do passado e aspirações do futuro, é importante também ressaltar que o historiador britânico identificou esses vínculos como entidade social “(...) apenas quando relacionada a uma certa forma de Estado territorial moderno, o ‘Estado-Nação’: e não faz sentido discutir nação e nacionalidade fora dessa relação” (HOBSBAWM, 2011, p.18).

A descaracterização da nação palestina para Said (2009) foi provocada pela sua ocupação e exílio e isso foi agravado por medidas específicas tomadas com o intuito de apagar a presença de uma comunidade palestina. Torna-se importante sublinhar que essas medidas originaram uma entidade negada e impedida de comunicar sua própria extinção. Por sua vez, Schiocchet (2015) alerta que em alternativa ao conflito e seu sistema de forças assimétricas, os palestinos vêm se organizando politicamente de forma contínua, bem como buscam enfatizar uma causa coletiva. A definição de “palestinidade” é citada como um mecanismo desenvolvido em torno do enfrentamento da ocupação e diáspora envolvendo os conceitos de nação e território. Em seu exercício, a “palestinidade” atrela consciência política com seus referenciais simbólicos, constituindo arenas de negociação por uma autodeterminação nacional.

O uso político da identificação palestina por não nascidos no território palestino propriamente dito foi marcante nos Jogos Olímpicos sediados no Rio de Janeiro em 2016. Afinal, dos seis competidores, quatro não nasceram e nem treinaram em território palestino. Condição que representa, segundo Desai e Sykes (2019), critérios de projetos políticos influenciados pelo refúgio palestino e sua constante emergência nacional. Atribuído a destituição do direito de retornar a sua terra natal após o refúgio, o exílio é para Clemens (2007) um marcador do senso de injustiça que assola a manutenção da identidade palestina sem vínculo territorial. A violação dos direitos humanos em território ocupado e no estopim do refúgio são citadas pelo autor como uma “(...) incubadora de futuros problemas” (CLEMENS, 2007, p.100).

O confronto e a resistência palestina provocaram o que Clemens (2007) compreende como um senso catalisador de um movimento pela libertação do seu povo. Esse senso percorre também a esfera esportiva, visto que na busca por uma independência declarada e reconhecida pela comunidade internacional, tal ambição diplomática, para Khalidi e Raab (2017), apesar de rejeitada por muito tempo, vem se fortalecendo no cenário mais amplo do movimento olímpico.

Na busca por legitimidade, o Comitê Olímpico Internacional mostrou-se como uma solução plausível da qual Khalidi e Raab (2017) denotam uma geografia atlética que se difere da geografia política. Para os autores, a geografia atlética tem se mostrado mais inclusiva do que as nações unidas, visto que o

COI reconhece mais nações independentes do que por exemplo a ONU, “(...) simbolizando esperança diante de suas tragédias” (KHALIDI; RAAB, 2017, p.1407). Nesse contexto, o esporte é apontado por Henry, Amara e Al-Tauqui (2003) como importante elemento nos debates sobre identidade cultural e nacional árabe. Amara (2012) e Dorsey (2016), descrevem um esporte propriamente árabe presente séculos antes do colonialismo, um limiar que refletia particularidades da região e o qual foi sendo substituído mediante imigrações e pelo estabelecimento cada vez mais marcante de ideologias coloniais.

O percurso palestino acerca da autodeterminação nacional traçou perante as consecutivas alterações de caráter bélico o que Hourani (2006) e Said (2009) definiram como um aprofundamento do senso de identidade nacional. Segundo essa perspectiva, tais redefinições próprias da diáspora são retraçadas sobre as características políticas locais, renegociando conforme tentativas de representar a própria realidade, uma experiência política de considerável legado nos discursos contemporâneos.

Notadamente, os conflitos difundiram uma continuidade histórica imaginada em toda essa região e essa experiência corresponde segundo Anderson (2008) à articulação da nação com o modo com o qual foi imaginada. Esse simbolismo coletivo para o autor floresce nos tensionamentos de um discurso que se molda na vivência da política e da cultura local. As convicções sobre o senso de identidade nacional palestina sofreram transformações ao longo dos anos de massiva imigração forçada. Clemesha (2009) descreve esse impacto baseada nas circunstâncias da política de transferência. Essa política é versada na expropriação dos árabes palestinos e culminou na quase erradicação do seu povo. A memória desse advento provocou para a autora um senso coletivo que é caracterizado pelo sentido do retorno. O retorno aqui é associado a um *status* de ordem anterior a diáspora e faz referência a identificação nacional e assertivas de nação fiéis a imagem de origem e tradição.

Essa memória implica no sentido estendido de uma nação ressaltada por Anderson (2008, p.32) nos seguintes valores: “Ela é imaginada porque mesmo que os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”. Significados

culturais constituem para Anderson (2008) a base da resposta imaginativa. Para o autor, é essa chave que decifra a capacidade de determinadas culturas resistirem perante as adversidades. A apropriação do esporte moderno na mediação das disputas posicionadas na relação olímpica, articulou segundo Palestine Unbound (2014), um espectro potencialmente político associado a nação.

Segundo Anderson (2008), os esquemas de territorialização são constantes nas representações correspondentes a nação e firmar tal princípio legitima um ideal de soberania segundo a visão apresentada pelo autor. A representação esportiva do Oriente Médio em megaeventos esportivos é apontada por Amara (2012) e Dorsey (2016) como esquemas de inscrição de legitimidade e presença diante das ações coloniais. Sobretudo uma estratégia que contém o potencial de evidenciar demandas e imaginários locais na luta por reconhecimento.

Para Said (2008) o Oriente foi definido ao longo da história como um contraste da Europa e foi nas categorias nós-nosso, eles-deles que se constituiu o discurso de superioridade do ocidente sobre a designação do oriente. Amara (2011) argumenta que as relações iniciais do esporte no interior da Palestina reforçaram essa designação e traçaram recursos para o delineamento do *apartheid* e representação sionista à medida que inscreveram novas representações no discurso local.

Diante de uma conjuntura volátil, a coligação do diálogo político e esportivo teve efeitos controversos registrados na região da Palestina desde a fundação do seu primeiro clube em 1921. Helman (2008) evidenciou essa questão indicando pressupostos de manobras de exploração das operações esportivas para o estabelecimento de uma sociedade judaica local. O autor descreve uma corrida pela institucionalização do esporte local em âmbito de representação internacional.

#### **2.4 O espaço olímpico como local de confronto político esportivo entre palestinos e israelenses**

Os comitês esportivos da Palestina e Israel dotados de agendas políticas paralelas estabeleceram disputas nas quais Israel teve maior êxito. Sorek

(2003), Amara (2011), Khalidi (2018) e Dart (2019) indicam que foram obstruídas negociações históricas seguindo estratégias de deslegitimação do esporte palestino perante a comunidade internacional. A institucionalização, por exemplo, foi aliada estratégica no desempenho colonial, do qual Israel acabou por vencer com folga a partida.

O confronto pela representação esportiva ficou bem evidente no ano que sucedeu a *Nakba*. Durante esse período, especificamente em 1948, a organização das federações palestinas já era quase toda controlada por judeus sionistas, alcançando também o espaço do Movimento Olímpico. Essa composição, segundo Desai e Sykes (2019), foi concomitantemente banindo árabes palestinos das organizações esportivas, refletindo assim as tendências da sociedade colonial em ascensão. Contudo, ao longo da esteira colonial, Said (2009) descreve que a deslegitimação foi sendo reproduzida em diversas esferas sociais, constituindo um propósito de apropriação onde “(...) os sionistas ocuparam um lugar que tornou possível interpretar a Palestina e sua realidade nos termos que o Ocidente podia compreender e aceitar facilmente de modo específico e genérico” (SAID, 2009, p.27).

Sorek (2007) presume que para os palestinos a participação na arena esportiva é um impulso para a reintegração e autodeterminação. O autor descreve um movimento de esperança e lugar de fala coexistente entre as esferas esportiva e política, tornando públicas e permitidas suas narrativas e demandas. Em argumento semelhante, Amara (2011) aponta que os Jogos Olímpicos ilustram um *locus* onde é permitido publicizar narrativas próprias e denunciar silenciamentos em situações de crise política. Esse debate é ratificado por Shor e Yonay (2014), no entanto os autores alertam para a ambiguidade entre as narrativas de responsabilidade pública e/ou midiática, atentando ao fator de exclusão e/ou discriminação como impactantes nas declarações direcionadas a população de forma mais ampla.

No interior da Palestina as narrativas históricas colocam em contradição os elementos promovidos pelo esporte moderno no ocidente, pois, segundo Shor e Yonai (2011), o esporte na região por anos não consistiu em uma expressão popular, mas no silenciamento da população autóctone. Este preceito implica na continuidade das características do fenômeno citado por Guttman (1994) e Terret (2019) em referência ao esporte motivado por características

imperialistas, e nessa fase é descrita uma difusão marcadamente lúdica empreendida em prol do imperialismo, condição que revela um contexto de uma sociedade colonial em seu desenvolvimento esportivo local.

Apesar da sua origem colonial, Amara (2014) salienta que o esporte também integrou o cotidiano dos árabes, defendendo sua causa de modo a estender um engajamento político através da cena internacional. O autor indica a FIFA e o COI como entidades institucionais importantes para mobilização popular bem como legitimação política, citando a Palestina como um exemplo desta dinâmica.

O diálogo esportivo internacional descrito por Houlihan e Zheng (2014, p.1) na abordagem dos “(...) paradoxos da presença em marginalidade” permite visualizar os objetivos não esportivos cabíveis na presença dos pequenos Estados em grandes eventos esportivos. Para os autores, a expansão dos projetos nacionais e benefícios políticos são características associadas a essas iniciativas.

Os Jogos Olímpicos promovidos na cidade brasileira do Rio de Janeiro no ano de 2016 demonstraram, em certo sentido, de acordo com Desai e Sikes (2019), políticas de *apartheid* distintas. As observadas ações manifestadas entre a ocupação militar do governo brasileiro em áreas marginalizadas no Rio de Janeiro e a histórica segregação ocorrida na Palestina durante o evento demonstraram, segundo os autores, uma realidade que foi observada por ativistas e que acabou criando conexões no que se refere ao debate colonial existente tanto em Gaza como no Rio de Janeiro.

Relações de reconhecimento dos problemas sociais em meio aos eventos esportivos globais, interessam de acordo com Houlihan e Zheng (2014) aos Estados marginalizados em meio às problemáticas políticas coloniais. Contudo, também representam uma atividade diplomática em meio a um discurso com potencial para evidenciar vulnerabilidades e desempenhar uma relevante oposição.

Estruturas globais aplicadas em práticas locais - seja para manutenção ou resistência - são amplamente atribuídas às narrativas esportivas no Oriente Médio (AMARA, 2011; DORSEY, 2016; KHALIDI, 2017). A participação da delegação palestina nos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro reflete um marcador dessa experiência. O uso político atribuído ao RIO 2016 sugere um

impacto positivo, principalmente no evidenciamento do “*BDS movement*”, movimento de mobilização que clama pelo boicote, desinvestimento e sanções internacionais contra produtos, campanhas ou promoções do Estado de Israel (PALESTINE UNBOUND, 2016).

A progressão desse movimento é atribuída a visibilidade das sanções atuadas pelo Estado de Israel contra a Palestina, dessa vez estendidas sobre a sua delegação nos Jogos Olímpicos. A cobertura global comum ao evento concedeu um meio de refletir internacionalmente esse fator. O coletivo de pesquisadores palestinos do Palestine Unbound (2016) citou esse episódio como uma chance de transgressão de fronteiras em que o esporte transpôs também barreiras do *apartheid*.

Em todo caso o progresso foi lento, a batalha por uma posição para a bandeira da Palestina nos Jogos Olímpicos foi de longo prazo e os obstáculos percorridos foram inúmeros. O progresso pela aceitação da Palestina no Movimento Olímpico foi ocasionado pelo árduo caminho interditado pelas relações coloniais. Restrições esportivas, negligências, indeferimento das instituições, bem como sua substituição em benefício da ocupação são repetidamente pontuadas por Sorek (2003; 2007) como um duplo exílio pautado na negativa das suas manifestações de resistência.

Os pronunciamentos atuantes da esfera esportiva foram e ainda são uma experiência funcional na região do Oriente Médio. Amara (2012; 2014) indica que as declarações ressonantes desses meios de expressão ligados ao esporte são indispensáveis para atuar naquilo que segundo Said (2009) seria uma luta contra a exclusão e indiferença divulgadas, explicitando a retomada da autodeterminação palestina. O silenciamento dos palestinos e, sobretudo, a interdição dos seus discursos há muito dominados pelo orientalismo (SAID, 2008) discorre também sobre a esfera da linguagem olímpica e em suas competências sobre o ritual que Guttmann (1994) compreende como meio de difusão de características da soberania e geopolítica sólida e/ou em transição.

O discurso esportivo para Guttmann (1994), em contexto colonial é representativo de corpos e nações em ascensão. Para o autor norte-americano, ao adentrar neste ritual, amplas perspectivas são integradas e/ou mesmo estendidas em prol de legitimações políticas. Kummels (2013) se refere a essa

dinâmica como indicadora de apropriações locais das quais se traz à tona atribuições e resgates históricos descontinuados.

A ruptura e o deslocamento são fatores sociais que Hall (2011) compreende como indissociáveis da concepção do sujeito moderno e seu discurso. O autor atribui que "(...) uma cultura é um discurso" (HALL, 2011, p.31) e nele são organizadas ações e concepções. É notório para Said (2007) uma inquietação relativa à usurpação do território geográfico e seus inúmeros impactos. Essa composição, para o autor, foi organizada baseada na experiência política e persistente vontade popular. Tais significações culturais constituem para Anderson (2008) a base da resposta imaginativa. Para o autor é essa a chave que decifra a capacidade de determinadas culturas resistirem perante as adversidades. A apropriação do esporte moderno na mediação das disputas posicionadas na relação olímpica, segundo Palestine Unbound (2014), é um exemplo da articulação de espectros potencialmente políticos.

Visualizados no território esportivo, os apelos tecidos pelos palestinos na combinação entre geografia territorial e esportiva são, segundo a revisão de Sorek (2003) bem como a de Dorsey (2015), uma afluência das identidades arquitetadas pela relação política e belicosa, sendo também uma plataforma popular que permite projetar medidas de oposição e resistência em meio a tensões e censuras de outros meios. O reconhecimento do Comitê Olímpico Palestino foi tardio e para Khalidi (2017) isto ocorreu pelas interrupções relativas à ocupação e a falta de representantes, visto que o conflito exigiu lutas armadas, consumiu vidas e deixou uma geração de exilados.

A Carta Olímpica (2011) declara que a inscrição dos atletas nos comitês olímpicos nacionais é subordinada aos documentos de nacionalidade. Contudo, Khalidi (2018) argumenta que quatro dos seis atletas inscritos nos Jogos Olímpicos de 2016 são filhos e netos de palestinos diaspóricos e não possuem nacionalidade palestina, o que causa impacto sobre a representação olímpica. A perda da nacionalidade relativa a desapropriação ocorre segundo Clemesha (2008) em prol de um Estado exclusivamente judeu, o qual prevê ilegalmente uma restrição quanto ao retorno dos nativos expropriados de sua terra natal. Deste modo, é executado o que a autora denomina como um processo de desenraizamento e desapropriação culminante em uma limpeza étnica.

Conseqüentemente, as gerações seguintes que viveram sob o exílio adotaram para si uma identidade fortemente influenciada pela identificação com a causa palestina. Este senso de pertencimento é para Clemens (2007) parte do processo da diáspora, gerando uma reformação constante de palestinos que clamam pelo direito de retornar à Palestina. A identidade fragmentada se desenvolveu a partir de retóricas de geografia e experiências políticas, um senso de unidade que os identifica com a terra dos seus ancestrais. Tal fator é afetado segundo o autor pelo ideário cultural que paira sobre a noção de família e de identidade familiar na Palestina, assim como em todo o mundo árabe.

As guerras são catalisadoras de uma aliança coletiva fortalecida em crenças e objetivos comuns. Hourani (2006) indica que nesse meio o tema central é sempre a nação e a definição da identidade política e, no caso dos palestinos em específico, o autor cita uma exigência de existência nacional convicta em um sentimento de injustiça. A segunda geração de palestinos em exílio é segundo Salem (1983) reconhecida pela Organização das Nações Unidas como dotada do *status* de palestino sob refúgio. Porém, o palestino proveniente desse conflito tem seu reassentamento envolvido por diferentes processos de negociação que para Hamid (2020) é determinado por cada país em que se reintegra e suas instituições humanitárias.

As definições das esferas governamentais permearam um desencontro com as prescrições da Organização das Nações Unidas, visto que Hamid (2020, p.58) destaca que "(...) a universalização daquela definição de refugiado ocorreu em 1967, com a promulgação do protocolo relativo ao Estatuto do Refugiado, que estabeleceu a retirada das condicionalidades temporais e geográficas". A autora ainda salienta que as proposições de cada país para essa questão e protocolo são baseadas em negociações políticas e lutas de poder.

O argumento de Said (2009) sobre a postura política dos palestinos em contrapartida às circunstâncias da diáspora e negligência de direitos, como a própria identificação do grupo com seu Estado demonstra que a unidade política e práticas de consenso são amplamente discutidas e fundamentais nas práticas de resistência ou mesmo ofensivas populares, gerando com isso uma grande correlação de forças diante do conflito.

A criação do Estado de Israel formou, segundo argumenta Hamid (2020), uma categoria genérica de refugiados que dificultou a identificação do grupo com

o Estado. Entretanto, em referência aos Jogos Olímpicos, é observada uma maior coerência com as determinações nacionais dos palestinos, visto que dos obstáculos listados por Khalidi e Raab (2018), a naturalização não era uma opção possível, mas foi negociada com o Comitê Olímpico Internacional.

As negociações referentes a uma região associada a complexos conflitos demonstram aquilo que Amara (2012) descreveu como uma oportunidade de reposicionar a Palestina no mapa mundial por via diplomática. Essa referência demonstra uma espécie de microcosmo das relações geopolíticas em que a competição carrega a diferença de poder a ser narrada pelo anúncio de um corpo palestino que quer promover sua existência e utiliza-se do esporte para alcançar tal intento.

## 3 CAPÍTULO II: RIO 2016 - O “RENASCIMENTO” DO ESPORTE MODERNO NA PALESTINA

### 3.1 Esporte e política: em busca da legitimidade palestina

O surgimento, na década de 1960, da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) deflagrou, segundo Said (2009), um universo de movimentos de independência e libertação. Presidida por Yasser Arafat a organização alinhou-se naturalmente sua posição política com o *Al Fatah*. Criado e liderado por Yasser, o *Fatah* foi uma oposição pioneira, atuante e armada e que objetivava a libertação da Palestina e o retorno dos seus refugiados. Tal organização, ocupou por muitos anos uma posição de destaque em negociações dialogadas e/ou ações armadas. A projeção dos palestinos no discurso ocidental surgiu como liderança autêntica na Palestina em conjunto com a notoriedade da OLP. Tal força política, para Said (2009), atrelou-se à Autoridade Nacional Palestina (ANP) pela necessidade de transpor a resistência armada do *Fatah* em uma composição de partido.

A Autoridade Nacional da Palestina apresenta de acordo com Rosado (2010) um corpo administrativo segmentado das posições representadas pela OLP. Surgida em meio a uma crise de representação no ano de 1993, se fixou internacionalmente como uma entidade autônoma em uma tentativa da OLP (nesse momento como Estado Observador não Membro da ONU) de em assembleia ter seu corpo distinto como um Estado autônomo. Contudo, a Autoridade Nacional Palestina segundo Khalidi (2018) trata de um acordo de transição administrativa entre os então partidos, *Hamas* e *Fatah*, até que se restabeleça o Estado da Palestina e suas reivindicações sobre a ocupação. A Autoridade Nacional da Palestina é descrita pelo Conselho Europeu para as Relações Exteriores (ECFR, 2019) como uma base institucional das políticas palestinas, onde em seu interior habitam partidos palestinos dos quais *Fatah* e *Hamas* são os principais.

A elaboração de propostas políticas se desenvolve segundo Galily (2018) pela instituição da Autoridade Nacional Palestina, porém após o sucesso adquirido nas eleições parlamentares, o *Hamas* vem atuando desde 2007 como uma espécie de chefia das propostas nacionais. Ambas as organizações, *Hamas*

e *Fatah*, possuem disputas internas, porém as rixas ideológicas segundo Kapeliouk (2004) são colocadas de lado em prol da libertação nacional. Nesse sentido Rosado (2010) cita que as atuações dessas lideranças costumam adotar mecanismos alternativos de negociação.

Sorek (2007) considera que as narrativas esportivas reproduzem o discurso político mais amplo e caracterizam o mecanismo para as representações coletivas necessárias diante do conflito. Amara (2012) indica que, de fato, a cúpula árabe descreve esse movimento no esporte como um projeto anticolonial de modernização genuína, ao qual segundo o autor, encontra em fóruns e meios de comunicação diplomática espaços para formalizar denúncias, bem como narrar suas lutas diárias. Said (1984) salienta que tal permissão para narrar seus próprios enfrentamentos deflagra um meio de representar a si mesmo, refutando a invisibilidade fixada pelo silenciamento das memórias e demandas.

Jamal (2000) descreve que espaços públicos contextualizam e até estendem projetos políticos palestinos. A autora declara ser possível medir a real diversidade da Autoridade Nacional Palestina através das publicações de jornais locais, criando um espelho dos seus dilemas institucionais bem como os reflexos de seus acordos. A arena política regional, com foco nos territórios ocupados e na mobilização da população autóctone, habita a corrente das publicações do *Al-Quds* em meio a ocupação. Sua influência de acordo com Jamal (2000) carrega uma tendência representativa atuante em critérios de base política nacional e cultural.

A configuração do setor esportivo, segundo Sorek (2003), excluiu os palestinos das organizações esportivas por conta da formalização institucional sob domínio israelense. Essas narrativas para Sorek (2007) consagraram o Estado de Israel e desestabilizaram a Palestina no que condiz com a retórica das projeções de imagens nacionais, cerimônias e bandeiras. A evidência de aspectos nacionais em meio a lutas e combates foi narrada pelo ocidente e de acordo com as suas causas (SAID, 2008). Said (2009) também aponta que a negligência na elaboração de um discurso soberano que conecte as agendas políticas, eventos históricos e o desenvolvimento local, favoreceu medidas de senso identitário, expansivo e dramaticamente colonial, contrariando a cultura e a realidade nativa.

O impacto do desenvolvimento das narrativas palestinas de projeção global, vem concentrando o que Khamis (2016) aponta como expressões opostas ao sectarismo. As narrativas formais encontradas no jornal *Al Quds* multiplicam extensões entre o pluralismo e diversidade institucional da Palestina, explorando a diversidade real bem como o controle da Autoridade Nacional Palestina no dilema característico das suas iniciativas.

Contudo, para viabilizar e estender os componentes desta análise, usa-se uma amostragem extraída do *Al Quds*, com os elementos dispostos na descrição da participação da Palestina nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 e as manifestações de princípio político. Tal recurso diplomático e de preservação de uma continuidade histórica, estejam ou não alinhadas, serão a partir deste ponto a salvaguarda desta investigação. Nesse sentido, utiliza-se esta longa e interessante passagem publicado pelo jornal palestino:

#### CINCO HERÓIS REPRESENTAM A PALESTINA NOS JOGOS OLÍMPICOS DO BRASIL 2016: RIO DE JANEIRO

A Palestina está se preparando para a sua sexta participação consecutiva na história dos Jogos Olímpicos que está sendo organizado no Rio de Janeiro, Brasil do dia 5 a 21 de agosto. Durante esse período cinco atletas vão carregar a esperança do povo palestino em vencer essa grande manifestação do esporte global fazendo o possível para representar a Palestina da melhor maneira.

O Major-General Jibril Rajoub enfatizou um grande interesse em participar das Olimpíadas no Brasil, pois vai coincidir com o renascimento do esporte moderno na Palestina. Também chamou atenção para o esforço despendido pelo Comitê Olímpico em fornecer todos os métodos de apoio possíveis para os atletas mesmo com todas as obstáculos e dificuldades.

O Major-General Rajoub expressou o seu orgulho por todos os atletas que representarão a Palestina em três modalidades diferentes, preservando a honra de levantar a bandeira do nosso país com sua humilde participação como embaixadores da sua terra natal.

Essas Olimpíadas se distinguem no número de atletas representantes, desse modo os cinco heróis serão apresentados a seguir: Na corrida teremos como representante: Mayada Al Said, 23 anos. A maratonista teve sua qualificação a partir de um tempo de 2 horas e 39 minutos. Além dela, o velocista Abukhousa, de 23 anos, que atualmente treina fora da Palestina nas corridas de 100 e 200 metros. A natação será representada por Ahmad Gibril, de 24 anos, especialista em 200 e 400 metros livres e também em mar aberto. O nadador atualmente está em um centro de treinamento na Espanha e já havia representado a Palestina no ano de 2012 em Londres.

Mary Al Atrash, de 22 anos, também nadadora e especialista em nado livre de 50 metros. No hipismo temos como representante o atleta alemão de origem palestina Christian Zimmermann, 54 anos.

Munther Masalmeh, Secretário Geral do Comitê Olímpico, agradeceu o apoio do Comitê Olímpico Internacional na apreciação e apoio em acompanhar os treinos dos competidores palestinos, reforçando a importância de eles continuarem treinando até a data marcada.

O secretário-geral Munther Masalmeh expressou seu orgulho em ver a Palestina nesse importante fórum internacional do esporte, que vai mostrar o nome da Palestina novamente nesse mapa esportivo igualada aos outros países participantes e conclui dizendo que deseja que a Palestina traga uma medalha para casa.

Os últimos anos demonstraram um notável crescimento do esporte palestino, sendo que o Major Gibril Rajoub teve um papel proeminente nesse acontecimento local e internacional, excedendo o nível esportivo para um desenvolvimento humano nessa evolução. O progresso também perpassou a infraestrutura com espaços de treinamento como ginásios e estádios que foram construídos apesar de todas as dificuldades e obstáculos.

Por sua vez, o senhor Nader Halawa, Presidente da Federação de Atletismo, enfatizou importância da participação da Palestina nos Jogos Olímpicos do Brasil, a importância do esforço dos competidores e o papel dos seus familiares, clubes e Comitê Olímpico organizador. Pediu também que seja feito o melhor para honrar a imagem da Palestina nesse evento assistidos por milhões ao redor do mundo.

A nadadora Mary Al Atrash expressou sua felicidade em representar a Palestina nas Olimpíadas, em especial por ser sua primeira vez. O sucesso em chegar nas Olimpíadas é devido ao duro trabalho dos heróis palestinos e não apenas ao cartão branco cedido pelo Comitê Olímpico Internacional, através do qual os imigrantes palestinos puderam se juntar aos seus semelhantes filhos da Palestina. Todos juntos compuseram um mosaico maravilhoso no esporte que abraçou o povo palestino (ALQUDS, 17.06.2016; s.p, tradução livre).<sup>20</sup>

رام الله- "القدس" دوت كوم- تستعد فلسطين | 07:30 | 17-06-2016 خمسة أبطال يمثلون فلسطين في أولمبياد ريو 2016 بالبرازيل 20  
لمشاركتها السادسة تالياً على مر التاريخ في المحفل الأولمبي، المزمع تنظيمة في ريو دي جانيرو بالبرازيل، خلال الفترة الممتدة من 5 وحتى 21 من شهر آب القادم، إذ يحمل خمسة رياضيين آمال الشعب الفلسطيني في أن يكونوا خير ممثل لهم في هذه التظاهرة الرياضية العالمية، وأن يبذلوا قصارى جهدهم في تقديم فلسطين بالصورة الأمثل. اللواء جبريل الرجوب أكد على الاهتمام البالغ حول المشاركة في أولمبياد البرازيل، والتي تأتي تزامناً مع النهضة الرياضية الحديثة في فلسطين، مشيراً إلى الجهد الذي بذلته اللجنة الأولمبية من خلال تقديم كافة أساليب الدعم الممكنة ومتابعة استعدادات اللاعبين رغم كل العوائق والصعوبات. وأعرب اللواء الرجوب عن اعتزازه وفخره بكل لاعب ولاعبة سيمثلون فلسطين، بكل ما لديهم من طاقات وإمكانات متواضعة للحفاظ على شرف تمثيل فلسطين، ورفع العلم الفلسطيني، على أن يكونوا خير سفراء لوطنهم. ما يميز هذه المشاركة في أولمبياد البرازيل هو ازدياد عدد الأبطال مقارنة بالمشاركات الماضية، بحيث أن الأبطال الخمسة الذين سيمثلون فلسطين في ثلاث ألعاب مختلفة جاؤوا وفق التالي: ألعاب القوى وسيمثل فلسطين في هذا المجال ميادة الصياد 23 عاماً تخصص سباق الماراتون، وجاء تأهل العداة صياد بشكل مباشر بزم من شخصي قدره 2 ساعة و 39 دقيقة، إضافة إلى العداة محمد أبو خوصة 23 عاماً في سباق 100م و 200م، والموجود حالياً في مورشيوس بمعسكر تدريبي خاص خارج فلسطين. أما على مستوى السباحة فيمثلها كل من السباح أحمد جبريل 24 عاماً تخصص في المسافات 200م و 400 حرة، إضافة إلى السباقات في المياه المفتوحة 3+5كم، وسبق للاعب الموجود حالياً في معسكر تدريبي بإسبانيا، أن مثل فلسطين في أولمبياد لندن 2012، إضافة إلى السباحة ميري الأطرش 22 عاماً، تخصص سباقات 50م حرة، فيما الفروسية سيتم تمثيلها من خلال الألماني من أصول فلسطينية كريستيان زيرمان 54 عاماً. من جهته ثمن مندر مسالمة أمين عام اللجنة الأولمبية، جهود اتحادات ألعاب القوى والسباحة والفروسية بكل أركانها، ودورها في متابعة عمل وتدريب اللاعبين الذين سيمثلون فلسطين في أولمبياد البرازيل، داعياً إلى ضرورة الاستمرار والمواظبة على التدريبات اللازمة حتى موعد انطلاقة الأولمبياد. وأعرب الأمين العام مسالمة عن فخره بحضور فلسطين في هذا المحفل الدولي الرياضي الهام، الكفيل بإظهار اسم فلسطين مرة أخرى على خارطة الرياضة أسوة بغيرها من الدول المشاركة، وختتم متمنياً أن يحالف الرياضيين الحظ والظفر بإحدى الميداليات الملونة. إن السنوات القليلة الماضية أثبتت التطور الحقيقي الملحوظ على الرياضة الفلسطينية، وكان فيها اللواء جبريل الرجوب رئيس اللجنة الأولمبية الدور الأبرز في ذلك، بنجاحات للرياضة ترجمت على أرض الواقع محلياً وخارجياً من خلال العديد من الألعاب الجماعية والفردية، وتعدى التطور على مستوى العنصر البشري من لاعب ومدرب وحكم، بل توسع التطور ليشمل النهضة على مستوى البنية التحتية من خلال المنشآت الرياضية كالملاعب والصالات، التي تم تشييدها رغم كل الصعوبات والعراقيل التي تواجه المنظومة الرياضية. بدوره نادر حلاوة رئيس اتحاد ألعاب القوى أكد على أهمية حضور فلسطين في أولمبياد البرازيل، متمنياً جهود الأبطال المشاركين ودور أهاليهم والاتحادات الرياضية واللجنة الأولمبية في المتابعة والإشراف، وتمنى حلاوة على اللاعبين بذل كل الجهود في سبيل تقديم صورة مشرفة عن فلسطين، في هذا الحدث الذي يتابعه الملايين حول العالم في كل نسخة منه. أما السباحة ميري الأطرش 22 عاماً فأعربت عن سعادتها كونها ستمثل فلسطين في الأولمبياد، خاصة وأنها المشاركة الأولى لها فيه، وتؤمن الأطرش بصعوبة المنافسة إلا أن الحضور في هذا المحفل الكبير هو انجاز بحد ذاته على صعيدها الشخصي، وأعربت الأطرش عن أملها في تحقيق النتائج الإيجابية وبذل قصارى جهدها في سبيل ذلك. ويأتي النجاح في الوصول إلى الأولمبياد ليس فقط من خلال البطاقات البيضاء التي تمنحها اللجنة الأولمبية الدولية، وإنما أيضاً بتأهل بعض الأبطال بشكل مباشر وهذا ما تحقق، من خلال البحث عن الطيور المهاجرة من أبناء فلسطين، وضمهم إلى زملائهم في مختلف المنتخبات الرياضية، وتقديم كل الدعم والرعاية اللازمة لهم من معسكرات داخلية وخارجية في سبيل تحقيق أفضل النتائج، فانصهروا جميعاً في لوحة فسيفسائية رياضية وطنية احتضنت بداخلها الكل الفلسطيني

O anúncio do “renascimento” do esporte moderno na Palestina caracteriza um processo de reformulação comum em Estados transicionais entre a esfera colonial e luta por libertação. Guttman (1994) argumenta que em regiões nas quais o esporte moderno surgiu como imposição, transposição ou exclusão ocorreu uma tendência em transformar as contradições em fatores motivacionais para fortalecer as ideias de nação, competição e sentimentos de libertação.

O Major-General Jibril Rajoub, figura frequentemente citado na matéria acima reproduzida, ocupa o cargo de Presidente do Comitê Olímpico Palestino e da Liga Nacional de Futebol desde 2008. Doutor em Relações Internacionais e membro das Forças de Segurança da Palestina desde 1993, Jibril se tornou Membro eleito do Comitê Central do Fatah em 2009<sup>21</sup>. O Conselho Europeu para as Relações Internacionais cita Jibril Rajoub inúmeras vezes em seu relatório de Mapeamento das Políticas Palestinas<sup>22</sup>, descrevendo uma prisão em 1970 pelas forças de ocupação israelense e um sentenciamento de 17 anos de prisão, dos quais 15 foram cumpridos pela acusação de atacar soldados israelenses (RELATIONS EUROPEAN, 2019).

Liberado por negociações com a Frente Popular pela Libertação Palestina, Rajoub trabalhou nas forças de segurança no mandato do então presidente do *Fatah*, Yasser Arafat. O militar também recebeu crédito no dossiê pelo visível avanço da institucionalização e profissionalização do esporte palestino. Atualmente é considerado um dos nomes mais representativos e poderosos do *Fatah* e potencial candidato à sucessão do então presidente Mahmoud Abbas (RELATIONS EUROPEAN, 2019). A presença de um agente político tão representativo evidencia como o esporte é utilizado das mais diversas formas políticas e o caso palestino não se mostrou diferente.

A expectativa sobre o impacto aplicado através do desenvolvimento esportivo perpassa uma transição de políticas e partidos, em conformidade segundo Mohammed (2014) com as premissas do *Fatah* na defesa de um Estado livre, secular e plurirreligioso. Percorre também sobre a características definidas por Guttman (1978) diante das lógicas do esporte moderno no contexto de uma

---

<sup>21</sup> Informações retiradas da plataforma oficial da Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais.

<sup>22</sup> *Mapping Palestinian Politics* (2019)

sociedade que dialoga com os obstáculos postos por seus paradigmas históricos.

O diálogo se mostrou em grande medida relativo à ênfase do “renascimento” do esporte moderno e seus representantes, trazendo à tona o personagem que empreende esse aspecto. O citado Jibril Rajoub, homem forte do esporte palestino, é o representante desta iniciativa. Galily (2018) aponta essa relação como um aberto e declarado cruzamento entre as agendas de demandas esportivas e diaspóricas palestinas. O autor argumenta que nesse cenário diplomático a arena esportiva foi transformada em um campo de batalha. Em períodos de transição política, o desenvolvimento de projetos esportivos ficou marcada segundo Amara (2012) nas posições de resistência assim como na construção das relações ideológicas. Esse dilema, para o autor, traz voz e complementa interesses proeminentes, legitimando, integrando ou comercializando seu valor em meio a dominância do ocidente sobre o esporte moderno.

Os palestinos têm desenvolvido estratégias visando sua autodeterminação e tal premissa histórica para Schiocchet (2015) age entre contexto e sujeito no enfrentamento da brutalidade da guerra para dessa forma comportar possibilidades de resignificação da militância política. Nesse sentido, situar o palestino diante do cenário bilateral constituído é para Said (2009) uma questão de sobrevivência portanto esquematizar sua presença torna-se imprescindível em um meio em que o pensamento sociocultural separou o mundo árabe de todo o resto.

A experiência do esporte em termos geopolíticos beligerantes vem transformando pontos cruciais do conflito. Amara (2012) observa uma mudança particular nas expressões de heroísmo, as quais eram representadas pelos combatentes, militares e militantes em batalhas armadas, o discurso do esporte moderno implementa uma associação heroica às aspirações esportivas. Khalidi (2018) afirma que a Palestina se encontra em uma corrida pela inserção no cenário esportivo e atribui esse interesse ao Plano da Autoridade Nacional Palestina anunciado no Fórum Internacional de Genebra para o Esporte, Paz e Desenvolvimento, promovido pela Organização das Nações Unidas no ano de

2011<sup>23</sup>. Nesse documento o esporte é descrito como uma ferramenta importante para expor as aspirações nacionais de liberdade, independência e soberania.

O plano desenvolvido pela Autoridade Nacional Palestina consiste segundo Khalidi (2018), em uma estratégia política que perpassa o esporte olímpico para deste modo recolocar o Estado da Palestina no mapa esportivo e exigir da Carta Olímpica o que lhes foi negado pelas constituições. Nesse plano, Jibril Rajoub enuncia o esporte moderno como caminho para evidenciar a luta palestina.

Através do investimento em atletas, estruturas e participação em eventos esportivos globais - com ênfase nos Jogos Olímpicos - surge o Plano Nacional Palestino de Desenvolvimento e o esporte como programa governamental, indicador da implementação das ações e da colaboração mútua entre partidos, ou seja, essa relação segue sob o consenso da Autoridade Nacional Palestina<sup>24</sup>.

A unidade política e as práticas de consenso são amplamente discutidas e fundamentais nas práticas de resistência ou mesmo ofensivas populares, gerando uma correlação de forças diante do conflito da questão da palestina. Said (2009) descreve essa postura como contrapartida às circunstâncias da diáspora e um elemento de identificação em comum.

O Dossiê Europeu para as Relações Internacionais vai além ao apontar na dinâmica de partidos a estruturação de lideranças associadas ao encadeamento de agendas políticas e demandas populares. Os relatórios sobre o caso descreveram práticas de deslegitimação dos comitês e federações do Estado de Israel, bem como um meio de registro dos abusos e violações cometidos pela presente ocupação em meio ao cenário olímpico (ECFR, 2019).

A participação nos Jogos Olímpicos é descrita no jornal palestino analisado como uma forma de “honrar a imagem da Palestina no evento assistido por milhões ao redor do mundo”. A ilustração de uma presença nacional palestina é baseada nos protocolos da Carta Olímpica e no particularismo da honra dos povos árabes ao qual Hourani (2006) descreve como pertencente do

---

<sup>23</sup> *The second edition of the International Forum on Sport, Peace and Development will take place at the United Nations (UN) headquarters in Geneva (Switzerland) from 10 to 11 May 2011.*

<sup>24</sup> *Palestine Action Plan 2011-2013:* [https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/sites/near/files/eu-palestine\\_action\\_plan\\_2013.pdf](https://ec.europa.eu/neighbourhood-enlargement/sites/near/files/eu-palestine_action_plan_2013.pdf)

indivíduo atribuída por sua participação em um todo maior. Tal sentimento de “palestinidade” também foi estampado nas páginas do principal jornal palestino:

#### O HERÓI SIMON SE JUNTA A MISSÃO PALESTINA NOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO 2016

O judoca Simon Yacoub ingressa na missão palestina nos Jogos Olímpicos do Rio, no Brasil. Simon, de 26 anos, que vive atualmente na Alemanha, expressou felicidade em confirmar sua presença nos Jogos Olímpicos, enfatizando que vai efetuar todos os esforços para alcançar resultados distintos.

Por sua vez, o pai de Simon expressou enorme felicidade em ver seu filho participar dos Jogos Olímpicos, especialmente por que vai representar a sua pátria, a Palestina.

O pai do Simon se dirigiu em agradecimento ao Major-General Jibril Rajoub, Presidente do Comitê Olímpico Palestino, ao Secretário Geral Munther Masalmeh e ao Presidente e membros da Federação de Judô por seu papel proeminente no alcance do sonho do filho e acompanhamento nos últimos anos, esperando que isso reflita uma imagem honrosa do país.

Por sua vez, o Secretário Geral da Federação de Judô Muhammad Abu Ermila, elogiou os esforços e treinamento duro efetuados pelo atleta que o ajudaram a aumentar o nível do seu desempenho nos Jogos.

E com essa confirmação, o número de heróis que representarão a Palestina nos Jogos Olímpicos sobe para seis: a corredora Mayada Al Saiad, o velocista Muhammad Abukhousa, o nadador Ahmed Gebrel, a nadadora Mary Al Atrash, o cavaleiro Christian Zimmermann e o judoca Simon Yacoub (ALQUDS, 27.06.2016; s.p, tradução livre)<sup>25</sup>.

Refletir uma imagem honrosa do país no cenário esportivo aparece como uma preocupação constante. Face às dificuldades da ocupação, segundo o Palestine Unbound (2016), o maior oponente encontrado na participação da Palestina nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, foi o histórico bloqueio político e militar e as recorrentes tentativas de deslegitimação dos atletas palestinos. Segundo o Palestine Unbound (2016) houve um impacto evidente na jornada olímpica decorrente das plataformas e entidades de apoio político. Devido a esse amparo, a Cerimônia Olímpica de 2016 testemunhou o

البطل سيمون ينضم لبعثة فلسطين في أولمبياد ريو 2016-06-201627 | 07:00 رام الله- "القدس" دوت كوم- انضم لاعب الجودو سيمون يعقوب لبعثة فلسطين إلى أولمبياد ريو في البرازيل المزمع انطلاقته في الخامس من شهر آب المقبل وحتى 23 من ذات الشهر. وعبر البطل سيمون 26 عاماً والمتواجد حالياً في ألمانيا عن سعادته بعد تحقيق حلمه وتأكيد حضوره في أولمبياد ريو، مؤكداً على أنه سيبدل كل ما لديه من جهود في سبيل تحقيق نتائج مميزة. من جهته أعرب كمال يعقوب والد سيمون عن سعادته الغامرة وهو يرى حلم العائلة يتحقق بوصول ابنه إلى الأولمبياد، وبشكل خاص كونه سيمثل بلده الأم فلسطين. ووجه الوالد كمال شكره للواء جبريل الرجوب رئيس اللجنة الأولمبية وللأمين العام منذر مسالمة، ولرئيس وأعضاء اتحاد الجودو على دورهم البارز في تحقيق حلم ابنه سيمون، ومتابعته في فترة الإعداد خلال السنوات الماضية، متمنياً أن يعكس صورة مشرفة عن بلده. وكان اللاعب سيمون قد شارك في عدة بطولات أهمها بطولة العالم للجودو التي أقيمت في روسيا وبطولتي الصين واليابان المفتوحتين. من جهته أشاد أمين عام اتحاد الجودو محمد أبو ارميلة بما بذله اللاعب سيمون من جهود جبارة من خلال التدريب وعمل عدة معسكرات والمشاركة في عدة بطولات مهمة، ساعدته في رفع مستوى أدائه في اللعبة، وأشار أبو ارميلة إلى أنّ اللاعب سيمون سيخوض معسكراً تدريبياً قبل التوجه إلى البرازيل بعد التنسيق مع اللجنة الأولمبية الفلسطينية مع تأكيد وصول لاعب الجودو سيمون إلى الأولمبياد يرتفع عدد الأبطال الذين سيمثلون فلسطين إلى ستة أبطال وهم: العداء ميادة الصياد والعداء محمد أبو خوصة والسباح أحمد جبريل والسباحة ميري الأطرش والفارس كريستيان زميرمان وأخيراً لاعب الجودو سيمون يعقوب.

desfile da maior delegação olímpica da Palestina. “Dois nadadores, dois maratonistas, um judoca e um competidor do hipismo, constituíram o time palestino. Alguns residem na Cisjordânia e em Gaza, outros cresceram na Alemanha” (PALESTINE UNBOUND, p. 88, 2016; tradução livre).

A evacuação da Palestina pelas forças do Mandato Britânico em estabelecimento do Estado de Israel, visava segundo Sayigh (2015) o desaparecimento dos palestinos enquanto coletividade ligada à um território. Esse resultado repercutiu na delegação palestina, que em consequência da diáspora acabou sendo receptáculo do que Desai e Sykes (2019), citaram como ataques discursivos aos atletas nascidos e/ou criados em outros territórios nacionais. A desapropriação do território palestino tem um contexto único. Feldman (2011) considera que os refugiados ultrapassam em muito os habitantes nativos, possuindo atualmente diferentes nacionalidades, etnias e condições econômicas. A autora atenta que é necessário extrapolar a categoria jurídica de refugiado e cidadão, pois ela não captura toda a extensão da perda e da demanda reivindicada pelos palestinos perante a comunidade internacional.

A identificação nacional com a Palestina foi expressa pelo judoca Simon Yacoub bem como por seu pai. Apesar do país de acolhimento o efeito do rompimento causado pela dispersão integrou uma continuidade histórica compreendida e concedida pelo Comitê Olímpico Internacional o que formalizou o consenso sobre o direito à identificação anteriormente marginalizado pela entidade. A concessão do passe olímpico aos atletas trata de ser um convite feito pelo Comitê Olímpico Internacional para Estados em desenvolvimento e sem estrutura de treinamento (POC, 2016), nesse passo, sustentar a presença palestina potencializa minimamente, segundo Said (2009), um ato de boa vontade.

Para desafiar o discurso hegemônico é preciso primeiramente adentrar nele. Spivak (2010) salienta que essa tarefa percorre a criação de espaços de articulação onde em consequência seja possível ser ouvido. A autora adverte uma possível obliteração do discurso e até mesmo do sujeito, à qual pode ser desviada apenas por ele mesmo, criando um mecanismo de mobilidade das narrativas para que desse modo se assemelham com os saberes característicos do interlocutor.

### 3.2 De gaza ao rio: o anfitrião camuflado

Questionado se os Jogos Olímpicos no acaso de uma não participação do Brasil, perderiam o seu prestígio, o ministro prontamente respondeu que “não” e acrescentou: “os Jogos Olímpicos são um evento para a humanidade e, acima de tudo, 206 países e uma missão de refugiados vão estar presentes. Acho que problemas de participação ou recusa olímpica serão tratados e as autoridades esportivas tomarão a decisão mais justa e apropriada dentro da estrutura determinada pelos regulamentos (ALQUDS, 19.07. 2016; s.p, - tradução livre)<sup>26</sup>.”

Ao transformar, conforme indica Guttman (2002), o mundo em uma vila global com suas inevitáveis disputas e seus necessários apoios e familiarizações, os Jogos Olímpicos sediados no Rio de Janeiro em 2016 apresentaram o que Desai e Sykes (2019) apontam como mobilizações solidárias entre brasileiros e palestinos. O Brasil através da sua diplomacia sempre apoiou palestinos, mantendo alianças com suas lideranças<sup>27</sup>. Baeza (2017) salienta que alguns movimentos mostraram um forte senso de solidariedade com os palestinos condenando abertamente as ações belicosas israelenses. Segundo a autora, apesar de oficiais, muitas das alianças eram apenas simbólicas. No entanto, essas iniciativas prepararam terreno para a promoção de movimentos como o já mencionado Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS).

O BDS constitui, como mostram Bakan e Laban (2009), um movimento que promove campanha de solidariedade internacional e uma base de resistência correspondente ao boicote dos produtos e produções israelenses. Segundo as autoras, essa prática adota bases de solidariedade e debate como resposta às violações cometidas pelo Estado de Israel. Como apontam Desai e Sykes (2019), movimentos sociais brasileiros e palestinos organizaram em 2016 uma marcante conferência no Rio de Janeiro pedindo embargo militar contra

26 ريو دي جانيرو- "القدس" دوت كوم-أ ف ب- أمّلت | 09:00 | 19-07-2016 ريو 2016: البرازيل تأمل في مشاركة جميع الدول البرازيل في ان تتمكن جميع الدول من المشاركة في دورة الالعاب الاولمبية التي تستضيفها من 5 الى 21 آب المقبل في ريو دي جانيرو حسب ما اعلن وزير الرياضة أمس الاثنين. وقال الوزير البرازيلي ليوناردو بيتشاني: "أمل في ان يتمكن جميع الدول والرياضيين من المشاركة، الحكومة البرازيلية تأمل حضور الجميع". وتابع: "بالطبع، فإن الرياضة لها قواعد التي يجب احترامها"، مضيفا "انه قرار للجهات الرياضية، الاتحادات الدولية والوكالة الدولية لمكافحة المنشطات (وادا) يجب ان تدرس الامر وتتخذ القرار". وردا على سؤال عما اذا كانت الالعاب الاولمبية من دون البرازيل ستفقد من هيبتها اجاب الوزير البرازيلي "كلا"، قبل ان يضيف "ان الالعاب الاولمبية هي حدث للبشرية، وهي فوق الكل. سيكون هناك 206 دول وبعثة من اللاجئين. اعتقد بأن هذا الموضوع سيتم التعامل معه بالجدية التي يستحقها والسلطات الرياضية ستتخذ القرار الاكثر عدلا والانسب في الاطار الذي تحدده اللوائح"

<sup>27</sup> Com a transição de governos ocorrida em 2019 no Brasil, surgiram mudanças nas propostas do governo de Jair Bolsonaro em relação as políticas externas. Como consequência dos desejos de grupos neopentecostais apoiadores da campanha de Bolonaro, foram organizadas medidas que visavam transferir a embaixada brasileira para Tel Aviv, sinalizando compromisso com Israel, bem como rompimento com a causa da Palestina (MOREIRA, 2020).

Israel. A audiência emergiu como resultado do primeiro Seminário Latino-Americano de Boicote, Desinvestimento e Sanções realizado no Chile em uma prévia dos Jogos Olímpicos. O evento, segundo os autores, foi o resultado de anos de construção e a sua realização estreitou laços entre as favelas do Rio de Janeiro e a Palestina, obtendo como resultado o impedimento da atribuição total da segurança dos Jogos Olímpicos ao Estado de Israel.

A política externa do Brasil em relação à Palestina, segundo afirma Santos (2014), empreendeu muitas ações em nível global, realizando mediações entre o conflito de Israel e Palestina bem como abrangeu o tema da segurança internacional, o que promoveu um protagonismo global da diplomacia brasileira. Santos (2019) salienta que as iniciativas dessa mediação acabaram por evidenciar uma demonstração de simpatia pela causa palestina em meio a qual foram legitimadas orientações geopolíticas mais amplas e, sobretudo, foram institucionalizados discursos favoráveis aos aspectos demandados pela Palestina a fim do seu reconhecimento e protagonismo como Estado.

Entretanto, Gaffney (2015) declara que as intervenções de segurança pública para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro tiveram “(...) um pesado investimento em comando e controle” (p.162, 2015). A presença da empresa privada Israelense ISDS (*International Security, Defence Systems*) evidencia essa aproximação com Israel, pois foi tal companhia que prestou “(...) treinamentos para agentes de forças policiais e militares ao redor” (ROVEDER, 2019, p. 104). Segundo Roveder (2019) a ISDS foi fundada por agentes secretos israelenses e conquistou o direito de ser a responsável pelo treinamento do Batalhão de Operações Policiais Especiais do Rio de Janeiro (BOPE). Através de um contrato oficial com o comitê organizador dos Jogos Olímpicos de 2016, configurou-se então um símbolo de trocas globais entre as forças militares e policiais mais brutais do mundo. Tal fato, segundo o autor, globalizou de certa forma medidas e operações de repressão.

Desai e Sykes (2019) salientam que, em consequência, foi desenvolvido o Movimento Jogos Olímpicos sem Apartheid, que seguiu o BDS. Essa moção desafiou a empresa ISDS e o contrato de 2.2 bilhões assinados entre Israel, o Comitê Olímpico e governo brasileiro. Essa mudança foi significativa nos desdobramentos organizados pelos movimentos sociais e obteve como

resultado “(...) uma base realmente poderosa e sólida” (DESSAI; SYKES, 2019, p. 30) que desvinculou a militarização da cidade global do domínio israelense.

Ações populares conjuntas proporcionaram um caráter afirmativo de resistência que ficou enfatizado na resposta do Ministro do Esporte Leonardo Picciani. O recém nomeado ministro assumiu o cargo, segundo a Rede Nacional do Esporte (2016)<sup>28</sup>, dois meses antes dos Jogos olímpicos de 2016. Desai e Sykes (2019) bem como Roveder (2019), evidenciaram no mesmo período a criação de tribunais populares que ambicionavam possíveis brechas. Contudo, a ocupação das favelas do Rio de Janeiro pelas mesmas entidades que ocupam a Palestina, para Desai e Sykes (2019, p.38) “(...) mascaravam lógicas raciais e coloniais”, sendo assim os autores enfatizam que realidades distintas foram conectadas e publicizadas neste evento, fato que possibilitou articulações unificadas rumo ao interesse de ambas as populações.

Guttmann (1988) atenta que os Jogos Olímpicos já performaram práticas de segregação anteriormente, como também foram palco de prospecção de reivindicações pela dignidade humana. Notadamente, prosperou nesse meio um sistema de poder e luta que dentre dessa multiplicidade foi acrescentado pelo então ministro do esporte do Brasil um elemento convite, afinal, segundo a fonte supracitada “(...) é um evento para toda a humanidade”. Participar da competição torna-se para Palestina uma forma de ser vista como nação perante a comunidade internacional, fortalecendo com esta visibilidade um sentimento de identidade nacional e sua noção de “palestinidade”:

#### ATLETAS A FRENTE DA PALESTINA NOS JOGOS OLÍMPICOS

A Palestina anunciou que participará dos Jogos Olímpicos do Brasil, no Rio de Janeiro no próximo mês com 6 atletas.

O Comitê Olímpico Palestino disse que a representação palestina no atletismo será através da atleta diretamente qualificada, Mayada Al Said e do velocista Abukhousa que atualmente se encontra em treinando fora da Palestina.

Quanto a natação, a Palestina será representada por Ahmad Gibril, atleta que já representou a Palestina anteriormente nas Olimpíadas de Londres em 2012.

Mary al Atrash, também participara nos 50 metros livres, no hipismo Christian Zimmermann e no judô Simon Yacoub, alemães de origem palestina.

O Major-General Gibril Rajoub, presidente do Comitê Olímpico palestino enfatizou o grande interesse em participar dos Jogos que coincide com o renascimento do esporte moderno na Palestina. Por

---

<sup>28</sup><http://rededoesporte.gov.br/pt-br/noticias/novo-ministro-do-esporte-leonardo-picciani-aposta-no-sucesso-dos-jogos-rio-2016>

sua vez, elogiou os esforços do Comitê Olímpico por fornecer apoio e acompanhamento apesar de todos os obstáculos e dificuldades. Vale ressaltar que a Palestina participa pela sexta vez consecutiva nos Jogos Olímpicos, sendo a primeira participação em Atlanta, em 1996 (ALQUDS, 20.07.2016; s.p, tradução livre)<sup>29</sup>.

A apresentação dos atletas no anúncio da maior delegação palestina em Jogos Olímpicos sinalizou um constructo de relações e oportunidades próprias do diálogo olímpico. Amara (2012) descreve que, no tocante a descolonização dos discursos esportivos, muitas sociedades árabes viram o cenário esportivo como uma janela de oportunidades para dar voz às suas próprias questões e debates.

Ao considerar a questão nacional da Palestina como prelúdio, Said (2009) descreveu o senso de pertencimento político como determinante na condução da identificação e dedicação dos palestinos ao seu Estado-Nação. Hobsbawn (2011) ao tratar potenciais distinções dos princípios e sistemas políticos adjacentes a nação, argumenta que são conferidos direcionamentos que ultrapassam o território e partilham aspectos do passado e perspectivas comuns de futuro. Nesse sentido, a integração olímpica supera o impacto das separações geográficas, pois, segundo Dashper (2012), a logística desse fenômeno pode representar a única oportunidade de ilustrar movimentos de regeneração nacional e reconhecimento público. Essa conexão obtida pela experiência particular olímpica é advinda de um contexto bastante específico e que permite reivindicar em um ritual internacionalmente privilegiado um *status* de cidade e/ou cidadão do mundo.

Habitar o mapa olímpico, excedendo a multiplicidade dos seus atletas e superar o silenciamento e/ou mesmo o confinamento em Gaza, pode ser comparado com o desafio alojado na insistente tendência referida por Said

29 رام الله- "القدس" دوت كوم- أعلنت فلسطين أنها ستشارك: 08 | 201620-07-2016 رياضيين يمثلون فلسطين في أولمبياد ريو في دورة الألعاب الأولمبية في ريو دي جانيرو، بالبرازيل، الشهر المقبل، بـ 6 لاعبين. وقالت اللجنة الأولمبية الفلسطينية، إنه من المقرر أن يكون التمثيل الفلسطيني في ألعاب القوى، من خلال العداء ميادة الصياد (23 عامًا)، في سباق الماراتون، بعدما تأهلت بشكل مباشر بزم من شخصي قدره 2 ساعة و39 دقيقة، إضافة إلى العداء محمد أبو خوصة (23 عامًا) في سباق 100م، و200م، والموجود حاليًا في موريشيوس بمعسكر تدريبي خاص، خارج فلسطين. أما على مستوى السباحة، فسيمثل فلسطين، كل من السباح أحمد جبريل متر حرة، إضافة إلى السباقات في المياه المفتوحة 3+5كم، وسبق للاعب الموجود حاليًا في معسكر تدريبي بإسبانيا، أن مثل فلسطين في أولمبياد لندن 2012. كما تشارك ميري الأطرش (22 عامًا)، في سباق 50 متر حرة. ويمثل فلسطين في الفروسية، كريستيان زميرمان (54 عامًا)، وهو ألماني من أصل فلسطيني. كما يمثل سيمون يعقوب (26 عامًا)، والموجود في ألمانيا، فلسطين، عن رياضة الجودو. وأكد اللواء جبريل الرجوب، رئيس اللجنة الأولمبية الفلسطينية، على الاهتمام البالغ بالمشاركة في الأولمبياد، والتي تأتي تزامنًا مع النهضة الرياضية الحديثة في فلسطين، مشيدًا بالجهود التي بذلتها اللجنة الأولمبية لتقديم الدعم ومتابعة استعدادات اللاعبين رغم كل العوائق والصعوبات. يذكر أن فلسطين تشارك للمرة السادسة على التوالي في الألعاب الأولمبية، حيث كانت المشاركة الأولى لها في دورة الألعاب الأولمبية عام 1996، في أتلانتا بالولايات المتحدة الأمريكية.

(2009) dos meios de comunicação de massa e das produções acadêmicas ocidentais de negarem a devida atenção às circunstâncias históricas e peculiares da experiência palestina. A perda do território originou desalojados, diaspóricos, refugiados, exilados e resistentes nativos, criando com isso um desafio muito peculiar a estes indivíduos.

Como visto na fonte reproduzida ocorre a apresentação de imediato dos seis atletas membros da delegação palestina. Diante das circunstâncias coloniais, segundo Palestine Unbound (2016), apesar da dedicação ao mesmo Estado, quatro dos seis atletas não pertencem a mesma nacionalidade, mas segundo o próprio documento, representam a mesma origem e integram o mesmo grupo dos potenciais familiarizações da vila olímpica.

Declaradamente os documentos consultados constituem uma espécie de “refutação da invisibilidade” (FELDMAN, 2011, p.87). Afinal, para Feldman (2011) a batalha palestina por visibilidade após a expropriação massiva e dissolução da nacionalidade pós-diáspora é uma característica baseada em demandas coletivas pré-estabelecidas e também parte de um projeto político de reconhecimento da comunidade diante das transformações do deslocamento.

Sendo assim, o anúncio do “renascimento” do esporte moderno pelo então presidente do Comitê Olímpico Jibril Rajoub, demonstrava ideais de atrelamento em mesmo grau as características do desenvolvimento social e o olímpico. Khalidi (2018) afirma que a Palestina se encontra em uma corrida pelo sucesso esportivo e atribuiu esse interesse ao Plano da Autoridade Nacional Palestina anunciado no Fórum Internacional de Genebra para o Esporte, Paz e Desenvolvimento, promovido pela Organização das Nações Unidas no ano de 2011. Nesse documento, o esporte foi descrito como uma ferramenta importante para expor as aspirações nacionais de liberdade, independência e soberania.

Com base na campanha da Autoridade Nacional Palestina os relatórios do Conselho Europeu para as Relações Internacionais (ECFR) citaram o plano de retorno ao mapa esportivo baseado na profissionalização e institucionalização esportiva como um dos elementos vinculados ao avanço internacional da pátria palestina e projeção da sua bandeira. A característica mais marcante do esporte no Oriente Médio é para Amara (2012) a projeção do discurso local, a transição de partidos e líderes políticos na premissa do diálogo esportivo. Nesse processo,

as ações esportivas da Autoridade Nacional tornam-se pontes diplomáticas na emergência da transição de imagem, discursos e partidos (ECFR, 2019).

Tal potencial repercutiu amplamente nas estratégias para a independência e nas dinâmicas para resistência em meio a ocupação israelense. A presença da delegação da Palestina permitiu sua colocação na interlocução esportiva e foi um dos itens abordados como necessidade para abertura internacional da questão palestina e as ações contrárias advindas do Estado de Israel foram citadas como eminentes obstáculos (ONU, 2011).

Os esforços do Comitê Olímpico Palestino ultrapassam, segundo Galily (2018), a arena esportiva, perpassando frequentemente a agenda política e militar. A publicidade diplomática aparece como uma das pretensões partilhadas, bem como a ênfase no conflito, a promoção de ideias, requisições e sentidos. No reforço das relações políticas partilhadas no interior das instituições esportivas, são regularizadas narrativas que evidenciam aspectos nacionais. Esses paralelos intensificam para Kummels (2013) uma perspectiva vital sobre as vozes de atores subalternizados e ignorados no passado.

Essa notória vertente de negociações é também para Kummels (2013) uma arena de expansão e interconexão entre discursos. Essa corrente global retoma um relevante debate proposto por Amara (2012) em resposta às mobilizações árabe por independência no interior das plataformas esportivas e nas medidas políticas e ações compartilhadas, dessas revisões associadas se promovem os sentidos de identidade.

Hall (2011) argumenta que algumas influências podem ser decisivas para identidade de uma segunda ou terceira geração influenciada por uma autodefinição em resposta à diáspora. Segundo o autor essas estruturas não estão emparedadas de maneira imutável, mas cooperam em interações mais amplas:

Assim como ocorre na maioria das diásporas, as tradições variam de acordo com a pessoa, e constantemente são revisadas e transformadas em resposta às experiências migratórias. Há notável variação, tanto em termos de compromisso quanto de prática, entre as diferentes comunidades ou no interior das mesmas- entre as distintas nacionalidades e grupos linguísticos, no seio dos credos religiosos, entre homens e mulheres ou gerações. Jovens de todas as comunidades expressam certa fidelidade às “tradições” de origem, ao mesmo tempo em que demonstram um declínio visível em sua prática concreta. Declaram não uma identidade primordial, mas uma escolha de posição do grupo ao qual desejam ser associados. As escolhas

identitárias são mais políticas que antropológicas, mais “associativas”, menos designadas (HALL, 2011, p. 63).

Hall (2011) reconhece que as generalizações são difíceis, entretanto, é de fundamental importância entender que nessa nova configuração as formas diaspóricas não recorrem a uma transitiva assimilação completa. Para o autor a manutenção das identidades é relevante para sua compreensão e essa lógica reflete uma zona de contato em trânsito frequente. Naturalmente, os Jogos Olímpicos repercutem aquilo que Amara (2012) descreveu como uma imagem de modernidade e independência, porém essa prospecção viabiliza para o autor o cruzamento de trajetórias assimétricas. Esse parece ser o caso da atleta Mary Al-Atrash:

MARY AL ATRASH SE PREPARA PARA REPRESENTAR A PALESTINA NOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO

A nadadora palestina aguarda pacientemente as piscinas olímpicas do Rio de Janeiro.

Mary será uma entre os seis Palestinos competidores formando a maior delegação palestina participante dos Jogos Olímpicos desde sua primeira participação nos jogos de Atlanta sediados nos Estados Unidos em 1996. Nos últimos jogos em Londres a participação da delegação somou cinco palestinos (ALQUUDS, 30.06. 2016; s.p, tradução livre)<sup>30</sup>.

A nadadora transpôs alguns obstáculos para chegar nos Jogos Olímpicos. Competidora do nado de estilo livre, ela treinou em uma piscina de vinte e cinco metros e conquistou viagens ocasionais sob a permissão do Estado de Israel e suas fronteiras, através de um programa do Comitê Olímpico Internacional de apoio a Estados em desenvolvimento, sem infraestrutura e recursos. Mary, por exemplo, obteve seu passe e adentrou uma piscina olímpica pela primeira vez no momento da competição (REUTERS, 2016)<sup>31</sup>.

Cabe destacar que não existem piscinas olímpicas na Cisjordânia. Segundo o Palestine Unbound (2016), embora a cidade da nadadora de apenas 22 anos se localizar a poucos quilômetros de Jerusalém<sup>32</sup>, onde existe uma excelente infraestrutura de treinamento, é necessário obter uma espécie de

<sup>30</sup> Zماري الأطرش تستعد لتمثيل فلسطين في أولمبياد ريو 2016-06-30 | 08:25 فلسطين - "القدس" دوت كوم - تنتظر السباح الفلسطينية ماري الأطرش، بفارغ الصبر، للقفز في المسابح الأولمبية في ريو دي جانيرو في شهر آب المقبل لكن طموحها قد لا يتجاوز المشاركة دون التطلع لتحقيق مركز متقدم. وستكون ماري واحدة من ستة فلسطينيين سينافسون في ألعاب ريو وهي أكبر بعثة فلسطينية تشارك في الألعاب الأولمبية منذ المشاركة الأولى في ألعاب أتلانتا بالولايات المتحدة عام 1996. وشارك خمسة فلسطينيين في ألعاب 2016 لندن

<sup>31</sup> <https://www.reuters.com/article/us-olympics-rio-palestinian-swimmer-idUSKCN0ZE1VW>

<sup>32</sup> Território em disputa e sob controle militar do correspondente Estado de Israel (Hourani, 2006)

passaporte e se enfileirar nos postos de controle israelenses. Por ser extremamente arriscado, este processo é desconsiderado pelos atletas que optam em treinar nas instalações propriamente palestinas. Ao contornar tais obstáculos, a presença olímpica da nadadora palestina representou um senso nacional específico. Nas fotos que acompanham a fonte analisada ela se apresenta em frente a uma igreja cristã e adornada de bandeiras palestinas, desconstruindo as explanações que recaem sobre a Palestina e médio oriente de uma região exclusivamente muçulmana, bem como as narrativas bíblicas que segundo Schiochet (2015) foram sustentadas como profecia de retorno dos judeus a terra santa.

**Imagem 1 – Mary Al Atrash**



Fonte: Al Quds<sup>33</sup>

<sup>33</sup> Disponível em <<http://www.alquds.com/articles/1467193460041656000/>> Acesso em 15 abr. 2020

**Imagem 2 – Mary Al Atrash dentro de uma igreja cristã**

Fonte: Al Quds<sup>34</sup>

Contudo, é observado que o sionismo não é um movimento religioso e sim político-nacionalista que, segundo Schiocchet (2015), visava a criação de um Estado judaico na Palestina como uma das possibilidades, sugerindo também “parte da Argentina, Uganda, Madagascar e o EUA” (SCHIOCCHET, p.26. 2015).

A Palestina representada por Mary Al-Atrash traz uma denúncia histórica, visto que os palestinos, de acordo com Hourani (2006), eram unidos por instituições comunais e se estabeleciam como nação entre judeus, muçulmanos e cristãos. Após a desapropriação forçada, a linha nítida de divisão foi imposta e, segundo Clemesha (2008), expandindo a Israel a ocupação de 78% da Palestina. Nesse sentido, as referências nacionais englobadas pelos Jogos Olímpicos são atreladas a disputas, conforme indica Guttman (2002). Para o autor, nesse cenário de concessões, as mensagens carregam propósitos políticos que geram impactos, projetam manobras e criam demandas. Em geral o pesquisador norte-americano sugere que uma leitura apurada pode revelar bastidores representativos de triunfos como também de questionamentos.

---

<sup>34</sup> Disponível em <<http://www.alquds.com/articles/1467193460041656000/>> Acesso em 15 abr. 2020

Elemento que pode ser encontrado no principal jornal palestino ao representar uma outra atleta:

MAYADA AL SAIAD, UM SONHO QUE CRESCEU DESDE A INFÂNCIA E AGORA ALCANÇA AS OLIMPÍADAS DO RIO

- Estou muito orgulhosa em representar a pátria palestina nas Olimpíadas! Ela se encarregou de chegar aos Jogos Olímpicos do Rio e obteve o que queria.

A corredora sempre acreditou em si mesma como uma garota capaz de conquistar o que queria e conseguiu ser a primeira atleta palestina a se qualificar diretamente para os Jogos Olímpicos após conquistar o terceiro lugar na Maratona Internacional de Hamburgo com a marcação de tempo de 2h 41:44. Sua persistência fez com que esse tempo fosse esmagado na Maratona Internacional de Dubai em que marcou 2h39. Com um mês restante para treinar para os Jogos no Rio ela continua trabalhando por um tempo ainda melhor.

Com o intuito de melhorar seu tempo, ela passa de duas a três horas treinando corrida, força e aptidão ao lado dos seus irmãos. O mais velho, Sufian, é ex-jogador de futebol e sua irmã, Mariam, praticante de Jogging. A atleta expressou um desejo indomável de representar seu país, a Palestina, da melhor forma possível.

A corredora agradeceu a todos que contribuíram para sua conquista e enviou uma mensagem especial às meninas árabes em geral e em particular enfatizando o papel das mulheres no esporte e na mudança de estereótipos. Também expressou felicidade em poder ser um incentivo.

Vale ressaltar que a corredora participou de vários torneios como o Campeonato Mundial de Pequim, Campeonato alemão e Europeu, além de obter o primeiro lugar na Maratona Internacional da Palestina em Belém, 2016 (ALQUDS, 04.07.2016; s.p, tradução livre)<sup>35</sup>.

Mayada Al-Saiad foi a terceira atleta na história da Palestina a correr uma maratona e o seu êxito se encontra no fato de ela ser a primeira mulher a competir nessa modalidade em um competição olímpica. Filha de um palestino e de uma alemã, a atleta treinou e representou a Alemanha em diversas competições. Porém, ao demonstrar interesse em competir pela Palestina, o

35 ميادة الصياد.. حلمٌ تنامي منذ الصغر وصولاً إلى أولمبياد البرازيل 2016-07-04 | 07:30 رام الله- "القدس" دوت كوم- "أنا فخورة جداً بتمثيل البلد الأم فلسطين في الأولمبياد"، في سن الثامنة سلمت قدميها للريح، أطلقت العنان لمروحها بالركض، تجري لذاتها، تجري تجاه الوطن ومن أجل الوطن، إنها ميادة معاوية الصياد (23 عاماً) التي أخذت على عاتقها تحقيق الحلم بالوصول إلى أولمبياد البرازيل فكان لها ما أرادت. العداة الصياد بنت القدس، آمنت بنفسها كفتاة قادرة على تحقيق الانجاز، فتجحت كأول رياضية فلسطينية ورياضي فلسطيني بالتأهل إلى الألعاب الأولمبية بشكل مباشر، بعد الفوز بالمركز الثالث في ماراثون هامبورغ الدولي بزمن قدره 2:41:44، إلا أن إصرارها أخذها بعيداً حينما نجحت في تحطيم هذا الرقم لاحقاً في ماراثون دبي الدولي بزمن ساعين و 39 دقيقة، ومازالت تعمل وتجتهد لتحسين الرقم أكثر فأكثر مع بقاء شهر تقريباً على انطلاقة المنافسات الرسمية في أولمبياد ريو دي جينيرو بالبرازيل. ومن أجل تحسين رقمها الحالي ها هي ميادة تقضي من ساعتين إلى ثلاث ساعات يومياً، للتدرب على الركض وإجراء تدريبات خاصة لتحسين اللياقة البدنية، مستمدة قوتها من أخيها الأكبر سفيان الذي كان لاعب كرة قدم سابقاً وأختها مريم التوأم التي زاملتها بالركض في بداية عمرها، ومن جهة أخرى رغبته الجامحة في تمثيل بلدها فلسطين بأفضل صورة ممكنة حسب ما أشارت. تؤكد العداة الصياد على صعوبة المنافسة في ظل وجود أقوى أبطال العالم في هذا المحفل العالمي، إلا أنها تصرّ على خوض هذه المغامرة، متمنيةً أن تكون قادرة على احتلال مركز جيد من المراكز المتقدمة، واكتساب المزيد من الخبرة والاحتكاك بنجوم اللعبة حول العالم. العداة الصياد أرسلت شكرها لكل من ساهم في تحقيقها هذا الانجاز، أما رسالتها الأهم فوجهتها إلى الفتيات العربيات بشكل عام والفلسطينيات بشكل خاص، مؤكدةً على دورهن الفاعل في تحسين الصورة النمطية عن المرأة وتغييرها، معبرة عن سعادتها بأن تكون قدوة حسنة وحافز لهنّ لممارسة الرياضة بجميع أنواعها. يذكر أن العداة ميادة الصياد شاركت بعدة بطولات منها بطولة العالم في بكين، وبطولة ألمانيا وأوروبا والعديد من البطولات الأخرى، إضافة إلى حصولها على المركز الأول في ماراثون فلسطين الدولي في مدينة بيت لحم 2016، أما الحدث الأبرز فكان بالتأهل إلى أولمبياد ريو دي جانيرو 2016 بالبرازيل.

Comitê Olímpico Internacional em conjunto com o palestino concedeu uma carta cidadã, bem como ofertou um convite para sua participação o qual não foi necessário, já que a corredora obteve, segundo aponta Dart (2017) qualificação direta por meio dos seus resultados em competições anteriores. A cobertura da participação de Mayada foi, pela análise do autor, baseada no debate sobre a ocupação. No entanto, desviando desta discussão, a atleta replicava que suas razões não eram políticas e sim meramente esportivas, direcionando o então debate às perspectivas de igualdade de gênero. Contudo, Dart (2017) salienta que o fundo de investimento do atual governo palestino (*Hamas*) tem como prioridade a reconstrução de escolas e hospitais destruídos pela guerra, além de vários outros fatores limitantes do desenvolvimento do esporte na Palestina tanto para homens como mulheres. Para Younes (2020) os palestinos são expostos diariamente a condições de abuso e violência, o que impacta também sobre a participação de mulheres no esporte.

Tais particularidades são críticas e para o relatório do Comitê do Parlamento Europeu para as Relações de Direito das Mulheres e Igualdade de Gênero, o contexto de desigualdade na Palestina não decorre apenas da opressão patriarcal, sendo também agravante da violência política e a insegurança continuada causada pela ocupação e cercos coloniais (EUROPEAN PARLIAMENT, 2011). Segundo Guttman (2002) o apoio e incentivo a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos carrega em si um *status* de desenvolvimento. Essa associação é reconhecida por Dorsey (2015) na participação de mulheres desde a criação do primeiro clube palestino em 1921.

Contudo, os discursos presentes na fonte analisada são favoráveis a temática da causa coletiva palestina. Sobre essa questão, Amara (2012) pontua a importância do esporte na luta pela emancipação feminina e do viés colonial atrelado ao oriente. Esse discurso anticolonial e de inserção palestina pode ser vista também nas competições de Judô, outra modalidade que a Palestina teve representante nos jogos ocorridos no Brasil:

#### NOSSO JUDÔ CHEGA AO BRASIL

Nosso judoca Simon Yacoub e seu treinador alemão Patrick Lang chegaram a Vila Olímpica do Rio de Janeiro para participar dos jogos do Rio 2016, cuja estreia está marcada para o dia 5 de agosto.

Simon participará da competição com peso de 60k após treinamentos no Japão e Uzbequistão (ALQUUDS, 01.08.2016; s.p, tradução livre).<sup>36</sup>

Simon Yacoub também é nascido na Alemanha e é filho de um palestino exilado. O atleta, conforme aponta Dart (2017) faz parte do time nacional de judô da Alemanha. A proveniência alemã é devida a uma imigração considerada recente, visto que de acordo com Schiocchet (2015) a partir dos anos 1960 centenas de palestinos adentraram a Alemanha como parte de um plano de reconstrução daquele país. Dart (2020) afirma que a entrada do judoca usufruiu do mesmo recurso transmitido aos outros atletas que não dispunham de nacionalidade palestina: a emissão de uma espécie de carta convite cedida pelo COI para Estados em desenvolvimento e sem infraestrutura. Fato que cria uma lógica de manutenção das identidades em um sentido combinado de celebração, luta e uma mudança nas estratégias de consenso. Tal fato também foi evidenciado pela imprensa palestina:

#### CELEBRAÇÃO DA MISSÃO PALESTINA NOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO 2016

O comitê organizador dos Jogos Olímpicos no Brasil, Rio de Janeiro, realizou uma recepção para as delegações participantes do Rio 2016, com abertura prevista para o dia 5 de agosto.

A missão Palestina recebeu uma recepção distinta durante a cerimônia. Curta e expressiva, foi organizada ao longo da semana para celebrar diariamente um grupo de delegações participantes da antes da abertura oficial.

Janeth Arcain, uma jogadora de basquete brasileira que já foi vencedora da medalha duas vezes com a seleção brasileira, foi nomeada prefeita da Vila Olímpica e fez um discurso de boas-vindas no qual agradeceu aos participantes. Na curta recepção, ela desejou uma feliz estadia na Vila Olímpica - que é a maior da história dos Jogos Olímpicos no mundo. A vila abriga 17.950 atletas e membros de organizações técnicas e administrativas.

No final do discurso, Arcain convidou o chefe de cada delegação para trocar brasões e presentes memoráveis em uma cerimônia honorária. O chefe da missão palestina Ghaida Abu Ziyad, presenteou com uma bandeira e brasão memorial a prefeita da Vila Olímpica e na sequência foi reproduzido o Hino palestino. Vale ressaltar que a Palestina apresenta a maior delegação da sua história desde a primeira participação em 1996, com 6 atletas. (ALQUUDS, 03.08.2016; s.p, tradução livre)<sup>37</sup>

رام الله- "القدس" دوت كوم- وصل لاعب منتخبنا للجودو سيمون : 12 | 01-08-2016 لاعب منتخبنا للجودو يصل الى البرازيل يعقوب ومدربه الألماني باتريك لانج، الى القرية الأولمبية بمدينة ريو دي جانيرو للمشاركة في دورة الألعاب الأولمبية "ريو 2016" والمقرر افتتاحها في الخامس من آب الحالي. وسيشترك سيمون في منافسات الجودو في وزن 60 كيلوغرام. وخاض سيمون معسكرين تدريبيين في اليابان وأوزبكستان

البرازيل- "القدس" دوت كوم- أقامت اللجنة 12:31 | 03-08-2016 الاحتفاء ببعثة فلسطين المشاركة في أولمبياد ريو 2016 المنظمة لدورة الألعاب الأولمبية الصيفية في مدينة ريو دي جانيرو بالبرازيل، حفل استقبال لوفود الدول المشاركة في هذه الدورة ريو 2106، والمقرر افتتاحها رسمياً في الخامس من آب الجاري. وحظيت بعثة فلسطين باستقبال مميز خلال فعاليات الحفل القصير والمُعبر والذي يتم تنظيمه على مدار الأسبوع الحالي، بحيث تقوم اللجنة المنظمة بالاحتفاء بعدد مُحدد من وفود الدول المشاركة في كل يوم وذلك

A recepção da missão palestina nos Jogos Olímpicos permitiu a manifestação de símbolos que, segundo Schiocchet (2014), foram e são constantemente censurados no território da Palestina. O autor refere-se principalmente ao hino e a bandeira nacional. O turbulento histórico foi redefinido através do reconhecimento da Palestina como Estado autônomo, fato que segundo Amara (2002) foi projetado internacionalmente através do hasteamento da bandeira nos Jogos Olímpicos. A celebração do reconhecimento da identidade atrelada ao território palestino é segundo Amara (2014) uma conquista que face a política de ocupação protegeu uma minoria através do emprego de termos esportivos. Para o autor essa integração impacta direta e sensivelmente nas questões da diáspora e direito ao retorno, trazendo com isso uma maior autenticidade e autonomia ao há tanto negado corpo palestino.

É notável no que confere o ressurgimento do corpo palestino pelo viés esportivo a concomitância com o domínio do *Fatah* na Cisjordânia. O interesse pelo “renascimento” do esporte moderno na região perpassa movimentos da Autoridade Nacional Palestina que intencionam a reconciliação entre o *Hamas* e o *Fatah*. Tal negociação é alinhada a um diálogo de tolerância de equipes com distinções partidárias (AMARA, 2014; DART, 2017).

A crise da Autoridade Nacional Palestina caracteriza uma dificuldade no tocante a transição de líderes e a crescente frustração popular, tal fato criou uma separação geográfica entre as lideranças, o desenvolvimento do esporte encabeçado pelos políticos do *Fatah* demonstra um processo movido por elementos de diplomacia bastante específicos (ECFR, 2020). A experiência singular da abertura enfatiza, segundo Tavares (1998; 2003), valores seculares que se assemelham a ritos religiosos que são destinados a criar uma atmosfera de envolvimento e comprometimento na emergência de novos sentidos. Essa expectativa é compatível segundo a ECFR (2020), com as concepções do *Fatah*. Na batalha para transpor as barreiras do *apartheid*, Khalidi (2010) documenta

---

قبل الافتتاح الرسمي للدورة الأولمبية. وقامت جانيث أركاين لاعبة كرة السلة المُعزلة والفائزة بالميدالية الذهبية مرتين مع المنتخب البرازيلي، والتي تم تعيينها عمدة القرية الأولمبية، بإلقاء كلمة ترحيبية، شكرت خلالها الوفود المشاركة في حفل الإستقبال القصير، ومتمنية لهم إقامة سعيدة في القرية الأولمبية، التي تعتبر الأكبر في تاريخ الدورات الأولمبية، حيث تستضيف نحو 17 ألفاً و950 من الرياضيين وأعضاء الأجهزة الفنية والإدارية. وفي ختام كلمتها، قامت أركاين بدعوة رئيس كل بعثة مشاركة في الحفل إلى المنصة الشرفية من أجل تبادل الدروع التذكارية والهدايا، حيث قدمت رئيسة بعثة فلسطين غيداء أبو زياد علم فلسطين ودرعاً تذكاريّاً لعمدة القرية الأولمبية، قبل أن يتم عزف النشيد الوطني الفلسطيني. يشار إلى أن فلسطين تشارك بأكثر وفد في تاريخها منذ أول مشاركة في أولمبياد أتلانتا 1996، وذلك من خلال تواجد 6 رياضيين

reivindicações travadas através de movimentos esportivos acomodados no secularismo como veículo de reforço da identidade nacional, bem como nos fortalecimentos de laços entre diferentes comunidades palestinas, criando uma noção mais forte de “palestinidade”.

Amara (2012) indica que essa secularização das sociedades árabes implica em uma defesa às invasões ocidentais, pois segundo o autor o engajamento no esporte e os ritos dos megaeventos produzem os efeitos esperados em um constructo que envolve valores de origem política, regeneração cultural e legitimação histórica sem contrastar com as suas tradições. A expressiva recepção celebra demandas e disputas. Pontos que podem ser encontrados nas fontes analisadas:

**A BANDEIRA DA PALESTINA ESTÁ DISPONÍVEL COMO PARTE DE UM NOVO RECURSO PARA APOIAR ATLETAS OLÍMPICOS**

Para comemorar o lançamento dos Jogos Olímpicos no Rio, o site de redes sociais “Facebook” lançou um novo recurso através do qual se pode adicionar o logotipo olímpico e a bandeira do seu país ao lado do da “foto de perfil”. Ahmed Barakat, especialista em mídia social e oficial de marketing digital disse que é a primeira vez que a bandeira da Palestina é inclusa neste tipo de recurso. Ele explicou como ativar e adicionar a bandeira nos perfis pessoais de quem se interessar. Também incitou a aproveitar esse momento para espalhar a bandeira da Palestina e apresentar os atletas por um meio social e esportivo (ALQUDS, 03.08.2016; s.p, tradução livre)<sup>38</sup>.

Mobilizações e revoluções do mundo árabe vêm encontrando nas mídias sociais segundo Coreti e Taki (2013) um ativismo moderno baseado em alternativas de convergência. Para os autores, essas ferramentas desenvolvem um contexto de informação crítico das comunidades marginalizadas em relação às elites e converge também com produções das comunidades autóctones em relação às coloniais. Sem permissão para hastear uma bandeira ou criar símbolos nacionais desde a ocupação britânica, os palestinos segundo Podeh (2011) utilizavam a bandeira da Revolta Árabe (símbolo do primeiro movimento

<sup>38</sup> علم فلسطين متوفر ضمن خاصية جديدة على "فيسبوك" لدعم رياضيي الأولمبياد | 15:5 رام الله - "القدس" دوت كوم - احتفالاً بقرم موعد انطلاق دورة الألعاب الأولمبية "ريو 2016" في البرازيل، أطلق موقع التواصل الاجتماعي "فيسبوك" خاصية جديدة، يمكن من خلالها إضافة شعار الأولمبياد وعلم دولتك إلى جانب الصورة الشخصية "صورة البروفايل". الخاصية الجديدة تمكن المستخدم من إضافة شعار الأولمبياد مرفقاً بعلم دولته إلى صورته الشخصية على الموقع. وقال أحمد بركات خبير الإعلام الاجتماعي ومسؤول التسويق الإلكتروني في شركة "وطنية موبايل"، إن الشيء المميز هذه المرة في الخاصية الجديدة هو إدراج علم فلسطين ضمن قائمة أعلام الدول المشاركة في الأولمبياد، حيث أن فلسطين تشارك ببعثة تتكون من 6 رياضيين في رياضات السباحة، والفروسية، وسباقات الجري والمراثون، والجودو. وشرح بركات كيفية تفعيل هذه الخاصية وإضافتها للصورة الشخصية على "فيسبوك" وفق الخطوات التالية: وحث بركات مستخدمي "فيسبوك" في فلسطين على استغلال الإضافة الجديدة، لنشر علم بلادهم، والتعريف بالقضية الفلسطينية عبر وسيلة اجتماعية ورياضية، إضافة إلى التعريف بالرياضيين الفلسطينيين المشاركين في الأولمبياد.

de libertação árabe). Sua adoção definitiva (com alterações entre a sequência da linha verde e branca) foi determinada à época pela OLP simbolizando a libertação árabe como um todo, acrescentando segundo o autor um signo da união e legitimidade à causa palestina.

O movimento olímpico projetou segundo Amara (2012) símbolos consistentes e significativos para a Palestina, além de publicizar uma luta que em geral havia sido silenciada. O frequente bloqueio israelense nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro foi exposto, conforme é mostrado no *Palestine Unbound* (2016), com apoio de importantes redes sociais como o *Twitter* e *Facebook*. Ambas as plataformas se engajaram na luta contra uma afronta específica praticada por parte do Estado de Israel ao movimento olímpico e o que ele representa. No *Palestine Unbound* (2016) é descrito o bloqueio estipulado por Israel ao chefe da delegação, bem como aos equipamentos da equipe olímpica palestina como indicativos públicos da segregação interna. As mídias sociais foram apontadas como destaque dos obstáculos e do enfrentamento desde a cerimônia de abertura até o encerramento.

A mídia social afeta, segundo argumenta Issa (2016), as atividades de correlação positivamente significantes em relação a questão da Palestina, possibilitando que os interlocutores façam a narrativa de sua própria história. Deste modo, a excluída Gaza pode se tornar espectadora ativa de um evento global que documentou vozes da resistência. Desai e Sykes (2019) declaram que a defesa ao movimento e liberdade olímpica diante dos embargos instituídos pelo governo israelense nos Jogos Olímpicos de 2016 foram anunciados de Gaza ao Rio de Janeiro. Essa retórica demonstrou a obtenção de apoio internacional e visibilidade, um conjunto de fatores que Khalidi (2014) descreve como a aspiração palestina no que compete sua introdução no esporte para autodeterminação política. Esses elementos se materializaram na cerimônia de abertura e foram exaltados pela imprensa palestina:

#### BANDEIRA DA PALESTINA NA ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO

Os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro foram inaugurados oficialmente no famoso Estádio do Maracanã em uma cerimônia que durou 4 horas, contando com a presença de milhares de espectadores, além de dezenas de chefes de Estado.

A cerimônia começou com uma exibição de fogos de artifício e um *show* de dança contando a história do surgimento do Brasil, seguido da apresentação das equipes participantes das Olimpíadas.

As atividades incluíam um giro em torno dos tópicos de paz mundial e meio ambiente. A atleta Mayada Al Sayad carregou a bandeira da Palestina na cerimônia de abertura em meio a uma grande saudação dos torcedores brasileiros.

A representação palestina no atletismo através da Mayada (23 anos) ocorre após uma qualificação direta com tempo pessoal de 2 horas e 39 minutos, além disso o corredor Muhammad Abukhoussa (23 anos) participa nas corridas de 100 e 200 metros.

A natação está sendo representada pelo nadador Ahmad Gibirl (24 anos) experiente no estilo livre de 200 e 400 metros, além de nados em mar aberto com 3 a 5 km. O atleta já representou a Palestina anteriormente nos Jogos de Londres em 2012.

Mary Al Atrash (22anos) também participará dos 50 metros livres, no hipismo Christian Zimmermann (54 anos) e no Judô o também alemão de origem palestina Simon Yacoub (26 anos). (ALQUDS, 06.08.2016; s.p, tradução livre)<sup>39</sup>.

O reconhecimento conferido aos atletas pela sua importância no momento de celebração dos Jogos Olímpicos demonstra, segundo argumentos apresentados por Dart (2017), uma promoção de uma entidade independente diante do cenário internacional, seguido de uma intermediação entre símbolos e Estados. Ao semear logo na recepção a convivência entre culturas, gêneros e etnias que compartilham a paixão pelo esporte, o evento acaba por operar uma sequência de narrativas intensificadas pela *performance* esportiva. Nesta potencial caracterização das nações, Guttmann (1996) diz que o esporte moderno oferece um importante fator motivacional, visto que evidencia uma suposta estrutura de integração compartilhada. Uma concentração de fatores específicos do Estado Palestino foi mediada no desfile das nações. Em um nível concomitante à identidade e a modernidade, um novo presságio foi estabelecido na emergência da intimidade global em meio ao que Guttmann (1996) evidenciou como patrimônio da humanidade.

Visivelmente envolvidos, os palestinos articularam experiências reconfiguradas para sua projeção nacional. Para Abufarha (2008) trata-se de ato notável, seja na adoção de símbolos como a bandeira ou na condução de eventos onde são resgatados, narrados ou reformados símbolos culturais para

ام الله- "القدس" دوت كوم- افتتحت دورة الالعاب الاولمبية 2016-08-06 صور | الصياد ترفع علم فلسطين في افتتاح أولمبياد ريو 2016 في ريو دي جانيرو رسميا باحتفال كبير اقيم في ستاد ماراكانا الشهير. وحضر الحفل الذي استغرق 4 ساعات، آلاف المشاهدين اضافة الى العشرات من رؤساء الدول والحكومات. وبدأ الحفل باستعراض للالعاب النارية وعرض راقص شارك فيه الآلاف، بيروي قصة نشوء البرازيل تلاه استعراض الفرق المشاركة في الاولمبياد. ودارت الفعاليات التي تضمنها الحفل حول موضوعي السلام العالمي والبيئة. وحملت اللاعبة ميادة الصياد علم فلسطين اثناء دخولها عرض الافتتاح وسط تحية كبيرة من الجمهور البرازيلي. وسيكون التمثيل الفلسطيني في ألعاب القوى، من خلال العداء ميادة الصياد (23 عامًا)، في سباق الماراثون، بعدما تأهلت بشكل مباشر، بزمان شخصي قدره 2 ساعة و39 دقيقة، إضافة إلى العداء محمد أبو خوصة (23 عامًا) في سباق 100م، و200م، أما على مستوى السباحة، فيمثل فلسطين، كل من السباح أحمد جبريل (24 عامًا)، في سباق 200م، و400 متر حرة، إضافة إلى السباقات في المياه المفتوحة 3+5 كم، وسبق للاعب أن مثل فلسطين في أولمبياد لندن 2012. كما تشارك ميري الأطرش (22 عامًا)، في سباق 50 متر حرة. ويمثل فلسطين في الفروسية، كريستيان زميرمان (54 عامًا)، وهو ألماني من أصل فلسطيني. كما يمثل سيمون يعقوب (26 عامًا)، فلسطين، عن رياضة الجودو

materializar a ligação com seu território. O autor destaca que os palestinos historicamente vêm compensando o isolamento em relação ao seu território a partir de *performances* e representações culturais mais amplas, em uma esfera de persistência constante e ocasionalmente transformada passam a ser dimensionadas as questões do exílio.

Como resultado, a disseminação de um desempenho cultural para o público dos Jogos Olímpicos simboliza a promoção de concepções interculturais, ou seja, trata-se de um coletivo processo de negociação combinado entre mensagens de conteúdo local e global no protocolo do discurso olímpico (QING; BOCCIA; CHUNMIAO; XING; FU; KENNET, 2010)

### 3.3 Que comecem os jogos

#### CORREDORA MAYADA AL SAYAD SE UNE A MISSÃO PALESTINA NOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO 2016

Ontem à noite a corredora palestina se juntou ao seu treinador Thobias Singer na missão palestina que reside na Vila Olímpica da cidade brasileira do Rio de Janeiro para participar dos Jogos Olímpicos de verão programados para abrir oficialmente no dia 5 de agosto deste ano.

A corredora vai participar da maratona imediatamente após sua chegada à residência da delegação palestina. Ela expressou sua felicidade por participar dos Jogos pela primeira vez em sua história e em especial pela oportunidade de carregar a bandeira palestina durante a cerimônia de abertura esperando ter sido capaz de transmitir uma mensagem ao mundo sobre a capacidade das mulheres palestinas.

A atleta estava presente em todos os fóruns internacionais demonstrando que está buscando honrar o esporte palestino através da sua participação. A atleta de 23 anos de idade explicou que se preparou para esse evento através dos treinamentos na Itália e do Campeonato Mundial na capital chinesa Pequim.

Vale ressaltar que com a chegada de Mayada à Vila Olímpica junto aos seus companheiros que representarão a Palestina temos no grupo: Abukhoussa nos 100 metros, Ahmad Gibril nadador, nos 200 metros livres, o judoca Simon Yacoub, Mary al Atrash nadadora dos 50 metros livres e Christian Zimmermann residente na Alemanha que está com sua chegada programada para as próximas 24 horas. (ALQUDS, 08.02.2016; s.p, tradução livre).<sup>40</sup>

40 ريو دي جانيرو- "القدس" دوت كوم- التحقت مساء امس، 02-08-2016 العداءة ميادة الصياد تلتحق ببعثة فلسطين لأولمبياد ريو 2016 العداءة الفلسطينية ميادة الصياد رفقة مدربها الألماني ثوبياس سينجر ببعثة فلسطين المُقيمة في القرية الأولمبية بمدينة ريو دي جانيرو البرازيلية، وذلك للمشاركة في دورة الألعاب الأولمبية الصيفية 2016، والمقرر افتتاحها رسمياً في الخامس من آب الجاري. وعبرت الصياد التي ستشارك في سباق الماراثون فور وصولها مقر إقامة الوفد الفلسطيني عن مدى سعادتها للمشاركة لأول مرة في تاريخها في دورة الألعاب الأولمبية، خاصة أنها سترفع العلم الفلسطيني خلال حفل الإفتتاح، متمنيةً أن تتمكن من إيصال رسالة إلى كل دول العالم بأن المرأة الفلسطينية قادرة على أن تكون حاضرة في كافة المحافل الدولية، مؤكدة أنها تسعى بدورها لتثريف الرياضة الفلسطينية من خلال هذه المشاركة الهامة. وأوضحت الصياد البالغة من العمر (23 عاماً) أنها استعدت لهذا الحدث الدولي الهام من خلال خوض عدد من المعسكرات التدريبية في مكان إقامتها بالعاصمة الألمانية برلين، إضافة إلى خوضها معسكر تدريبي في إيطاليا استمر مدة إسبوعين، مشيرةً إلى أنها شاركت العام الماضي في بطولة العالم التي أقيمت في العاصمة الصينية بكين. يشار إلى أنه بوصول العداءة ميادة الصياد القرية الأولمبية في مدينة ريو، تكون قد التحقت بزملائها اللاعبين الذين سيمثلون فلسطين في الأولمبياد وهم: العداء محمد أبو خوصة الذي سيشارك في سباق 100 متر، والسباح أحمد جيريل الذي سيخوض سباق 200 متر حرة، ولاعب الجودو سيمون يعقوب وزن 60 كلغ،

A primeira mulher a hastear a bandeira palestina em uma cerimônia olímpica, Mayada Al-Saiyad foi destacada pelo jornal analisado como alguém que não mediu esforços nos fóruns olímpicos para garantir a sua presença na competição, tornando-se, conforme indica Dart (2017), um símbolo importante de mudança e luta. Torna-se fundamental ressaltar que acomodando alterações na representatividade palestina, a atuação das mulheres em uma linha de frente evidência, segundo Abu Lughod (2012), possíveis transformações nos enquadramentos culturais e nos generalismos emendados em discursos advindos de regimes coloniais. A autora reforça que regiões expostas a regimes repressivos tendem a explorar e a divulgar a imagem de mulheres exploradas com argumentos de repressão e/ou atraso que são ligados à elementos tradicionais de uma região em processo constante de destituição.

Tal preocupação é bastante seletiva e foca em signos de opressão. Abu Lughod (2012) cita como exemplo a vestimenta ocidental em oposição a indumentária oriental. Nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro a atleta Mayada Al-Saiyad adentrou a cerimônia olímpica com um vestido tradicional palestino, porém no momento da competição pôde ser vista com trajes ocidentais comuns à modalidade esportiva que pratica. O debate impulsionado desintegra de certa maneira o que Ahmed (1992) denominou de feminismo colonial, uma prática comum através da qual o domínio é justificado em aspectos de sentido orientalista, ou seja, em concepções belicosamente imaginárias. A participação feminina no esporte palestino é anterior, tanto que Sorek (2003) encontra registros da participação das mulheres no esporte palestino desde 1947, bem como detecta uma queda geral após a *Nakba*, refutando narrativas coloniais e destacando um sufrágio olímpico o qual ilustra uma exponencial mudança nas estruturas.

Nota-se que existe uma clara tentativa por parte do Estado palestino de quebrar essa imagem em relação a sua cultura. O esporte é utilizado como ferramenta política para tentar romper com determinados discursos advindos do ocidente. Se isso ficou evidente no caso da participação feminina, também fica

---

باننتظار التحاق السباحة ميري الأطرش سباق 50 متر حرة، وكريستيان زميرمان 54 عاماً المقيم في ألمانيا الذي سيشارك في رياضة الفروسية، والمقرر وصولهما خلال الـ 24 ساعة

notório quando os jornais palestinos exploram a questão da *performance* dos atletas nas competições realizadas no Brasil:

NADADOR AHMED GEBREL SE DESPEDE DOS JOGOS OLÍMPICOS

O nadador se despede dos Jogos Olímpicos após ficar em último lugar nos 200 metros livres.

O atleta foi acompanhado durante a disputa pelo Major-General e presidente do Comitê Olímpico Jibril Rajoub e seu vice Dr. Assad al Majdawali, membros da missão palestina nos Jogos do Rio 2016 (ALQUDS, 08.08. 2016; s.p, tradução livre)<sup>41</sup>.

Na presença do Major-General Jibril Rajoub e membros da missão palestina, o nadador Ahmed Gebrel se despedia dos Jogos Olímpicos e as atuações dos atletas, segundo Palestine Unbound (2016), não carregavam uma medalha, mas evidenciava algo muito mais grandioso. Afinal, somente a presença olímpica para uma nação que deseja se mostrar como um Estado a toda a comunidade internacional já se trata de uma grande conquista política.

Aqui pode-se aproximar a questão ao que Guttmann (1992) indica sobre a glória dos Jogos Olímpicos, pois para o sociólogo norte-americano ela habita um senso de triunfos históricos, de ambições políticas e de efeitos que compõem atribuições relevantes a essa jornada. Nesses moldes, a ênfase do esporte segundo ECFR (2019) consiste em bases representativas de um processo particular que designa internacionalmente uma localidade. Capturar a análise desse processo perpassa compreender o modelo burocrático instalado no cenário esportivo. Essa característica se remete, segundo os argumentos levantados por Guttmann (1978) a sistematização de conquistas. A Palestina por não possuir um histórico institucional esportivo direciona suas perspectivas e ambições esportivas, conforme aponta Khalidi (2018), a criação de discursos que valorizem a grandiosidade de sua inserção dentro do cenário olímpico mesmo com todas as dificuldades impostas.

Essa burocratização apesar de seguir as lógicas universalizantes do esporte moderno reflete também um ideário propriamente palestino. Kummels (2013) evidencia que a presença esportiva é redirecionada pelos fatos históricos de dominação, tornando o resultado esportivo uma característica não tão

السباح أحمد جبريل يودع الأولمبياد من التصفيات الأولية 2016-08-08 | 12:13 رام الله - "القدس" دوت كوم - حل السباح الفلسطيني بهذه النتيجة ودّع جبريل. أحمد جبريل، في المركز الأخير في مجموعته بعدما حصل على زمن قدره دقيقة في سباق 200 متر حرة منافسات الدورة الأولمبية بعد احتلاله المركز الـ47 والأخير في الترتيب العام لتصفيات سباق 200 متر حرة، وتابع السباق، اللواء جبريل 2016. الرجوب رئيس اللجنة الأولمبية، ونائبه د.أسعد المجدلوي، وأعضاء بعثة فلسطين المشاركة في أولمبياد ريو

influyente quanto às relações de simetria geográfica indicadas nos termos de globalização. Os jornais palestinos utilizam deste tipo de narrativa, mesmo em simples notas, como a reproduzida abaixo:

HOJE O CAVALHEIRO ZIMMERMAN INICIA SUA COMPETIÇÃO OLÍMPICA  
 Hoje Christian Zimmerman inicia sua competição em hipismo nos Jogos Olímpicos de Verão.  
 O atleta aparecerá às 17h55, horário de Jerusalém (ALQUDS, 10.08.2016; s.p, tradução livre)<sup>42</sup>.

A curta e aparentemente “inocente” chamada sob o horário de Jerusalém, sede do jornal *Al Quds* evidencia em suas entrelinhas intensos conflitos de desapropriação territorial, dirigindo uma espécie de mediação entre um processo histórico global e um local. Kummels (2013) salienta que a característica da neutralidade olímpica permite um intermédio que implica nessa diversidade de códigos adotados. A ocupação de Jerusalém propõe, segundo Huberman (2014), o deslocamento de palestinos residentes e sua substituição por colonos judeus. Esse projeto sistematizou a transformação dessa cidade na capital de Israel. O embate foi visualizado ao longo das análises de bloqueio e restrições sobre os atletas em treinamento no território palestino ou mesmo os diaspóricos sem direito ao retorno a localidade. Nesse sentido, o jornal ao utilizar o horário de Jerusalém para registrar a participação do atleta palestino acaba por evidenciar a existência de uma arena de disputa, visto que indica que a cidade faz parte do universo palestino, não sendo algo restrito somente aos israelenses.

Esse movimento configura um aparente *apartheid*, porém em meio aos Jogos Olímpicos é expressa uma base neutra na qual as distinções salientadas pelo conflito são substituídas por locuções propriamente palestinas. Abaixo temos mais um exemplo reproduzido no *Al Quds*:

NADADORA MIRA AL ATRASH PARTICIPA DOS 50 METROS LIVRES  
 A natação palestina continua seus preparativos para os 50 metros livres como parte da competição dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.  
 Al Atrash disse que fez de tudo ao seu alcance para se preparar para essa importante competição e explicou que não vai ser fácil pois haverá a presença de importantes competidores. Al Atrash afirmou que busca

اليوم.. الفارس زميرمان يبدأ منافسات الاولمبياد10-08-2016 | 11:16 رام الله- "القدس" دوت كوم- يبدأ اليوم، المتسابق كريستيان زميرمان الذي يُمثل فلسطين في منافسات فردي ترويض الخيول، منافساته فيدورة الألعاب الأولمبية الصيفية. ويظهر زميرمان في المنافسات في تمام الساعة 17:55 مساءً بتوقيت القدس.

um resultado positivo que homenageie o esporte palestino apesar de todas as dificuldades e desafios enfrentados na Palestina como resultado das práticas de ocupação racista o que diferencia resultados em comparação com países que usufruem de benefícios internacionais (ALQUDS, 12.08.2016; s.p, tradução livre)<sup>43</sup>.

Nesse trecho o jornal expressa o desafio da atleta para habitar o mapa olímpico diante do bloqueio e restrições que circularam a existência de uma atleta palestina. Em formato de denúncia foram incorporados aspectos respectivos de contestação, para tanto, a nadadora que nasceu e treinou na Palestina descreveu algumas restrições pessoais e coletivas. Khalidi e Raab (2018) descrevem o cenário olímpico palestino em referência às adversidades por eles enfrentadas (bombardeios, destruição de infraestrutura e instalações esportivas e restrições de viagens). Para os autores, as trajetórias pessoais dos atletas culminaram em esforços incansáveis que acabam repercutindo na esfera coletiva. Portanto, os desafios passam a ser compartilhados e explorados numa narrativa de pertencimento palestino:

#### ZIMMERMAN SE DESPEDE DOS JOGOS OLÍMPICOS NA PRIMEIRA FASE

Christian Zimmerman, representante palestino do hipismo, se despediu dos Jogos Olímpicos que estão ocorrendo na cidade brasileira do Rio de Janeiro após terminar na 28 posição com uma pontuação de 63.271. O atleta disse que o cavalo cometeu alguns erros técnicos em momentos importantes da competição, levando a perda de muitos pontos. Ele observou que esse esporte precisa de um grande foco tanto do cavaleiro quanto do cavalo durante toda a corrida, que dura em torno de 6:30 minutos. Ele também pontuou que a concorrência era forte.

Ao expressar profundo pesar diante da incapacidade de obter os resultados exigidos ele espera que essa não seja a última participação da Palestina nessa modalidade e que os Jogos Olímpicos tenham criado interesse para que os jovens se desenvolvam nessa modalidade e alcancem essa conquista no futuro.

Zimmerman também expressou grande orgulho em representar a Palestina em um grande evento esportivo a agradeceu por nosso povo e por todos que estiveram ao lado dele no último período, em especial o Comitê Olímpico e seu presidente, o Major-General Jibril Rajoub e seu grande esforço para demonstrar o esporte palestino (ALQUDS, 12.08.2016; s.p, tradução livre) <sup>44</sup>.

اليوم: السباحة ميري الأطرش تشارك في سباق 50 م حرة | 07:00 ريو دي جانيرو - "القدس" دوت كوم - واصلت 43 السباحة الفلسطينية ميري الأطرش تحضيراتها لخوض سباق 50 متر حرة، اليوم الجمعة، وذلك ضمن منافسات دورة الأولمبية الصيفية المقامة حالياً في مدينة ريو دي جانيرو بالبرازيل. وأشارت الأطرش البالغة من العمر 22 عاماً إلى أنها حاولت خلال الفترة الماضية بذل كل ما بوسعها من أجل الإستعداد الجيد لخوض هذا السباق الهام، موضحةً أن السباق لن يكون سهلاً خاصة في ظل وجود منافسين أقوى من الدول المشاركة. كما أكدت الأطرش التي تملك زمن قدره 29.91 ثانية، أنها تسعى إلى تحقيق نتيجة إيجابية تشرف الرياضة الفلسطينية، على الرغم من الصعوبات والتحديات التي تواجهها الرياضة في فلسطين نتيجة ممارسات الإحتلال العنصرية، وهو ما أدى لوجود فارق في الإمكانيات مع العديد من الدول المشاركة خلال المشاركة في الإستحقاقات الدولية.

الفارس زميرمان يودع الأولمبياد من الدور الأول | 09:00 رام الله - "القدس" دوت كوم - ودع المُتسابق كريستيان 44 زميرمان ممثل فلسطين في فردي الفروسية، دورة الألعاب الأولمبية الصيفية المقامة حالياً في مدينة ريو دي جانيرو البرازيلية، من الدور الأول بعدما حل في المركز الـ 28 بعد حصوله على علامة 63.271 درجة. وقال زميرمان عقب نهاية السباق إن الجواد قد ارتكب

O esforço do Comitê Olímpico Palestino evidencia diferentes medidas de expressões políticas. O cavaleiro Christian Zimmerman apresentou um discurso que almejou o desenvolvimento do hipismo em território palestino. Nesse evento a experiência da “palestinidade” compraz o atleta que expressa orgulho em representar a Palestina. Segundo Khalidi e Raab (2017), o dirigente palestino Jibril Rajoub costumeiramente se refere ao esporte como um elemento capaz de realizar aspirações nacionais, expondo as demandas do povo palestino, notadamente o direito à liberdade, ao desenvolvimento e ao retorno dos deslocados em meio a guerra foram aludidos no intermédio do discurso. Novamente esse tipo de retórica foi encontrada no jornal palestino analisado:

#### RIO 2016: DESPEDIDA DE AL ATRASH NA NATAÇÃO

A nadadora palestina, Mary Al Atrash ficou em 62 lugar de 91 no nado de estilo livre de 50 metros em um tempo de 28,76 segundos nos Jogos Olímpicos que vem ocorrendo atualmente na cidade brasileira do Rio de Janeiro.

Com esse resultado, Al Atrash de 22 anos se despediu das eliminatórias, porém demonstrou felicidade em ter quebrado seu recorde anterior que era 29,91 segundos, indicando que ela estava forte diante da competição.

Al Atrash, confirmou que vai continuar a melhorar seu tempo para as próximas competições de modo a alcançar resultados positivos para a natação e o esporte da Palestina.

Por outro lado, o corredor palestino Muhammad Abukhousa se programa para participar no nado livre de 100 metros as 15h30 desta tarde, horário de Jerusalém. A corredora Mayada al Sayad participa da maratona esse domingo (ALQUDS, 13.08. 2016; s.p, tradução livre).<sup>45</sup>

Como visto a narrativa utilizada pelo periódico palestino foi a de indicar que as limitadas instalações de treinamento, restrições de viagem e o embargo dos materiais esportivos que a atleta Mary Al-Atrash foi exposta não a impediram

أخطاءً فنية في أوقات هامة خلال المنافسة أدت إلى فقدان العديد من الدرجات، مشيراً إلى أن هذه الرياضة بحاجة إلى تركيز كبير من الفارس والجواد طوال السباق الذي تستمر مدته 6:30 دقيقة، خاصة في ظل وجود منافسة قوية من المتسابقين المشاركين. وأعرب زميرمان عن أسفه الشديد لعدم قدرته على تحقيق النتيجة المطلوبة، متمنياً أن لا تكون هذه آخر مشاركة لرياضة الفروسية الفلسطينية في دورة الألعاب الأولمبية، وأن تكون حاضرة في البطولات الدولية مستقبلاً في من خلق الاهتمام الشاب القادرة على تحقيق الإنجاز. كما عبر زميرمان عن فخره الشديد بتمثيله فلسطين في الحدث الرياضي الكبير، ومقدماً شكره لشعبنا، ولجميع من وقف خلفه خلال الفترة الماضية، وتحديداً اللجنة الأولمبية، من خلال رئيسها اللواء جبريل الرجوب الذي يبذل جهداً كبيراً من أجل إظهار الرياضة في أبهى صورها وداع مشرف للسباحة ميري الأطرش 13-08-2016 | 07:30 ريو دي جانيرو - "القدس" دوت كوم- احتلت السباحة الفلسطينية 45 ميرري الأطرش المركز الثالث في تصفيته، والمرتبة 62 في المجموع العام من أصل 91 سباحة شاركن في التصفيات الأولية لسباق 50 متر حرة، في زمن قدره 28.76 ثانية، وذلك ضمن منافسات دورة الألعاب الأولمبية الصيفية المنعقدة حالياً في مدينة ريو دي جانيرو البرازيلية. وبهذه النتيجة ودعت الأطرش البالغة 22 عاماً للمنافسات من التصفيات الأولية، حيث تتأهل إلى دور النصف نهائي المتسابقات اللواتي يحصلن على المراكز الـ 16 الأولى. وأبدت السباحة الأطرش بعد نهاية السباق سعادتها رغم الخروج من التصفيات الأولية، بعد نجاحها في تحطيم رقمها السابق المُقدر بـ 29.91 ثانية، مشيرةً إلى وجود منافسة قوية بين جميع المتسابقين. كما أكدت الأطرش أنها ستعمل خلال المنافسات القادمة على مواصلة تحسين رقمها وتحقيق نتائج إيجابية تشرف رياضة السباحة في فلسطين. من جهة أخرى، من المقرر أن يشارك العداء الفلسطيني محمد أبو خوصة في سباق 100 متر حرة، وذلك في تمام الساعة 15:30 من عصر اليوم بتوقيت القدس، في حين تشارك العداء الفلسطينية ميادة الصياد في سباق الماراثون الأحد

de representar dignamente seu povo e seguir na sua paixão pelo esporte. Tratado pelos palestinos como uma utopia, o esporte olímpico ressurgiu em algo que vai além dos objetivos de reconhecimento na geopolítica internacional, pois segundo salientam Khalidi e Raab (2017), elaborou-se todo um símbolo de esperança em torno da inserção palestina no cenário esportivo internacional. Elemento que também não deixou de ser valorizado pelo *Al Quds*:

#### TREINADOR ABU MATTA DIZ: ABUKHOUSA SE APRESENTOU COM HONRA NOS JOGOS OLÍMPICOS

Ibrahim Al Matta ou AbuMatta expressou seu orgulho pela participação do corredor Mohammed Abukhousa nos Jogos Olímpicos, enfatizando que o sucesso em superar a primeira rodada dos 100 metros de qualificação já é considerada uma conquista para a Palestina, sendo a primeira vez no gênero.

O treinador expressou pesar pela lesão sofrida pelo seu atleta, o que o impediu de seguir na competição. Apesar disso, Abukhousa demonstrou muita determinação e coragem ao participar da segunda eliminatória mesmo lesionado.

Ao ser questionado sobre o processo de seleção de atletas da Federação de Atletismo para grandes eventos, ele indicou que existe um estudo, porém tudo depende da colocação em torneios locais, onde enfatizou que Khousa é o melhor da Palestina e com base nisso foi escolhido.

Abu Matta acrescentou que para garantir uma participação diferenciada o atleta treinou quase um ano nas Ilhas Mauricio em um campo de treinamento ofertado pela Federação Internacional de Atletismo para o Comitê Palestino.

O treinador confirmou que existem corredores palestinos distintos que são impedidos de se desenvolver pela falta de equipamentos e espaço necessário na Palestina. Ele enfatizou que as portas da Federação de Atletismo estão abertas para adotar atletas competentes para obterem aprovação na representação da Palestina em próximos eventos.

Abu Matta concluiu agradecendo ao Major-General Jibril Rajoub, presidente do Comitê, por suas contribuições ao esporte palestino e pelo notável sucesso e desenvolvimento alcançados a luz da sua presença no topo da pirâmide esportiva palestina. Além disso, agradeceu ao Dr. Amjad al Majdalawi, Issam Qeshta e Ghaida Abu Zyad que acompanharam a missão palestina fornecendo toda ajuda necessária.

Vale ressaltar que o treinador é bacharel em Educação Física pela Universidade Al Aqsa e possui certificação de treinamento de atletas de rendimento pela Federação Internacional de Atletismo. Ele acompanhou Abukhousa como treinador durante sua presença na Faixa de Gaza e Jogos Olímpicos do Brasil (ALQUDS, 19.08. 2016; s.p, tradução livre)<sup>46</sup>.

المدرّب أبو حصيرة: أبو خوصة قدّم أداءً مشرفاً في الأولمبياد 2016-08-19 | 07:00 رام الله- "القدس" دوت كوم- أعرب المدرّب إبراهيم أبو حصيرة عن اعتزازه بمشاركة العداء محمد أبو خوصة في الألعاب الأولمبية بالبرازيل، مؤكداً أنّ نجاح أبو خوصة في تحطّي الدور الأول من تصفيات سباق 100م، يعتبر إنجازاً لفلسطين كونها المرة الأولى من نوعها. وأعرب المدرّب أبو حصيرة عن أسفه للإصابة التي تعرّض لها العداء أبو خوصة، والتي حرّمته من استمرار مشاركته في المنافسة، ورغم ذلك فقد أظهر أبو خوصة الكثير من الإصرار والشجاعة حينما قرّر المشاركة في التصفّيات الثانية رغم الإصابة. وحول آلية عمل اتحاد ألعاب القوى وكيفية اختيار اللاعبين الممثّلين لفلسطين في الاستحقاقات الخارجية، أشار أبو حصيرة إلى أنّ ذلك يعتمد على دراسة أوضاع كلّ اللاعبين الممارسين للعبة، والأرقام الزمنية التي يحققونها من خلال البطولات المحليّة، حيث أكّد على أنّ أبو خوصة هو صاحب الرقم الأفضل في فلسطين بزمن 10 ثواني و56 جزء من الثانية تقريباً، وعلى هذا الأساس تمّ اختياره لتمثيل فلسطين في الأولمبياد. وأضاف أبو حصيرة أنّه ومن أجل ضمان مشاركة مميزة، تمّ تنظيم العديد من المعسكرات التدريبية للاعب أبو خوصة، كان أهمها تواجهه في مورشيوس لمدة عام تقريباً، بمعسكر

Nota-se que o esporte aparece como uma alternativa de visibilidade e reconhecimento que reflete as relações coloniais estabelecidas no interior da Palestina. No cenário olímpico o enfrentamento dos obstáculos é considerado uma espécie de ética que evoca às necessidades nacionais e concede independência (KHALIDI; RAAB, 2017; DESAI; SYKES, 2019). Khalidi e Raab (2017) lembram que os atletas são entusiasticamente apoiados pelo público palestino o que evidencia a importância da participação na construção de uma retórica pró-Palestina. O movimento de soberania estendido aos Jogos Olímpicos obteve no comprometimento dos atletas com sua causa um sucesso antecipado, pois aprofundou sentimentos ligados ao Estado-nação e noção de “palestinidade”.

O cenário de articulação descrito pelo jornal carrega consideráveis conquistas. Mohammed Abukhousa é um velocista conhecido na Palestina por persistir em participar dos Jogos Olímpicos mesmo com todas as dificuldades de ser proveniente de uma família originária de Gaza. Dart (2019) salienta que o atleta treinou fora da Palestina para que seu treinamento não fosse atrapalhado pelo contexto da ocupação israelense. Torna-se evidente que a maior conquista esportiva para os palestinos eram ver os seus atletas participando da maior competição esportiva do mundo sob a sua bandeira e os jornais locais reproduziam retóricas que valorizavam esse esforço:

QUAIS AS CONQUISTAS DA PALESTINA COM A PARTICIPAÇÃO NOS JOGOS OLÍMPICOS DO RIO?  
 A Missão Palestina encerrou sua participação no Rio 2016 no Brasil com uma equipe composta por seis atletas participantes em quatro diferentes modalidades. A participação atual registrou um notável desenvolvimento em relação aos anteriores, especialmente em termos de número de participantes e também qualificação direta!  
 O Comitê Olímpico Palestino concede as federações a liberdade de escolher seus atletas para que representem a Palestina em eventos internacionais. Por sua vez, as federações definem suas escolhas de

---

تدريب عن طريق الاتحاد الدولي لألعاب القوى من خلال اللجنة الأولمبية الفلسطينية. وفي سياق متصل أكد المدرب أبو حصيرة أن فلسطين لديها العديد من اللاعبين المميزين في سباقات السرعة، ولكن يحول دون تطورها عدم وجود الإمكانيات اللازمة، خاصة عدم وجود مضمرة في فلسطين حتى اللحظة، مؤكداً في ذات السياق أن أبواب اتحاد ألعاب القوى مفتوحة أمام كل من يرغب في ممارسة اللعبة، وأنه لا مشكلة في تبني لاعبين جدد في المراحل القادمة في حال أثبتوا الكفاءة، بحيث يتم اعتمادهم لتمثيل فلسطين لاحقاً. وختم أبو حصيرة شاكرًا جهود اللواء جبريل الرجوب رئيس اللجنة الأولمبية، على ما يقدمه للرياضة الفلسطينية، والنجاح والتطور الملحوظ الذي تحقق في ظل وجوده على رأس هرم الرياضة الفلسطينية، كما ثمن دور الأمين العام منذر مسالمة على كل ما قدمه من مساعدات ومتابعة شؤون البعثة أولاً بأول، وكذلك الدكتور أمجد المجدلاوي وعصام قشطة وغيداء أبو زياد الذين تواجدوا في البرازيل برفقة البعثة، وتابعوا كل تفاصيل العمل، ووفروا كل الاحتياجات اللازمة. يذكر أن المدرب إبراهيم أبو حصيرة حاصل على شهادة بكالوريوس بالتربية الرياضية من جامعة الأقصى، ويحمل شهادة تدريب مستوى أول من الاتحاد الدولي لألعاب القوى، وهو المدرب الذي أشرف على العداء أبو خوصة خلال تواجده في قطاع غزة ورافقه كذلك في أولمبياد البرازيل.

acordo com um plano previamente definido de avaliação de resultados e possibilidades de desenvolvimento.

Por sua vez, o Major-General Jibril Rajoub, presidente do Comitê Olímpico, destacou a importância da participação da delegação da Palestina nos Jogos Olímpicos do Brasil em 2016 no conjunto com o notável desenvolvimento do esporte na Palestina. Ele pontuou a importância dos esforços despendidos pelo Comitê Olímpico, que forneceu e acompanhou os atletas e também forneceu todos os meios de apoio possíveis na preparação, superando todos os obstáculos e dificuldades.

O General Rajoub expressou seu orgulho por todos os participantes e representantes da Palestina nas diversas modalidades esportivas em que com honra e modéstia foram os melhores embaixadores da sua terra natal, esperando que nos próximos anos esse palco carregue a conquista de títulos palestinos.

Em relação a participação, o Comitê Olímpico Internacional concedeu 4 cartas convite possibilitando a participação da Palestina nos fóruns olímpicos e a inclusão de mais quatro jogadores sem a necessidade de qualificação dentro das normativas comuns. São eles:

O velocista Abukhousa: escolhido devido a várias considerações, entre elas o melhor resultado local na sua modalidade. Além disso, o atleta fez vários campos de treinamento que o tornaram hábil a ponto de entrar nas contas da Federação de Atletismo e torneios importantes. Nas Olimpíadas o atleta superou a primeira rodada das eliminatórias de 100 metros, mas saiu na segunda rodada após sofrer um rompimento no músculo da coxa, se despedindo das competições.

O nadador Ahmad Gibril: o único atleta palestino a participar de duas Olimpíadas. Iniciando a jornada em 2012 com o melhor resultado local, o atleta participou de campos de treinamento especiais, incluindo no projeto de solidariedade olímpica do Comitê Olímpico Palestino, onde se estabeleceu na Espanha alçando sua carreira ganhando medalhas coloridas em diversas competições em nome da Palestina.

A nadadora Mary al Atrash: quanto a natação, Mary demonstrou capacidades distintas através dos treinos executados na Rússia e com seu resultado no Campeonato Internacional de Dubai. A surpresa veio com sua colocação, onde a atleta se consagrou em terceiro lugar em Dubai. Apesar de não se classificar nas corridas

dos Jogos Olímpicos, ela melhorou significativamente seu tempo.

O judoca Simon Yacoub: Simon nasceu e cresceu na Alemanha, seus pais emigraram mais tarde.

O judô sempre esteve presente na vida do atleta. Em relação aos atletas palestinos locais, Yacoub se distingue em seu desenvolvimento a partir da experiência adquirida em muitos campeonatos.

Esperava-se que ele se qualificasse diretamente para as Olimpíadas, mas como essa sorte não apareceu, a Federação de Judô trabalhou duro junto com o Comitê Olímpico para obtenção de uma carta convite que possibilitou sua participação.

A corredora Mayada al Said: quanto a Mayada, sua classificação foi direta e sem necessidade de um convite auxiliar. Nascida e criada na Alemanha, ela expressou um grande desejo de representar a Palestina, o qual foi atendido.

O cavaleiro Christian Zimmermann: de origem alemã, o atleta simpatiza muito com o esporte palestino e visitou a Palestina em mais de uma ocasião. Após se qualificar diretamente para os Jogos Olímpicos, expressou um desejo de representar a Palestina ao invés do seu país natal, que é a Alemanha. O Comitê Palestino elaborou os procedimentos necessários para isso concedendo a ele cidadania e passaporte palestino, além de acompanhar seus preparativos para os

Jogos até a conclusão da sua participação olímpica (ALQUDS, 25.08.2016; s.p, tradução livre)<sup>47</sup>.

Sob o pleito da independência foi desenvolvida a campanha do “renascimento” do esporte moderno nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. Ao pairar entre transições políticas e projeções das demandas palestinas, o cenário caracterizou a publicização da questão da Palestina perante o restante do mundo. O militante do *Fatah* e porta voz da missão olímpica Jibril Rajoub é, como relata a ECFR (2019), conhecido como o homem mais poderoso do meio esportivo palestino. Crítico ao sionismo ele é famoso por utilizar dos fóruns esportivos com intuídos políticos pró-Palestina, pedindo condenações às violações executadas por Israel. As expressões de orgulho, honra e modéstia de Jibril que fazem referência ao desenvolvimento do esporte, caracterizam as proeminentes narrativas de resistência que recaiam sobre o corpo, a cultura e a

47 رام الله- "القدس" دوت كوم- أنهت بعثة فلسطين 25-08-2016 | 08:30 ماذا حققت فلسطين من المشاركة في أولمبياد ريو 2016 مشاركتها في أولمبياد ريو 2016 في البرازيل، حيث تكون منتخب فلسطين من ستة لاعبين شاركوا بمنافسات أربع ألعاب، وسجلت المشاركة الحالية تطوراً ملحوظاً عن المشاركات السابقة، خاصة من حيث العدد المشارك، ووصول اثنين منهما بالتأهل المباشر. اللجنة الأولمبية الفلسطينية تمنح الاتحادات الرياضية المنضوية تحت مظلتها، حرية اختيار اللاعبين لتمثيل فلسطين في مختلف المشاركات الخارجية، وبدورها تعتمد الاتحادات في اختياراتها حسب الخطة الموضوعية مسبقاً من خلال تقييم نتائج اللاعبين في مختلف الألعاب بالأرقام والأزمان، ومدى إمكانية تحقيق نتائج إيجابية خلال المشاركات الخارجية. من جهته اللواء جبريل الرجوب رئيس اللجنة الأولمبية أكد على أهمية المشاركة في أولمبياد البرازيل، والتي تأتي تزامناً مع التطور الملحوظ للرياضة في فلسطين، مشيراً إلى الجهد الذي بذلته اللجنة الأولمبية من خلال تقديم كافة أساليب الدعم الممكنة ومتابعة استعدادات اللاعبين رغم كل العوائق والصعوبات. وأعرب اللواء الرجوب عن اعتزازه وفخره بكل لاعب ولاعبة يمثلون فلسطين بمختلف المحافل الرياضية، بكل ما لديهم من طاقات وإمكانات متواضعة للحفاظ على شرف تمثيل فلسطين، ورفع العلم الفلسطيني، على أن يكونوا خير سفراء لوطنهم، متمنياً أن تكون السنوات القادمة مرحلة للانجاز وحصد الألقاب. وحول المشاركة في الأولمبياد وكما هو معتاد، فإن اللجنة الأولمبية الدولية تمنح بعض الدول حديثة العهد في الرياضة أربع بطاقات لأربعة لاعبين، في سبيل منحهم فرصة التواجد في المحفل الأولمبي، كونه من الصعب التأهل بشكل مباشر من خلال الأرقام الخاصة بهؤلاء اللاعبين، فيما تواجدهم إضافة إلى الأربعة، لاعبان اثنان من خلال أرقامهما التأهيلية دون الحاجة لبطاقات المساعدة، وجاء اختيار اللاعبين الأربعة في منتخب فلسطين لريو 2016 وفق الآتي: العداء محمد أبو خوصة: تم اختيار العداء محمد أبو خوصة للمشاركة في أولمبياد البرازيل، لاعتبارات عدة منها أن محمد هو صاحب أفضل رقم محلي في تخصصه، لذلك دخل ضمن حسابات اتحاد ألعاب القوى وتم عمل عدة معسكرات تدريبية له، وشارك في بطولات مهمة مثل بطولة العالم 2015، ضمن خطة اعداد اللاعب لريو 2016، حيث استكملت الاستعدادات من خلال تنظيم معسكر تدريبي خاص باللاعب امتد لفترة 9 أشهر تقريباً في مورشيوس قبل التوجه للبرازيل. ونجح محمد في تحطّي الدور الأول من تصفيات 100م، إلا أنه خرج من الدور الثاني بعد تعرّضه لتمزّق على مستوى عضلة الفخذ ليودّع المنافسات. السباح احمد جبريل: يعتبر الرياضي الفلسطيني الوحيد الذي شارك في نسختين من الأولمبياد، بدأها عام 2012 في لندن، وباعتباره صاحب الرقم الأفضل محلياً حصل على معسكرات تدريبية خاصة، منها منحة التضامن الأولمبي الدولي من خلال اللجنة الأولمبية الفلسطينية، حيث استقرّ في اسبانيا خلال فترة السنوات الأربع الماضية، وحقّق أحمد خلال مسيرته العديد من الميداليات الملونة لفلسطين في مشاركات دولية مختلفة عدّة. السباحة ميري الأطرش: أما السباحة ميري الأطرش فقد أظهرت إمكانات مميزة من خلال بعض المشاركات في كازان بروسيا وبطولة دبي الدولية للسباحة، لذلك عمد اتحاد السباحة ترشيحها للمشاركة في أولمبياد ريو، وكانت المفاجأة بحلّوها في المركز الثالث على مجموعتها، وعلى الرغم من كونها لم تتأهل للدور الثاني من سباقات 50م حرة، إلا أنّ الأطرش نجحت في تحسين زمنها بشكل لافت. لاعب الجودو سيمون يعقوب: اللاعب سيمون يعقوب نشأ وترعرع في ألمانيا ومارس لعبة الجودو منذ الصغر، وتم التواصل مع عائلته لاحقاً، باعتباره يمتلك مقومات مميزة، مقارنة مع اللاعبين الفلسطينيين المحليين، وخاض سيمون عدة معسكرات وشارك في العديد من البطولات، وكان الأمل معقود عليه بالتأهل للأولمبياد بشكل مباشر، إلا أنّ الحظ لم يحالفه، فاجتهد اتحاد الجودو بمساعدة اللجنة الأولمبية وتم تحصيل بطاقة له للمشاركة في الأولمبياد باسم فلسطين. العداء ميادة الصياد: أما العداء ميادة الصياد، انطلقاً من رغبته لتمثيل بلدها فلسطين على حساب ألمانيا التي ولدت ونشأت فيها، لذلك اجتهدت اللجنة الأولمبية الفلسطينية بالعداء الماضية في توفير كل الإمكانيات اللازمة لمشاركة الصياد في ريو. الفارس كريستيان زميرمان: هو ألماني الأصل، ربطته علاقة صداقة مع بعض الكوادر الرياضية الفلسطينية، وزار فلسطين في أكثر من مناسبة، وعلى الرغم من تأهله للأولمبياد بشكل مباشر، عبّر عن رغبته في تمثيل فلسطين بدلاً من بلده الأم ألمانيا، وبالفعل عملت اللجنة الأولمبية الفلسطينية الإجراءات اللازمة لذلك من خلال منحه الجنسية الفلسطينية والجواز الفلسطيني، ومتابعة استعداداته للأولمبياد حتى اختتام المشاركة فيه.

fé. Tais retóricas segundo Sorek (2003), constantemente realçavam e/ou impulsionavam as alusões de autodisciplina e obediência civil que eram necessárias ao futuro político nacional.

A tentativa de deslegitimar os atletas palestinos perante a condição da diáspora e do exílio provocou reações neutras na locução das fontes, abstraindo as possíveis repressões externas e formulando apenas questões estritamente locais. Tais questões seguem, segundo Khalidi e Raab (2017), a geografia esportiva que diferente da geografia política é inclusiva em relação às questões representativas, pois de acordo com Said (2009) exceto "(...) em caso de extinção total, os palestinos continuarão a existir e a ter suas ideias próprias sobre quem os representa, onde querem viver e o que querem fazer do seu futuro político e nacional" (SAID, p. 59, 2009) e tais premissas notadamente recaem também sobre a geografia esportiva.

As iniciativas da Autoridade Nacional Palestina somente foram possíveis com a redução de obstáculos permitidas pelo Comitê Olímpico Internacional. Esse recurso político foi imprescindível para expor a causa palestina através do esporte e erguer a bandeira nacional da Palestina perante o restante do mundo. Os parâmetros de nação exigidos para adentrar como membro do COI incluem um território determinável, portanto, apesar das especificidades palestinas, tais critérios são atendidos<sup>48</sup>. A Carta Olímpica retrata o reconhecimento de um país como um Estado independente e reconhecido pela comunidade internacional<sup>49</sup>.

Contudo, essa descrição está sujeita a interpretações, visto que segundo Khalidi e Raab (2017) o mapa foi redesenhado pela geografia esportiva visto que o Comitê Olímpico Internacional em 2016 reconhecia 204 nações enquanto a ONU reconhecia apenas 193. O movimento olímpico, mesmo com todas as suas idiosincrasias, se mostrou mais inclusivo que o modelo ofertado pela própria ONU, oferecendo mais efeitos de visibilidade ao evidenciar elementos das experiências políticas e persistentes vontades populares, componentes que segundo Said (2009), mantém viva a noção de Palestina.

---

<sup>48</sup> M. Akehurst, *A Modern Instruction to International Law* (London: Routledge, 1987), cited in Francis A. Boyle, *Palestine, Palestinians, and International Law* (Atlanta: Clarity Press, 2003), p. 31.

<sup>49</sup> [https://stillmed.olympic.org/Documents/olympic\\_charter\\_en.pdf](https://stillmed.olympic.org/Documents/olympic_charter_en.pdf).

Sob a bandeira de uma Palestina árabe, a participação olímpica destacou a dispersão dos palestinos ao redor do mundo. A naturalização de atletas de elite não é uma opção e, no entanto, o reconhecimento dos atletas de origem palestina foi readequado e utilizado numa narrativa palestina (KHALIDI; RAAB, 2017; DESAI; SYKES, 2019). Ao descrever os nomes dos esportistas da delegação palestina, a imprensa escancarou de forma abreviada o processo de exílio a que foram expostos milhares de palestinos, empreendendo uma aproximação e cumplicidade facilmente compreendida pelos palestinos não deslocados do seu território, inevitavelmente, aos autóctones são outorgados outros desafios.

As conquistas mensuradas nos Jogos Olímpicos de 2016 são fundamentais para expandir horizontes sobre as demandas palestinas. Uma vitória importante foi o restabelecimento de importantes categorias coletivas fundamentadas na memória de um rompimento. O desejo pela autodeterminação nacional e pela contínua representatividade é uma aparente manifestação de consciência política e essa experiência enfatiza *performances* que resgatam narrativas de consenso através de um rito.

A afirmação política de narrativas que transitam entre o tradicional e o moderno traçam para Tomlinson e Young (2006) um cenário plausível de tensionamento nos eventos esportivos. Tal parâmetro é retomado por Amara (2012) que descreveu um contexto de readequação das questões políticas árabes na esteira do esporte moderno.

Os círculos de questionamento reafirmados na conotação esportiva permearam os discursos globais característicos dos Jogos Olímpicos, em contrapartida, a participação no evento oferta aos palestinos um instrumento de celebração para além dos pleitos políticos sem deixar de mobilizar em prol deles. Essa via dupla, permitiu aos palestinos narrar diversas camadas da sua própria história. Ao assumir estratégias rumo a autodeterminação a audácia provocada na dinâmica da atmosfera olímpica mobilizou cenários indispensáveis.

O desenvolvimento do esporte pode revelar um contexto histórico de nível interno concomitante com o externo. Guttmann (1988) descreveu esse processo ao estipular uma espécie de interdependência entre questões locais e globais, as quais para autor se entrecruzam devido à característica de universalização conferida a esse fenômeno. Essas evidências que influenciam em aspectos de

dominância e controle, portanto, podem corresponder a indução da percepção de regras através de uma continuidade informal, adaptada a uma espécie de expedição política.

A projeção das denominadas atividades diplomáticas, percorre atribuições de poder bastante assimétricas. Martel (2012) descreve uma espécie de geopolítica dos conteúdos, uma estrutura de informações da qual emerge um exercício de disseminação de valores e culturas na busca por um desempenho que atenda interesses políticos mais amplos. Tal estrutura percorre barreiras que abarcam valores, censuras e concorrências. Tais elementos, são usualmente expressos nas caracterizações do esporte. Guttmann (1988) descreve que produções discursivas relacionadas aos Jogos Olímpicos são articulações que exemplificam claramente atividades diplomáticas, retóricas governamentais, econômicas, militares e oposições independentes.

Nesse trânsito permissivo de discursos, a criação e desenvolvimento do Comitê Olímpico Israelense organizou grupos de interesse do espectro colonial, sistematizando um diálogo que atuava publicizando os interesses de uma recém instituída nação. Tal condução política impactou significativamente nessa esfera de controle dos mecanismos de conquista, combinando poder e influência política (KHALIDI, 2017; DESAI; SYKES, 2019).

Para Hobsbawm (1995, p.30), a prospecção dos judeus como nação não oferece uma conexão orgânica. Em seus estudos o historiador britânico descreve que nas linhas imperialistas na Primeira Guerra Mundial se sucedeu uma conveniente promessa do governo britânico na qual este "(...) ansioso por apoio internacional judeu durante a guerra, tinha, de maneira incauta e ambígua, prometido estabelecer um lar nacional para os judeus". Paralelamente, a identificação nacional é realmente um fator importante no ponto de vista das políticas de Estados. Segundo Hobsbawm (1995), a característica etnolinguística era o princípio básico para criação de Estados nação inclinados à autodeterminação, porém nesse processo, segundo Said (2009) os judeus vieram de toda parte do mundo.

Da composição dessa necessidade de comunicação foi impelido o hebraico como idioma oficial que, segundo Hobsbawm (2008, p.209), era uma "(...) língua que judeu nenhum jamais utilizara para fins comuns desde o cativo

da babilônia- se é que então o fizeram”. O historiador evidencia outros elementos na passagem reproduzida nas linhas abaixo:

Havia acabado de ser inventada (1880) como língua de uso cotidiano - diferente de uma língua sagrada e ritual ou de uma erudita língua franca – por um homem que iniciara o processo de provê-la com um vocabulário apropriado, inventando um termo hebraico para “nacionalismo”; o idioma era aprendido mais como um distintivo do compromisso com o sionismo do que como meio de comunicação. (HOBSBAWM, 2008, p.209).

Torna-se fundamental aqui enfatizar a proposição levantada por Schiocchet (2015) que enfatiza que a busca por neutralidade deve ser localizada na simetria da situação analisada. Em suma, para o autor, a assimetria corresponde a forma empírica da questão da Palestina. Esse diagnóstico, reivindica um posicionamento crítico e a luz dos acontecimentos históricos. Schiocchet (2015) ainda levanta que em termos de ética e compromisso, um meio termo equivale a uma suposição ingênua e/ou desinformada.

A institucionalização do esporte na recém criada Israel seguiu, segundo Sorek (2003), nos moldes coloniais de repressão e expropriação dos palestinos, desenvolvendo um pilar importante na construção do nacionalismo sionista. Simultaneamente, apesar do lugar significativo que os palestinos vêm resgatando no meio esportivo internacional o autor descreve as arquibancadas nacionais como algo quase que exclusivo de israelense, onde existe uma censura de símbolos palestinos o que configura em sua opinião um dramático abismo entre israelenses e palestinos.

Khalidi (2017) descreve a existência de um boicote étnico e nacional concebido na arena esportiva. Esse cenário foi favorecido pelo viés sionista que moveu historiografias, terminologias e agendas políticas em um reajuste desigual e assimétrico. Ao sublinhar a imagem de Israel como um poder colonial que realiza uma ocupação violenta, Aouragh (2016) delinea os processos de *Hasbara* (diplomacia pública israelense) como um notório lugar de contradição. A supressão da solidariedade para a Palestina em campanhas diplomáticas israelenses tem paradoxalmente atraído fortes críticas à *Hasbara*. Essa característica sinalizou pontos de inflexão pública perante a comunidade internacional, uma fissura que segundo Aouragh (2016) tem se expressado mesmo nos empreendimentos mediados através do esporte.

Na migração do conflito para a esfera esportiva, coberturas jornalísticas podem basear medidas bastantes parciais e esse tratamento precisa levar em consideração questões mais amplas derivadas do conflito Israel-Palestina. A proeminente jornal israelense *Haaretz*<sup>50</sup>, segundo aponta Viser (2003), representa o viés dos seus leitores e, em geral, segundo autor, essa posição reflete interesses de expansão colonialistas.

A exploração desses indicadores pretende desdobrar esses questionamentos e as redes de relações políticas das suas atuações. Inevitavelmente ligadas, às plataformas esportivas e políticas podem assegurar sentidos comuns, critérios de identificação e *status* de privilegiado na ordenação da opinião pública e assertivas publicadas nos periódicos. Isso se manifesta no único momento que o principal jornal israelense noticia a participação palestina nas competições realizadas no Rio de Janeiro no ano de 2016:

#### **COMO O EMPRESÁRIO ALEMÃO ACABOU REPRESENTANDO A PALESTINA NO RIO**

Christian Zimmermann, 55 anos se juntou aos membros do time olímpico palestino. Porém a obtenção da cidadania Palestina não está muito clara, essa curiosa história parece ser uma dupla mistura de ideologia e oportunismo.

Entre os seis atletas no time palestino dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016, uma pessoa não palestina se destaca: um homem mais velho, de aparência europeia, Christian Zimmerman é um alemão de 55 anos que representa a Palestina desde 2012. Ele participou a favor da Autoridade Palestina pela primeira vez no Campeonato Mundial Equestre além de outras competições, no Rio, ele fará história como o primeiro hipista representando a Palestina nos Jogos Olímpicos.

Como um cristão de Colônia que é descendente do compositor Robert Schumann, e CEO de uma empresa de comunicações que emprega mais de 700 pessoas, ele estava aposentado das competições ao que se tornou um cidadão da Palestina e seu representante nos Jogos Olímpicos.

As explicações são diversas e algumas questões nunca foram respondidas. Fica claro que Zimmermann não é casado com uma palestina como foi reportado. Essa história é complicada e incorpora uma combinação de ideologia e oportunismo.

Christian Bruhe como era conhecido até 2012, desenvolveu um alto nível na área de adestramento, uma forma de arte elitista do esporte equestre, bem como estudar negócios e colecionar arte, “(eu adoro a beleza e excelência, diz ele)” na idade de 26 anos ele abandonou o hipismo competitivo e se dedicou aos negócios, eventualmente participando da empresa que seu pai fundou, especialista na construção de cabines para exposições. Apesar de desacordos com o pai o filho transformou a companhia, em uma companhia internacional de comunicação bem sucedida com escritórios em Beijin, Guangzhou,

---

<sup>50</sup> <https://www.haaretz.com/>

Xangai, Hong Kong, Bassel e Atlanta em conjunto com mais cinco cidades na Alemanha incluindo a matriz em Colônia.

Em 2006 Zimmermann que acredita que desafio são uma parte importante da vida, voltou a competir após um hiato de 18 anos. Não há idade limite para o engajamento nos esportes equestres, sendo muitos dos atletas olímpicos mais velhos.

Em setembro de 2011 ainda cavalgava pela Alemanha, sob o nome de Bruhe, antes de decidir representar a Palestina, (sua filha também se chama Esther Bruhe e compete em hipismo). Em 2012 se casou com Sarah Myriam Zimmermann e adotou seu último nome, ela também não é palestina como pode ser visto pelo seu nome. Só em 2013 mudou sua nacionalidade devido as regras da federação internacional para esportes equestres, sua escolha deriva em parte da busca por uma maneira de se qualificar para os Jogos olímpicos.

Como hipista alemão não obteve sucesso, mas como palestino não havia competição, permitindo-o chegar aos jogos, com sugere o tabloide alemão Bild.

Além de Zimmermann apenas outros cinco hipistas palestinos estão registrados junto com 2 cavalos como membros da Federação Internacional equestre. A Palestina não promove competições de hipismo então a pergunta que fica é: por que a Palestina e não alguma nação subdesenvolvida da África? Por exemplo, Zimmerman explica que em uma competição na qual participou ao final da década passada, conheceu uma família de diplomatas russos de origem palestina. Isto marcou o começo de uma amizade especial, que depois levou a sua decisão de representar a Palestina. Não havia sido uma decisão espontânea, diz ele que tomou um tempo antes de decidir competir pela Palestina. Enquanto ele menciona o aspecto político de sua ação, ele também insinuou que há uma dimensão prática que especificamente, ele observa, tais decisões vão naturalmente influenciar uma pessoa em nível pessoal, político e esportivo, mas pragmaticamente, ele concluiu que teria mais liberdade competindo pela Palestina do que se houvesse tentado aderir a estrutura de organização alemã.

Zimmermann diz que apesar de sempre haver sido interessado em política e história, inclusive a do Oriente Médio, sua amizade com a família de diplomatas o introduziu a uma dimensão mais pessoal, impulsionando a sua atitude, apesar da relação complexa e especial entre seu país e Israel. Por razões óbvias ele explica que os alemães se preocupam com história e a situação em Israel.

Por outro lado, o dilema palestino não é suficientemente representado na Alemanha; ele esperava conseguir encorajar as a refletir, se relacionar e entender a perspectiva Palestina no conflito do Oriente Médio: “nós como alemães, temos responsabilidade para com ambos os lados do conflito e devemos ter uma perspectiva adequada”, diz Zimmermann.

Outra parte da história é que desde que Zimmermann jamais seria qualificado para os jogos como representante da Alemanha, ele optou por uma entidade diplomática que quase não tem hipistas. Isto não é um fenômeno raro, acontece em muitos esportes e acende muitas críticas. Certamente, ele foi sujeito a tais críticas, antes dos Jogos olímpicos de verão de 2012 em Londres (Zimmermann planejava competir como representante da Palestina, mas não pode uma vez que um período de defasagem era necessário após haver cavalgado pela Alemanha) da parte de Ricki Rothschild Bachar, da federação equestre de Israel. Em fevereiro de 2012 ela escreveu a respeito de Zimmermann: “você acredita que ele sabe onde é a Palestina? Eu não [acredito]. (HAARETZ, 03.06.2016; s.p., tradução livre).

Como visto o jornal israelense na contramão dos meios de comunicação palestinos tenta deslegitimar a participação do atleta pela Palestina. Trata-se de uma guerra de narrativas. Almeida e Rúbio (2018), apontam que adquirir a cidadania esportiva para competir por outras nações não é uma prática nova. Os autores ao discorrer sobre os critérios de nacionalidade ressaltam o *Jus Soli* e o *Jus Sanguini*. O primeiro termo se refere a nacionalidade territorial, já a segunda definição é independente do território de nascimento e entende a nacionalidade compartilhada na ascendência do indivíduo. Porém, as regras adotadas dependem de cada nação, alguns países ainda utilizam uma categoria mista, ou mesmo desenvolvem parâmetros próprios. O Brasil é um excelente exemplo, pois apresenta uma diversidade de dados nacionais registrados nos Jogos Olímpicos de 2016. Os representantes nacionais brasileiros perpassaram de naturalizados à migrantes internacionais.

Nunes (2018) indica que a cidadania israelense é emitida através da comprovação de pertencimento a comunidade judaica e/ou ascendência pertencente à mesma. Ela independe do local de nascimento. A obtenção também é possível por meio da comprovação de residência que deve somar três anos e seguir de uma renúncia à cidadania anterior.

Por sua vez, conforme argumenta Jardim (2003) a Palestina diante da redefinição de fronteiras, exílio e embates diplomáticos demonstra uma complexidade maior no que se refere a obtenção de documentos de naturalização ou cidadania. Essas questões são alusivas às problemáticas da sua própria autodeterminação. O percurso histórico palestino, bem como sua diáspora, tem perpassado famílias e gerações subsequentes. Sob o risco de extinção, a identidade palestina vem se hospedando em um processo coletivo contido em sua reivindicação de direitos. Nesse percurso, as referências nacionais atravessam disputas, assim como aponta Jardim (2003), a criação do Estado de Israel redefiniu lugares nos quais palestinos poderiam viver, dando a eles a condição de residentes. A condição de refugiado não fornecia nenhum direito a quem havia perdido sua casa, mas sim uma assistência básica proveniente das Nações Unidas (SAID, 2009).

Com os palestinos dispersados ocorreu uma situação bem divergente. Em meio ao deslocamento, ingressar uma dupla cidadania não era permitido nos países árabes pelos quais o trânsito para saída era obrigatório. O resultado foi o

fornecimento da documentação de cidadania jordaniana e eliminação de documentos com registro de sua proveniência. Esse processo obrigatório também não os favorecia com os mesmos direitos dos residentes (BRAND, 1995; KHALIDI, 1997; JARDIM, 2003)

Segundo Said (2009), embora tenha reconhecido o direito de retornar ao seu lugar de domicílio, estabelecido em inúmeras resoluções das Nações Unidas e leis internacionais, Israel tem veementemente negado a possibilidade de retorno dos palestinos:

Isso ocorre, em primeiro lugar, por uma série de leis que declaram as terras árabes na Palestina como propriedade abandonada e, portanto, passíveis de desapropriação pelo Fundo Nacional Judeu (que é proprietário legal da terra em Israel “para todo povo judeu”, uma fórmula sem analogia em qualquer outro Estado, ou pseudo-Estado); e em segundo lugar, pela Lei do Retorno, segundo a qual qualquer judeu nascido em qualquer lugar do mundo tem o direito de reclamar cidadania e residência israelense imediatas (mas não um árabe, mesmo que possa comprovar sua residência e a de sua família por várias gerações na Palestina). Essas duas categorias - que se excluem sistemática e juridicamente - tornam impossível, em qualquer base que seja, que o árabe-palestino regresse, seja indenizado por sua propriedade ou viva em Israel como um cidadão igual a israelense judeu perante a lei (SAID, 2009, p.56).

Essa história palestina foi novamente deslegitimada nos argumentos do jornal israelense Haaretz, pois a acusação do Comitê Olímpico Palestino de oportunismo no desempenho de manobras comuns aos comitês, pela recusa de citar a Palestina na denominação do seu Estado referindo à Autoridade Nacional sem nem mesmo citar sua origem, ainda que seja patente que a Autoridade Nacional Palestina constitua o corpo administrativo dos partidos estatais palestinos (KAPELIOUK, 2004). Almeida e Rubio (2018) destacam a importância de atletas de outros países defenderem Estados nacionais em um mundo globalizado, descrevendo também essa prerrogativa como uma prática comum e permitida pela lógica esportiva. Para os autores, essa contratação em nível olímpico permite avaliar a falta de políticas e de empenho no sentido de desenvolver uma modalidade esportiva.

Dessa desconfiguração é descrito um projeto israelense que visa transformar a Palestina em uma fantasia geopolítica. O respaldo dos Jogos Olímpicos claramente representa um retorno ao mapa e permissão de naturalidade palestina perante o mundo. Como visto jornal israelense na contramão dos meios de comunicação palestinos tentam deslegitimar a

participação do atleta pela Palestina. Trata-se de uma divergência nas narrativas, onde o esporte e as diversas facetas que ele apresenta se tornam cenários importantes para a compreensão mais ampla desse conflito que assola a política internacional a décadas. Porém, tais questões são elementos a serem explorados em pesquisas futuras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a inserção do esporte moderno no Oriente Médio, realizada principalmente a partir das dinâmicas de poder desiguais durante o colonialismo britânico, esse se tornou uma alternativa importante para a formulação de novas identidades na região. Tal transposição incluía a perspectiva europeia na adoção de códigos, que se desdobraram nos arranjos institucionais e administrativos esportivos forjados em íntima relação com grupos políticos e interesses em disputa no plano nacional, revelando seu potencial de veículo promocional e implicado também na sustentação de novas fronteiras, da legitimação de partidos e fundamentação de identidades territoriais.

A partir do rompimento, que teve início com a *Nakba*, ocorreu o início de uma formulação de uma noção de “palestinidade”, que se relacionou com a tradição, o pertencimento social e a resistência, a partir da ausência de um Estado autônomo. Essa noção pós-ocupação orientou a reorganização da própria identidade palestina e sua história, tendo de grande influência, até o momento atual, na maneira como os palestinos agem, se organizam e se definem. Assim, essa fragmentação e crise em direção à busca do reconhecimento pela autodeterminação nacional, a partir da qual se pensa o palestino, é central para a compreensão das categorizações de seus órgãos representativos e de suas implicações para suas aspirações na geografia esportiva.

O cenário esportivo olímpico se apresenta como um momento oportuno para, no caso palestino, mas não só, desenvolver o engajamento em uma maneira particular de negociação por soberania. Bem como alavancar a discussão dos próprios efeitos da ocupação territorial e dispersão populacional na formação da sua equipe olímpica e nas narrativas compartilhadas por esta durante a realização do evento.

A ambição olímpica proporciona, sob a intensa globalização contemporânea, uma possibilidade de maior visibilidade internacional para o discurso desenvolvido em suporte à causa palestina. Esse aumento de visibilidade se coaduna à demanda por reconhecimento iniciada com a expropriação e deslocamento ocorridos a partir de 1948. Além disso existe uma potencialização da própria noção de identidade nacional a partir das plataformas

políticas oferecidas pelos eventos olímpicos. Como afirmado anteriormente, a identidade nacional palestina emerge, de fato, sob o impacto da dissolução de seu Estado. Portanto, a nação palestina configura-se como uma reação às implicações deste fato sob a *Nakba*, a partir de uma ação onde os palestinos, na intenção de confirmá-la, recorrem a memórias anteriores ao deslocamento forçado.

Para além do tema do retorno, a população autóctone compartilha uma intensificação da própria noção de identidade palestina. Esse fortalecimento é evidenciado, globalmente, com maior impacto nos grandes eventos esportivos. Mesmo a partir do movimento universalizante do esporte moderno, algumas características específicas estão em jogo, possibilitando a emergência de diferenciações. A tradicional *kufiyah*, carregada nos ombros pelos atletas no desfile da cerimônia de abertura, é um símbolo central da luta palestina, expressão do sentimento anticolonial e nacionalista, que é parte central do projeto político palestino no cenário internacional. A delegação, ao se inserir em tal cenário, acessa um âmbito central na esfera esportiva global, sendo a participação no Movimento Olímpico um possível acesso ao *status* de soberania que é compartilhado pelos outros integrantes.

O esporte, desde o momento de sua introdução local, foi estabelecido a partir de paradigmas político-partidários, embora oferecesse, também, modelos para a burocratização e a secularização, relação que é vista em diversos outros contextos nacionais no Oriente Médio. A história do esporte na Palestina, no entanto, é escrita sob a lógica do orientalismo, a partir de instituições de base sionista, que visavam seus próprios interesses nessa disputa de narrativas. Sua introdução, feita a partir do futebol, demonstra que, apesar de uma rápida popularização da modalidade a partir do final do século XIX, existe uma institucionalização tardia, realizada a partir de clubes sionistas, já durante o movimento de ocupação territorial empreendido pelos judeus.

O primeiro clube esportivo foi fundado em 1921 pela comunidade judaica sionista. O momento principal de difusão do esporte no território palestino está atrelado ao período de transição entre o colonialismo britânico e a fundação do Estado de Israel. A década de 1920 assiste a uma migração massiva de judeus para o território palestino. A concomitância da institucionalização do esporte com o acirramento das questões territoriais elucida a evidência dada pelos clubes

esportivos a uma cultura nacionalista. Essas narrativas orientaram uma perspectiva esportiva para a disputa entre a manutenção da independência da Palestina e o pleito do Estado de Israel.

A associação, no sentido forte, entre o esporte e a resistência política, ganha profundidade quando colocado sobre o fato de que a institucionalização do esporte e seus agentes, apontavam para as relações entre o movimento sionista e seus aliados do império colonial britânico. Com a expansão dos clubes sociais com atuação esportiva, a partir da década de 1940, ocorreu a instrumentalização desses mesmos no desenvolvimento social, com a figuração, por parte dessas associações, de elementos nacionalistas.

Em 1933, a Palestina figura no COI como Estado autônomo, sendo a sua participação dissolvida em 1955. Apenas em 1993 houve o reconhecimento provisório por meio de assembleia realizada em Mônaco, a partir de uma decisão do conselho executivo da instituição. Nessa arena de negociações internacionais existentes nas grandes organizações esportivas, o conceito de nação se apresenta como central. A esfera esportiva, nesse sentido, torna-se, também, uma expressão de um movimento pela libertação do povo palestino, provocado pelo confronto e a resistência em torno das questões de reconhecimento do Estado. Há uma confluência com o mecanismo, desenvolvido também em resposta à ocupação, que é a própria “palestinidade”, atrelando os referenciais simbólicos à consciência política nas arenas de negociação por uma autodeterminação nacional.

Segundo impressões recorrentes, a geografia atlética se mostra mais inclusiva que o sistema das nações unidas, tendo em vista que a ONU reconhece menos Estados independentes que o COI. Esse fato impulsiona uma noção de que há objetivos não esportivos que são legítimos para os pequenos Estados em eventos esportivos internacionais. Nessas oportunidades, são estabelecidas relações de reconhecimento dos problemas sociais, particularmente importante para Estados marginalizados em diversos espaços do sistema internacional. Portanto, a apropriação política dos Jogos Olímpicos Rio 2016, demonstra um impacto positivo, especialmente na divulgação do movimento de mobilização que propagandeia o boicote, desinvestimento e sanções internacionais contra bens e ações do Estado de Israel (PALESTINE UNBOUND, 2016).

O universo esportivo figura como um dos lugares públicos nos quais, segundo Jamal (2011), projetos palestinos são contextualizados e mesmo estendidos. Além do fundamental reconhecimento, portanto, ocorre também uma ampliação de uma perspectiva, por meio de narrativas - circunstancialmente elaboradas em tom heroico - símbolos emblemáticos e *performances* que criam uma imagem de si diante do conflito.

Tem sido observado o incremento de expressões opostas ao sectarismo como um dos efeitos profícuos da atuação de autoridades esportivas e atletas na cena internacional (KHAMI, 2016), dos quais a criação de uma rede de solidariedade ao povo palestino nas redes sociais é um exemplo pertinente, envolvendo a interação entre questões políticas, movimentos sociais identitários e a experiência digital mediada por tecnologias de informação e mídias de massa, que cada vez mais revelam sua potência de influência na dinâmica geopolítica. O tema do “renascimento” do esporte moderno na Palestina, como é tratado pelas autoridades políticas e jornais locais, não é sugestivo apenas por indicar a disposição ativa dos palestinos a constituir seu esporte a partir de suas próprias referências sócio-histórico-culturais, mas expressa o horizonte de uma transformação, uma certa “palestinização” do esporte, associando-o e aos projetos de futuro de um povo em luta por uma autonomia ainda por vir.

A transformação das contradições oriundas das relações coloniais em fatores motivacionais de fomento à formação de uma unidade identitária - marca destacada por Guttmann (1994) nas regiões em que o esporte moderno surgiu como imposição, transposição ou exclusão - é um dos fatores relevantes do processo, e que a análise das descrições do *Al Quds* tentou delinear. Neste ponto, há o detalhe pertinente de que os discursos jornalísticos sobre os atletas se tratar de narrativas heroicas, que, no contexto do esporte, são emblemas da saga do próprio povo palestino, possibilitando perceber as trajetórias de superação de obstáculos dos atletas como propriamente narrativas históricas palestinas em sentido forte.

A presença de um agente político da magnitude do Major-General Jibril Rajoub na burocracia esportiva deve ser tomada como evidência da utilização do esporte das mais diversas formas políticas, dos quais o caso palestino revela-se, na avaliação dos analistas, como um mero caso não diferente dos demais países, com a especificidade do aludido cruzamento de agendas e demandas

(GALYLE, 2018) se dar com as demandas diaspóricas palestinas, visto o seu desenvolvimento num contexto e ambiente esportivo beligerante.

No plano subjetivo das experiências de lutas individuais e coletivas, Schiocchet (2015) realça a dinâmica dada entre o contexto sociopolítico e o sujeito dado na conformação e significação da experiência histórica, de modo que o enfrentamento à violência, o horror a guerra e a precariedade das condições de existência são intrínsecas às estratégias de autodeterminação empreendidas pelos palestinos em suas diversas frentes de atuação. No processo, há uma renovação das práticas de militância política, motivadas pela emergência de novas pautas (como a questão da mulher, da qual a experiência da atleta M. Al Saiyad se mostrou bastante singular) em nível interno e novos associativismos transnacionais.

A transposição da narrativa heroica de combatentes e militares para atletas, indo além da associação identificada por Amara (2012) nas expressões de heroísmo, faz uma transmutação da narrativa sob o signo da guerra, que lhe serve de matriz referencial e forma de expressão. Nesse sentido, cada partida ou disputa cumprida nos grandes eventos esportivos perfumaria a vitória de mais uma batalha, embora não ainda a guerra. É deste modo que de certa maneira, à revelia das restrições territoriais impostas por Israel e resistência ao seu reconhecimento no sistema internacional, um sentido histórico, político e ético de uma comunidade vem sendo delineado e progressivamente apresentado à comunidade internacional por meio de documentos, como o *Palestinian Action Plan* (2011) apresentado pela Autoridade Nacional Palestina anunciado ao Fórum Internacional de Genebra para o Esporte, Paz e Desenvolvimento, da ONU, e aqui tratado.

Por isso, na disputa por legitimação, a experiência esportiva e olímpica palestina informa quanto à pertinência da presença e participação em arenas públicas de relacionamento e negociação, mostrando não ser suficiente apenas poder falar, mas estar presente e assegurar participação. A narrativa heroica também remete à dimensão emocional-afetiva da dinâmica identitária, realçando os sentimentos de orgulho e honra que perpassam a experiência olímpica. "Honrar a nação", apesar das adversidades, nessa circunstância, escancara a permanência do *apartheid*, que justifica as dificuldades dos atletas representantes (individualmente em suas carreiras e enquanto coletividade

singular), dando conotação holística e história política à *performance* esportiva – o que pode ser observado na atual compreensão do *Hamas*, governo da Palestina, de investir em políticas públicas que, de modo, colateral, superem as limitações à prática esportiva pela população, como educação, saúde e recuperação da guerra (DART, 2020).

Por uma espécie de retórica da superação, uma imagem de um povo é refletida em seus atletas, na mesma medida em que o esporte incrementa elementos de construção e transmissão de sua memória, compreendendo-se neste processo uma mutação dinâmica de ícones simbólicos, práticas sociais, formas de organização política e estratégias representativas.

Veja, por exemplo, o teor da cobertura jornalística de *Palestine Unbound*, que expõe as condicionantes sociopolíticas da participação da delegação palestina no Jogos do Rio 2016, redundando na ocupação territorial e diáspora, cuja consequência é a composição heterogênea da delegação palestina em termos de locais de origem e residência dos atletas. Esta pluralidade reafirma, efetivamente, a situação de diáspora e exílio, e a arena esportiva permite, ainda que não sem limitações, a conformação de uma unidade política, ligada por laços identitários, origem territorial e convergência de objetivos comuns.

Assim, além das restrições de acesso e circulação, bem como os bloqueios políticos impostos pelo *apartheid* que Desai e Syek (2019) pontuam nas negociações políticas multilaterais, a subversão discursiva operada pela narrativa heroica e a retórica da superação são uma outra possibilidade de transposição do *apartheid* em outros termos, formalizando, por meio e através do esporte, narrativas que articulam uma história coletiva e confere ao atleta um lugar de protagonismo - experiência complexa e contraditória de soma da fidelidade à tradição e da familiarização do externo - atualizando a questão de o que é ser palestino na atualidade.

No sentido da potência associativa que a pauta palestina opera na comunidade internacional, reitera-se o Movimento Jogos Olímpicos sem Apartheid e a saudosa postura da população, da diplomacia brasileira e do Ministério do Esporte do Brasil, que exemplificam a eficácia do esporte na construção de uma cultura de paz, apesar de todo o aparato de repressão e violência estatais que se mobilizam nestas circunstâncias, e que também é uma forma de relocar o *apartheid* em outros termos, considerando, assim como

Gaffney (2015), as intervenções de segurança pública operadas no Rio de Janeiro que mesclavam "(...) mascaravam lógicas raciais e coloniais" (DESAI E SYKES, 2019). Esta realidade entra em contradição, uma vez que no plano internacional o Brasil contribuía ao estabelecimento da paz mundial, da qual a participação como mediador do conflito Palestina-Israel é exemplar de disposições de respeito aos direitos humanos que devem ser mantidas e continuamente aperfeiçoadas.

De modo que "ser visto" como uma nação perante a comunidade internacional concorre ao fortalecimento da "palestinidade" - percepção de si fundada na partilha de senso de pertencimento, história e horizonte tidos comuns. Este entendimento ensaia uma aproximação com a ideia de Hobsbawn (2011) de que, para além dos limites territoriais, a experiência de um Estado-nação atravessa o tempo. A diáspora, então, ao contrário de impedir o acesso e a participação da Palestina no esporte, conforma a singularidade de seus atletas, tornando-se um elemento necessário à sua afirmação política e sem o qual seria impossível habitar os mapas esportivo e olímpico. A invisibilidade no plano social é, assim, parcialmente refutada, pela presença palestina em campos de atividade e esferas de negociação que, por recepcioná-la (na condição de Estado), reconhecem, ainda que de maneira instável e contraditória, a sua autodeterminação.

Os discursos de autoridades políticas como Jibril Rajoub (Comitê Olímpico), dão mostras do entrelaçamento entre desenvolvimento olímpico e desenvolvimento social que estão na base da política de esporte formulada pela Autoridade Nacional Palestina em seu diálogo criativo com os códigos esportivos e de direitos humanos. A institucionalização e profissionalização promovidas assim surtem efeitos na política local e fornece ferramentas diplomáticas, interessando à história e sociologia do esporte, bem como a discussão relativa às relações internacionais.

A unidade performativa, contudo, não é totalmente pacificada, uma vez que os próprios símbolos eleitos como representativos da "palestinidade" são objetos de disputa, não devendo ser dissociados. Portanto, do ambiente nativo de negociações em que tais sentidos são constituídos, e que por não serem evidentes nos palcos dos megaeventos esportivos, exigem o aprofundamento da investigação, com trabalho de campo e ampliação do escopo da pesquisa.

Como apontado, os procedimentos de seleção de atletas é expressivo de reconfigurações na geopolítica, em que avanços como o hasteamento da bandeira e execução do hino da Palestina chamam à atenção para a mobilização eficaz de símbolos que confirmam inteligibilidade para os outros atores em interlocução e confirmam certa condição de igualdade no diálogo intercultural, neste caso, mediado pelo esporte - veja-se, por exemplo, a cobertura da recepção da missão palestina na abertura dos Jogos Olímpicos pelo *Al Quds*.

As implicações no tocante à questão da diáspora e ao direito de retorno, destacadas por Amara (2012), suscitam o debate quanto de Feldman (2007) quanto à necessidade de superar as categorias jurídicas vigentes (refugiado, cidadão), no direito internacional, endereçando mais diretamente os estudos do tema ao dimensionamento de perdas e à amplitude das reivindicações palestinas articuladas nos campos supranacionais e multilaterais, o que na presente dissertação de mestrado foi preliminarmente delineado e diz respeito ao aspecto da justiça, compreendendo a pactuação de medidas reparatórias. Daí compreender-se aqui, assim como Tavares (1998; 2003), a pertinência de considerar o aspecto ritual das cerimônias olímpicas, e mesmo das competições esportivas em geral, integrando à análise o seu atributo criativo, isto é, possibilitar a criação de sentidos, tendo sido aqui enfatizado o sentido e o sentimento de "palestinidade", nominalmente o ressurgimento do corpo palestino pelo viés esportivo

Nem mesmo a secularização das sociedades árabes, retomando novamente Amara (2012), pode ser vista com ingenuidade de rendição ao Ocidente e também como dispositivo de subjetivação, cujo efeito nunca é a dissolução étnica (por aculturação), mas a produção do *socius*, caracterizando mecanismo de defesa à ocupação invasora, que é a condição mesma de sua existência. O manejo de símbolos, como as bandeiras da Palestina e da Revolta Árabe, nesse sentido, é expressivo dos diferentes níveis de abrangência e interseções diversas que a dinâmica identitária parece carregar, estabelecendo, numa dupla via, identificações e distinções entre grupos sociais. Assim, a enunciada "aspiração" palestina, referida à sua autodeterminação, bem como ao seu reconhecimento (KHALIDI, 2014), se reflete na *performance* esportiva, cultural e outras que vêm sendo interpretados como processos de materialização de relações de pertencimento, conforme advoga Abufarha (2008).

Na cobertura dos jornais analisados, é expressivo que as narrativas pelos atletas sobre as dificuldades enfrentadas com a precariedade de condições de vida e exercício do esporte tem o papel de caracterizar em detalhes a realidade do conflito Palestina-Israel da qual são decorrentes e condicionante do desempenho dos atletas. Nesta medida, as trajetórias de atletas são compreendidas numa retórica da superação que valoriza o esforço pessoal e se estabelecem como uma espécie de representação emblemática da saga de um povo. Uma das conclusões possíveis é que na origem do renascimento do esporte moderno na região árabe, especificamente na Palestina, está o pleito de independência que perpassa a experiência olímpica, com atravessamentos diversos, alguns dos quais tratados nesta dissertação. Outros, correlatos, poderão ser melhor desenvolvidos em novas pesquisas.

Os sentidos construídos entre os palestinos, como expressam a cobertura jornalística local e a bibliografia especializada, enfatizam a sua condição de subalternidade, sugerindo uma possível forma propriamente palestina de atribuir sentido à sua experiência esportiva, que tem a especificidade de operar uma conexão direta entre narrativas biográficas e históricas. No âmbito da "geografia esportiva" a eficácia dessas estratégias tem a ver, além da capacidade estratégica dos palestinos, com o seu contexto de maior permeabilidade de questões de representativas, característica destacada por Khalidi e Raab (2017). Esta perspectiva permeou todo o trabalho de pesquisa realizado, no entanto a ênfase recai sobre o ponto de vista palestino do ângulo da *performance* esportiva-identitária nos contextos dos Jogos Olímpicos Rio 2016; já a atuação pragmática da autoridade nas instâncias multilaterais de negociação, como o COI, exigiria um estudo específico, atento ao panorama geopolítico, às relações de poder, à correlação de forças e à capacidade persuasiva de discursos, elementos que este trabalho pretendeu articular.

Nessas *performances*, sustenta-se, a experiência de uma consciência política, fundada no desejo de autodeterminação e contínua representatividade (esta, dada pela presença e participação como unidade política), ativando narrativas consensuais reelaborando-as ritualmente. Deste modo foi explorado o cenário de tensionamento possibilitado pelo trânsito entre o tradicional e moderno, de que falam Tomlinson e Young (2006), compreendidas interdependências entre os ambientes local (interno) e global característica da

universalização do esporte (GUTTMANN, 1988). Em um arranjo intrincado, finalmente, as plataformas esportivas e políticas podem assegurar sentidos comuns, critérios de identificação e *status* de privilegiado, em que o fenômeno esportivo, contextualizado numa realidade de conflito belicoso, pode alcançar o patamar de uma prática de resistência.

## REFERÊNCIAS

- ABU- LUGHOD, L. **As mulheres muçulmanas realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre as reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros.** *American Anthropologist*, v. 104, n. 3, p. 783-790, 2002
- ALBERNAZ, **OLIMPÍADAS RIO 2016: Uma análise de discurso e conteúdo das postagens do Ministério do Esporte no Facebook**, 2016. Disponível em <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/12299/1/51500395.pdf>>. Acesso em 14 Abr. 2020.
- AOURAH, M. Aouragh. **Hasbara 2.0: Israel's Public Diplomacy in the Digital Age**, Middle East Critique. Routledge, 2016.
- ALKEMEYER, T & RICHARTZ, A. **The Olympic Games: from ceremony to show.** *Olympika*, n. 2, p. 79-89, 1993.
- ALVES MEDEIROS, **Valores em Jogo: Cerimônias Esportivas como Rituais Seculares e Emulação de Valores**, 2012. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/161369272.pdf>>. Acesso em 22 Mar. 2020.
- ALMEIDA, B. S.; MEZZADRI, F. M.; MARCHI, J., W. **Considerações sociais e simbólicas sobre sedes de megaeventos esportivos. Motrivivência**, Florianópolis, n. 32-33, p. 178-192, out. 2010.
- ARAÚJO, I. L. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2001.
- ABUFARHA, N. **Land of Symbols: Cactus Poppies, Orange and Olive Trees in Palestine.** *Identities*, 15(3), 343–368, 2008.
- ABU-LUGHOD, L.; SA'DI, A. (eds.). **Nakba: Palestine, 1948, and the Claims of Memory**. New York: Columbia University Press, 2007.
- ANDERSON, B. R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- AMARA, M. **Sport, politics and society in the arab world**. Palgrave Macmillan, 2012.
- AMARA, M. **Sport, politics and society in the arab world**. Palgrave Macmillan, 2012.
- AMARA, M. **Olympic Sport and Internationalism Debates in the Arab-Muslim World**. In: *Internationalism in the Olympic Movement*. VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2011. p. 37-52.
- AMARA, M. **The Olympic Movement and the Middle East and North African Region: History, Culture and Geopolitics — An Introduction**. *The International Journal of the History of Sport*, 34:13, 1343-1346, 2017.

ALPEROVICH, A. **Israel's integration within the Olympic Movement, 1948 – 1951**. Journal Israel Affairs, v.13, 2007.

BAEZA, **LATIN AMERICA'S TURN TO THE RIGHT: IMPLICATIONS FOR PALESTINE**, 2017. Disponível em <[https://al-shabaka.org/wp-content/uploads/2017/01/Baeza\\_PolicyBrief\\_Eng\\_Jan2017.pdf](https://al-shabaka.org/wp-content/uploads/2017/01/Baeza_PolicyBrief_Eng_Jan2017.pdf)>. Acesso em 14 Abr. 2020.

BAKAN, **Palestinian resistance and international solidarity: the BDS campaign**, 2009, Disponível em <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306396809106162>>. Acesso em 14 Abr. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BENTO, B. **Ilan Pappé: história e verdade**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 7, n. 2, jul. dez. 2017, pp. 523-528.

BROHM, Jean-Marie. **La tyrannie sportive: théorie critique d'un opium du peuple**. Editions Beauchesne, 2006.

BUTLER, B; AL-NAMMARI, F; **"We Palestinian Refugees" – Heritage Rites and/as the Clothing of Bare Life: Reconfiguring Paradox, Obligation, and Imperative in Palestinian Refugee Camps in Jordan**. Journal of Contemporary Archaeology, p. 147. 2016.

COHEN, H. **The rise and fall of Arab Jerusalem: Palestinian politics and the city since 1967**. New York: Routledge, 2011.

CORRETI, L. **The role of social media in the Arab uprisings – past and present**. 2013. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/316087357\\_The\\_role\\_of\\_social\\_media\\_in\\_the\\_Arab\\_uprisings\\_-\\_past\\_and\\_present](https://www.researchgate.net/publication/316087357_The_role_of_social_media_in_the_Arab_uprisings_-_past_and_present)>. Acesso em: 14 Abr. 2020

CUNHA, A. C. M.; LUZIO, C. A.; PAIVA CRUZ, S. G. F. **A arqueogenealogia como ferramenta de pesquisa no campo da Atenção Psicossocial**. R. Ci. Hum., v. 48, n. 2, p. 186-203, jul./dez. 2014.

CLEMESHA, A. E. **Da ideia de transferência à realização da limpeza étnica: contribuições da nova historiografia israelense e palestina**. PUCviva Revista, v.34, p.6-12, jan./abr. 2009.

CLEMESHA, A. E. **Palestina, 1948-2008: 60 anos de desenraizamento e desapropriação**. Tiraz, v. 5, p. 167-187, 2008.

DAHER, W. **Sports History in Palestine**. 2008

DAHER, J. **Syria After the Uprisings : The Political Economy of State Resilience**. Chicago: Haymarket Books, 2019.

DART, Jon. **Showing Israel the red card. Activists engaged in pro-Palestinian sport-related campaigns**. International journal of sport policy and politics, v. 9, n. 3, p. 521-539, 2017.

DART, Jon. **Sport and peacebuilding in Israel/Palestine**. Journal of Global Sport Management, p. 1-22, 2019.

DESAI, C.; SYKES, H. **An 'Olympics without Apartheid': Brazilian-Palestinian solidarity against Israeli securitisation**. Journal of Palestine Studies, v. 6, p. 27-45, 2019.

DORSEY, J. M. **Constructing national identity: the muscular jew vs the palestinian underdog**. RSiS Working Paper, v. 290, p. 1-30, apr. 2015.

DORSEY, J. M. **The Turbulent World of Middle East Soccer**. Oxford University Press, 2016.

DORSEY, J. **Shifting Sands: Essays On Sports And Politics In The Middle East And North Africa**. WSPC, 2017.

DURET, Pascal. **Sociologie du sport**. Paris: Presses Universitaires de France, 2019.

FALAH, G; FLINT, C.; MAMADOUH, V. **Just War and Extraterritoriality: The Popular Geopolitics of the United States War on Iraq are Reflected in Newspapers of the Arab world**. Annals of the Association of American Geographers, p. 142–164, 2006.

FELDMAN, I. **Refusing Invisibility: Palestinian Refugee Claims**. International journal of Cultural Studies, p. 467-482, 2011.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOSSHAGEN, F. **Arab Spring: Uprisings, Power, Interventions**. Berghah Books, 2014.

GUTTMANN, A. **Games and Empires: Modern Sport and Cultural Imperialism**. New York: Columbia University Press, 1994.

GUTTMANN, A. **The Cold War and the Olympics**. Londres: Sage Publications, 1998.

GUTTMANN, A. **The Olympics. A history of the Modern Games**. Champaign: University of Illinois Press, 2002.

HAZARD, P. D.; GUTTMAN, A. **From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports**. Pp. 198. New York: Columbia University Press, 1978. The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, 441(1), 220–221, 1979.

HAMID, I. **Palestinian Activists Use of New Media to Call to End the Palestinian Rift**. Disponível em <[https://www.academia.edu/10250077/Palestinian\\_Activists\\_Use\\_of\\_New\\_Media\\_to\\_Call\\_to\\_End\\_the\\_Palestinian\\_Rift](https://www.academia.edu/10250077/Palestinian_Activists_Use_of_New_Media_to_Call_to_End_the_Palestinian_Rift)>. Acesso em 14 Abr. 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de: SILVA, T. T.; G. L. L. 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011. Título Original: The question of cultural identity.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HOBSBAWM, E. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. 7ª ed. - Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

HOBSBAWM, E. **A era dos impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOBSBAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1994.

HOURANI, A. **Uma História dos povos árabes**. Tradução de: SANTARRITA, M. São

HUBERMAN, **Judaização da Palestina ocupada: colonização, desapropriação e deslocamento em Jerusalém Oriental, Cisjordânia e Faixa de Gaza entre 1967 e 2013**, 2014. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/111152>>. Acesso em 04 Abr. 2020.

JAMAL. **The Palestinian Media: An Obedient Servant or a Vanguard of Democracy?** Journal of Palestine Studies, v. 29, n. 3, pp. 45-59, 2000.

KHALIDI, I. **Sports and Aspirations: Football in Palestine, 1900–1948**. Journal of Palestine Studies - Jerusalem Quarterly, v. 58, p. 74, 2017.

KHALIDI, I. **Palestine Sports and Scouts: Factional Politics and the Maccabiad in the 1930s**. Journal of Palestine Studies - Jerusalem Quarterly, v. 63, p. 87, 2015.

KHALIDI, I. **The Coverage of Sports News in “Filastin”, 1911–1948**. Journal of Palestine Studies - Jerusalem Quarterly, v. 44, p. 45-69, 2010.

KHALIDI, I. **Body and Ideology: Early Athletics in Palestine, 1900 - 1948**. Journal of Palestine Studies - Jerusalem Quarterly, v. 27, p. 27, 2006.

KHALIDI, I.; RAAB, A. K. **Palestine and the Olympics – A History**. The International Journal of the History of Sport, v. 34, Special Issue: The Olympic Movement and the Middle East and North African Region: History, Culture and Geopolitics, 2017.

KUMMELS, I. **Anthropological Perspectives on Sport and Culture: Against Sports as the Essence of Western Modernity**. Routledge research in sport, culture and society, v. 21, p. 7-28, 2013.

LORENZO, C. **The role of social media in the Arab uprisings – past and present**. Londres : Communication and Media Research Institute of the University of Westminster, 2013.

MALLON, B. HEIGMANS, J. **Historical Dictionary of the Olympic Movement**. 4ª ed. Scarecrow Press, 2011.

MARTEL, F. **Mainstream - A guerra global das mídias e das culturas**. Tradução de: MARQUES, C. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 490 p. Título original: *Mainstream - enquête sur cette culture qui plaît à tout le monde*.

MASALHA, N. **El problema de los refugiados palestinos sesenta años después de la Nakba**. Madri: Casa Árabe e Instituto Internacional de Estudios Árabes y del Mundo Musulmán, 2011.

MOREIRA, Danilo Sorato Oliveira. **Continuidades e Descontinuidades nos Governos Temer e Bolsonaro na Política Externa Brasileira (2016-2020)** Mural Internacional, p. 11, p. 51549, 2020.

MUSA, I. **The Palestinian Media System**. University of Missouri-Columbia, p. 66, 1998.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Resolução histórica foi aprovada por 138 votos a favor, nove contra e 41 abstenções entre os 193 Estados-Membros do organismo**. Nações Unidas Brasil, 2012. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/assembleia-geral-da-onu-concede-status-de-estado-observador-nao-membro-a-palestina/>>. Acesso em: 02/07/2019.

PAPPÉ, I. **A limpeza étnica na Palestina**. Editora Sundermann.

**PALESTINE UNBOUND**. Journal of Palestine Studies, v. 44, p. 191-203, 2014.  
PAPPÉ, I. **The Ethnic Cleansing of Palestine**. 2ª Ed. ONEWord Publications Limited. 2007.

PENFOLD, T. **National identity and sporting mega-events in Brazil**. Sport in society, v. 22, n. 3, p. 384-398, 2019

PODEH, E. **The symbolism of the Arab flag in modern Arab states: between commonality and uniqueness\***. Nations and Nationalism, v. 17, n. 2, p. 419–442, 2011.

QUING, L., V. Boccia, L., Chunmiao, H., Xing, L., Fu, Y., & Kennett, C. **Representing the Opening Ceremony: Comparative Content Analysis from USA, Brazil, UK and China.** *The International Journal of the History of Sport*, 27(9-10), p. 1591–1633, 2010.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **"O trabalho na forma de alegria juvenil": a ginástica segundo Johann Christoph Friedrich e Guts Muths.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 34, n. 2, p. 359-373, 2012.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **Da 'Ginástica para a juventude' à 'A ginástica alemã': observações acerca dos primeiros manuais alemães de ginástica.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 37, n. 2, p. 111-118, 2015.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **A Ginástica Alemã: aspectos da obra de Friedrich Ludwig Jahn.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 36, 2016.

ROVEDER, **Jogos da exclusão: Rio 2016 e o militarismo urbano de uma cidade global de vitrine,** 2019. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/183455>>\_Acesso em 04 Abr. 2020.

SAID, E. W. **A questão da Palestina.** 1ª Ed. São Paulo: Unesp, 2009.

SAID, E. W. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAID, E. W. **Cultura e Política.** São Paulo: Boitempo, 2003.

SAID, E. W. **Permission to Narrate.** *London Review of books*, v. 6, n 4, p. 27-48, 1984.

SALEM, H. **O Que é Questão Palestina.** 2ª ed. Brasiliense. São Paulo, 1983.

SANTOS D. B., **A política externa do governo Lula com relação ao conflito Israel-Palestina,** 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742014000200189&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742014000200189&script=sci_arttext)>. Acesso em 04 Abr. 2020.

SAVIGH, R. **"Fazendo Palestinos Desaparecer: Um Projeto Colonialista"** in Schiocchet, Leonardo (Org.). *Entre O Velho e o Novo Mundo: A Diáspora Palestina desde o Oriente Médio à América Latina.* Lisboa: Chiado Editora, 2015.

SCHAUSTEK DE ALMEIDA, **O BRASIL E OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: os subsídios da política externa,** 2014. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2014v26n42p13/27338>>. Acesso em 15 Mar. 2020

SCHIOCCHET, L. **Palestinidade: resistência, tempo e ritual no campo de refugiados palestinos Al-Jalil, Líbano,** 2013. Disponível em <<http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/194>>. Acesso em 04 Abr. 2020.

SCHIOCCHET, L. **The Least of “The Undesirables”:** 117 Palestinian Refugees in Brazil between Humanitarianism and Nationalism. Paper presented at the conference Refugee Voices. Refugee Study Centre (RSC), University of Oxford, Oxford/UK, 2014.

SCHIOCCHET, L. **Por uma Antropologia Assimétrica da Palestinidade.** In Schiocchet, Leonardo (Org.). *Entre o Velho e o Novo Mundo: A Diáspora Palestina desde o Oriente Médio à América Latina.* Lisboa: Chiado Editora. p. 7-49, 2015.

SCHIOCCHET, L. **Uma Nação Sem Estado: A Palestina dos Palestinos** in LIMONCIC, Flávio & MARTINHO, Francisco. *A Experiência Nacional*, pp. 353-84. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2017.

SCHIOCCHET, L. **Extremo Oriente Médio, Admirável Mundo Novo: A Construção Do Oriente Médio E A Primavera Árabe.** In *Tempo do Mundo*, v. 3, n. 2, aug. Brasília/Brazil: IPEA, 2011.

SHOR, E.; YONAY, Y. **Play and shut up’: the silencing of Palestinian athletes in Israeli media.** *Ethnic and Racial Studies*, v. 34, p. 229-247, 2011.

SOREK, T. **Palestinian Nationalism has Left the Field – A Shortened History of Arab Soccer in Israel.** Cambridge University Press: *International Journal of Middle East Studies*, v. 35, n. 3 - Special Issue: Commemorating the 1973 War, p. 417-437, 2003.

T. **The Sports Column as a Site of Palestinian Nationalism in the 1940’s.** *Israel Affairs* 13 (3), 2007.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STEIN, R.; SWEDENBURG, T. **Popular culture, Relational History and the question of power in Palestine and Israel.** *Journal of Palestine Studies*, v. 33, p. 5-20, 2004.

TERRET, Thierry. **Histoire du Sport.** Paris: Presses Universitaires de France, 2019.

TOMLINSON, A. **Olympic spectacle: opening ceremonies and some paradoxes of globalization.** *Media, Culture & Society*, 18(4), p. 583–602, 1996.

VANDRESEN, D. **O discurso como elemento de articulação entre a arqueologia e a genealogia de Michel Foucault.** 121 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2008.

VISER, M. **Attempted Objectivity: An Analysis of the New York Times and Ha’aretz and Their Portrayals of the Palestinian-Israeli Conflict,** 2003.

VILLANUEVA, Nicholas Jr. **The Athlete as National Symbol: Critical Essays on Sports in the International Arena.** McFarland, p. 145, 2020.

YOUNES, **An International Perspective: Gender Equity in Sport in Palestine**, 2020. Disponível em <<https://www.igi-global.com/chapter/an-international-perspective/232626>>. Acesso em 25 Mar. 2020.